Convergência

518

JANEIRO/FEVEREIRO • 2019 • ANO LIV

Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil - CRB
ISSN 0010 - 8162

Convergencia JANEIRO 2019.indd 1 07/11/2018 09:08:25

Convergência ISSN 0010-8162

Diretora: Irmã Maria Inês Vieira Ribeiro, mad
Editor: Irmão Lauro Daros, fms
Redatora: Irmã Maria Aparecida das Dores Silva, fsp – MTb 3773/DF

Conselho Editorial: Pe. Ângelo Mezzari, rcj
Irmã Helena Teresinha Rech, sst
Irmã Vera Ivanise Bombonatto, fsp
Jaldemir Vitório, sj
Irmã Nivalda Milak, fdz

Projeto gráfico: Manuel Rebelato Miramontes
Diagramação: Dulciene Luzia Almeida
Revisão: Irmão Lauro Daros, fms
Impressão: Editora FTD - Sede São Paulo
Ilustração da capa: Irmã Patrícia Souza da Silva

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 – Brasília - DF
Tel.: (61) 3226-5540
E-mail: crb@cbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

Sumário

Editorial

DIREITO E JUSTIÇA EM TODO O TEMPO 5

Mensagem do papa

CARTA DO PAPA FRANCISCO AO POVO DE DEUS 9

Mártires/Santos

IRMÃ DULCE, O ANJO BOM DO BRASIL 15

Informes

OS JOVENS, A FÉ E O DISCERNIMENTO VOCACIONAL 20
Frei Rubens Nunes da Mota, OfmCap

BEATIFICAÇÃO DE 19 MÁRTIRES DA ARGÉLIA 26
Irmão Rafael Ferreira Júnior, ifms

Artigos

FELIZ QUEM OBSERVA O DIREITO E PRATICA A JUSTIÇA EM TODO O TEMPO - *Frei Carlos Mesters, Carmelita* 31

OLHAR ATENTO PARA O ENTARDECER DA VIDA E SUAS INTERFACES - *Irmã Nilva Rosin* 43

DECIFRAR A ESFINGE - VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA NA ERA DIGITAL - *Padre Plutarco Almeida, sj* 54

JUVENTUDE NEGRA: LUTA E RESISTÊNCIA 65
José Rodrigo Pontes, M. Cândida Lima e Lucia Isabel da Conceição

NO TEU ESPÍRITO, QUEREMOS VER...VOLTAR A VER 78
Frei Claudemir Rozi, O. Carm.

A ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL NA VRC 95
Irmã Flávia Matias de Queiróz, RIC

MISSÃO NA AMAZÔNIA: DA EQUIPE ITENERANTE À REDE ITINERANTE DA REPAM 113
Equipe Itinerante

Convergencia JANEIRO 2019.indd 4 07/11/2018 09:08:25

DIREITO E JUSTIÇA EM TODO O TEMPO

A Conferência dos Religiosos e Religiosas do Brasil deseja Feliz 2019 à VRC, especialmente aos leitores e leitoras da Convergência, revista da CRB. Que seja um ano de paz, de luz e de esperança. Este ano é um tempo importante para a VRC, pois de 10 a 14 de julho acontecerá a XXV Assembleia Geral Eletiva, quando se definirão o Horizonte e as Prioridades da VRC para o próximo Triênio: 2019 - 2022. Que a XXV AGE se realize em clima de docilidade ao sopro e à luz do Espírito Santo.

Papa Francisco, na Carta ao Povo de Deus, cita São Paulo: "Um membro sofre? Todos os outros membros sofrem com ele" (1 Co 12, 26). Refere-se ao sofrimento vivido por muitos menores devido aos abusos sexuais, de poder e de consciência cometidos por um número notável de clérigos e pessoas consagradas. Expressa o Papa que "a dor das vítimas e das suas famílias é também a nossa dor, por isso é preciso reafirmar mais uma vez o nosso compromisso em garantir a protecção de menores e de adultos em situações de vulnerabilidade".

A Seção Mártires/Santos vem com a biografia da Imã Dulce, o Anjo Bom do Brasil. Irmã Dulce morreu em 13 de março de 1992, pouco tempo antes de completar 78 anos. No velório, na Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia, em Salvador, políticos, empresários, artistas, se misturavam à dor de milhares de pessoas simples e anônimas. A fragilidade com que viveu os últimos 30 anos da sua vida – tinha 70% da capacidade respiratória comprometida - não impediu que ela construísse e mantivesse uma das maiores e mais respeitadas instituições filantrópicas do país, uma verdadeira obra de amor aos pobres e doentes.

Na Seção Informe, Frei Rubens nos oferece sua visão a respeito do Sínodo sobre os Jovens, Fé e o Discernimento Vocacional, realizado

em outubro de 2018. "Vejo que o Sínodo sobre os Jovens, a Fé e o Discernimento Vocacional é uma grande manifestação de amor do papa Francisco para com os jovens! Não é somente um evento, mas um alerta para acordar a sociedade, a Igreja e a família para os perigos e para os valores básicos da vida diante de tantas ameaças de morte: motivações para viver e fazer viver! Buscando ter bases sólidas, o Sínodo nos traz uma análise da realidade e nos convoca para o protagonismo juvenil".

Ir. Rafael fala da Beatificação de 19 Mártires da Argélia, um testemunho que anima, questiona e ilumina a Vida Religiosa Consagrada. Informa o autor: "No dia 8 de dezembro, festa da Imaculada Conceição de Maria, a Igreja Católica, particularmente aquela que está na Argélia, África, viveu uma significativa experiência com a beatificação de Pierre Claverie, bispo, e 18 Companheiros Mártires. Esse acontecimento nos toca de um modo muito especial, uma vez que todos os mártires beatificados pertencem à Vida Religiosa Consagrada".

Frei Carlos Mesters abre a Seção Artigos, meditando sobre o Tema e o Lema da Campanha da Fraternidade 2019. "O Tema 'Fraternidade e Políticas Públicas' mostra o horizonte dentro do qual se projeta a Campanha de Fraternidade deste ano de 2019 e reflete a necessidade urgente de políticas públicas adequadas para construir no Brasil uma fraternidade mais fiel à Boa Nova de Deus, que Jesus nos trouxe. O Lema oferece o instrumento com que devemos trabalhar dentro deste horizonte. O texto do lema 'Serás libertado pelo direito e pela justiça' é uma adaptação bonita da profecia de Isaías para a cidade de Jerusalém (Is 1,27). Este texto de Isaías vai ser o pano de fundo desta nossa reflexão sobre o tema e o lema da Campanha de Fraternidade".

"Olhar atento para o entardecer da vida e suas interfaces" é texto da Irmã Nilva Rosin, sobre a arte de saber envelhecer e os cuidados com as pessoas idosas. Escreve a autora: "vivemos num momento histórico em que as pessoas estão vivendo mais. Envelhecer com qualidade de vida exige um cuidado humanizado, realizando mudanças diante das novas exigências que esse fenômeno apresenta. A longevidade saudável está associada à melhoria da qualidade e condições gerais de vida. O entardecer da vida sinaliza para a arte de saber envelhecer desde um olhar atento para o cuidado integral da Vida Religiosa Consagrada (VRC) como espaço de fecundidade da graça".

Padre Plutarco Almeida, com o texto "Decifrar a Esfinge - Vida Religiosa Consagrada na Era Digital", propicia à VRC refletir sobre o

uso das novas tecnologias a serviço da justiça e da paz, da fraternidade, do respeito e da tolerância entre as pessoas. "Que as tecnologias sejam nossas aliadas, aliadas do Evangelho, e não inimigas. Com abertura, discernimento à luz da Palavra e muita ousadia, vamos decifrando o enigma e tornando a VRC atual, eficaz e coerente com a sua missão de ser sal e luz do mundo' (...)"

José Rodrigo, Maria Cândida e Lúcia Isabel expõem sobre Juventude Negra: Luta e Resistência". Os autores expressam que "o genocídio do jovem negro no país não é mero acaso. Atende a uma estrutura de poder que tem suas raízes fincadas em meados do século XV com o início do processo de "colonização". É preciso essa retomada de discussão para podermos entender o cenário atual, onde esses jovens negros são as principais vítimas do sistema, figurando como os mais pobres e como as principais vítimas de homicídios por armas de fogo..."

No teu Espírito, queremos ver... voltar a ver... A espiritualidade Bíblica que anima a Vida Religiosa Consagrada, texto de Frei Claudemir Rozi, traz reflexões sobre Zaqueu e Bartimeu. "O desejo de Zaqueu de ver Jesus, que acaba se tornando um encontro íntimo e pessoal, transforma e reorienta toda sua vida. Esse episódio da busca e do encontro de Zaqueu nos ajuda a perceber o nosso encontro com o Cristo. (...) Bartimeu nos ensina que muitas vezes precisamos novamente retomar a visão, lutar contra a cegueira que nos derruba às margens do caminho, suplicar novamente o dom de enxergar o que não conseguimos mais ver como antes".

Irmã Flávia Matias de Queiroz toca no tema orientação espiritual, que está em crise, com o texto "A Orientação Espiritual na Vida Religiosa Consagrada". A autora conceitua orientação espirutual e fala de sua importância, para que a VRC possa redescobrir o valor da orientação espirutal. Para Irmã Flávia, "o ponto alto da OE é a experiência espiritual da pessoa orientada, que se revela, especialmente, na oração. Isso não significa deixar de lado outros aspectos da vida, como os afetivos e psicológicos. Se se desconsidera esses aspectos, está fadada a ser mais prejudicial que útil à pessoa".

"Missão na Amazônia: da Equipe Itinerante à Rede Itinerante da REPAM". A Equipe Itinerante da REPAM publica este texto informando que "a REPAM está pouco a pouco construindo uma VISÃO compartilhada, territorial e geopolítica, da Amazônia, na qual propõe uma MISSÃO comum de cuidado da "Casa Comum" (missão "geo")

e do bem comum, ("bem viver") de todos os seres que nela habitam (missão "eco-política"), e para isso está tecendo um CORPO EM REDE que articule todas as forças vivas missionárias eclesiais e também não-eclesiais e geopolíticas (dentro do possível) na região Amazônica assim como fora dela, em nível internacional e mundial.

Irmão Lauro Daros - marista

CARTA DO PAPA FRANCISCO AO POVO DE DEUS

Papa Francisco[1]

"Um membro sofre? Todos os outros membros sofrem com ele" (1 Co 12, 26). Estas palavras de São Paulo ressoam com força no meu coração ao constatar mais uma vez o sofrimento vivido por muitos menores devido aos abusos sexuais, de poder e de consciência cometidos por um número notável de clérigos e pessoas consagradas. Um crime que gera profundas feridas de dor e impotência, em primeiro lugar nas vítimas, mas também em suas famílias e na inteira comunidade, tanto entre os crentes como entre os não-crentes. Olhando para o passado, nunca será suficiente o que se faça para pedir perdão e procurar reparar o dano causado. Olhando para o futuro, nunca será pouco tudo o que for feito para gerar uma cultura capaz de evitar que essas situações não só não aconteçam, mas que não encontrem espaços para serem ocultadas e perpetuadas. A dor das vítimas e das suas famílias é também a nossa dor, por isso é preciso reafirmar mais uma vez o nosso compromisso em garantir a protecção de menores e de adultos em situações de vulnerabilidade.

Um membro sofre?

Nestes últimos dias, um relatório foi divulgado detalhando aquilo que vivenciaram pelo menos 1.000 sobreviventes, vítimas de abuso sexual, de

1 http://w2.vatican.va. Acesso setembro 2018.

poder e de consciência, nas mãos de sacerdotes por aproximadamente setenta anos. Embora seja possível dizer que a maioria dos casos corresponde ao passado, contudo, ao longo do tempo, conhecemos a dor de muitas das vítimas e constamos que as feridas nunca desaparecem e nos obrigam a condenar veementemente essas atrocidades, bem como unir esforços para erradicar essa cultura da morte; as feridas "nunca prescrevem". A dor dessas vítimas é um gemido que clama ao céu, que alcança a alma e que, por muito tempo, foi ignorado, emudecido ou silenciado. Mas seu grito foi mais forte do que todas as medidas que tentaram silenciá-lo ou, inclusive, que procuraram resolvê-lo com decisões que aumentaram a gravidade caindo na cumplicidade. Clamor que o Senhor ouviu, demonstrando, mais uma vez, de que lado Ele quer estar. O cântico de Maria não se equivoca e continua a sussurrar ao longo da história, porque o Senhor se lembra da promessa que fez a nossos pais: "dispersou os soberbos. Derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes. Aos famintos encheu de bens e aos ricos despediu de mãos vazias" (Lc 1, 51-53), e sentimos vergonha quando percebemos que o nosso estilo de vida contradisse e contradiz aquilo que proclamamos com a nossa voz.

Com vergonha e arrependimento, como comunidade eclesial, assumimos que não soubemos estar onde deveríamos estar, que não agimos a tempo para reconhecer a dimensão e a gravidade do dano que estava sendo causado em tantas vidas. Nós negligenciamos e abandonamos os pequenos. Faço minhas as palavras do então Cardeal Ratzinger quando, na Via Sacra escrita para a Sexta-feira Santa de 2005, uniu-se ao grito de dor de tantas vítimas, afirmando com força: "Quanta sujeira há na Igreja, e precisamente entre aqueles que, no sacerdócio, deveriam pertencer completamente a Ele! Quanta soberba, quanta autossuficiência!... A traição dos discípulos, a recepção indigna do seu Corpo e do seu Sangue é certamente o maior sofrimento do Redentor, o que Lhe trespassa o coração. Nada mais podemos fazer que dirigir-Lhe, do mais fundo da alma, este grito: Kyrie, eleison – Senhor, salvai-nos (cf. Mt 8, 25)" (Nona Estação).

Todos os outros membros sofrem com ele.

A dimensão e a gravidade dos acontecimentos obrigam a assumir esse fato de maneira global e comunitária. Embora seja importante e necessário em qualquer caminho de conversão tomar conhecimento do que aconteceu, isso, em si, não basta. Hoje, como Povo de Deus, somos desafiados a assumir a dor de nossos irmãos feridos na sua carne

e no seu espírito. Se no passado a omissão pôde tornar-se uma forma de resposta, hoje queremos que seja a solidariedade, entendida no seu sentido mais profundo e desafiador, a tornar-se o nosso modo de fazer a história do presente e do futuro, num âmbito onde os conflitos, tensões e, especialmente, as vítimas de todo o tipo de abuso possam encontrar uma mão estendida que as proteja e resgate da sua dor (cf. Exort. ap. Evangelii gaudium, 228). Essa solidariedade exige que, por nossa vez, denunciemos tudo o que possa comprometer a integridade de qualquer pessoa. Uma solidariedade que exige a luta contra todas as formas de corrupção, especialmente a espiritual "porque trata-se duma cegueira cômoda e autossuficiente, em que tudo acaba por parecer lícito: o engano, a calúnia, o egoísmo e muitas formas sutis de autorreferencialidade, já que 'também Satanás se disfarça em anjo de luz' (2 Cor 11, 14)" (Exort. ap. Gaudete et exultate, 165). O chamado de Paulo para sofrer com quem sofre é o melhor antídoto contra qualquer tentativa de continuar reproduzindo entre nós as palavras de Caim: "Sou, porventura, o guardião do meu irmão?»" (Gn 4, 9).

Reconheço o esforço e o trabalho que são feitos em diferentes partes do mundo para garantir e gerar as mediações necessárias que proporcionem segurança e protejam a integridade de crianças e de adultos em situação de vulnerabilidade, bem como a implementação da "tolerância zero" e de modos de prestar contas por parte de todos aqueles que realizem ou acobertem esses crimes. Tardamos em aplicar essas medidas e sanções tão necessárias, mas confio que elas ajudarão a garantir uma maior cultura do cuidado no presente e no futuro.

Juntamente com esses esforços, é necessário que cada batizado se sinta envolvido na transformação eclesial e social de que tanto necessitamos. Tal transformação exige conversão pessoal e comunitária, e nos leva a dirigir os olhos na mesma direção do olhar do Senhor. São João Paulo II assim o dizia: "se verdadeiramente partimos da contemplação de Cristo, devemos saber vê-Lo sobretudo no rosto daqueles com quem Ele mesmo Se quis identificar" (Carta ap. Novo millennio ineunte, 49). Aprender a olhar para onde o Senhor olha, estar onde o Senhor quer que estejamos, converter o coração na Sua presença. Para isso nos ajudarão a oração e a penitência. Convido todo o Povo Santo fiel de Deus ao exercício penitencial da oração e do jejum, seguindo o mandato do Senhor [1], que desperte a nossa consciência, a nossa solidariedade e o compromisso com uma cultura do cuidado e o "nunca mais" a qualquer tipo e forma de abuso.

[1] "Esta espécie de demónios não se expulsa senão à força de oração e de jejum" (Mt 17, 21).

É impossível imaginar uma conversão do agir eclesial sem a participação ativa de todos os membros do Povo de Deus. Além disso, toda vez que tentamos suplantar, silenciar, ignorar, reduzir em pequenas elites o povo de Deus, construímos comunidades, planos, ênfases teológicas, espiritualidades e estruturas sem raízes, sem memória, sem rostos, sem corpos, enfim, sem vidas [2]. Isto se manifesta claramente num modo anômalo de entender a autoridade na Igreja – tão comum em muitas comunidades onde ocorreram as condutas de abuso sexual, de poder e de consciência – como é o clericalismo, aquela "atitude que não só anula a personalidade dos cristãos, mas tende também a diminuir e a subestimar a graça batismal que o Espírito Santo pôs no coração do nosso povo" [3]. O clericalismo, favorecido tanto pelos próprios sacerdotes como pelos leigos, gera uma ruptura no corpo eclesial que beneficia e ajuda a perpetuar muitos dos males que denunciamos hoje. Dizer não ao abuso é dizer energicamente não a qualquer forma de clericalismo.

É sempre bom lembrar que o Senhor, "na história da salvação, salvou um povo. Não há identidade plena, sem pertença a um povo. Por isso, ninguém se salva sozinho, como indivíduo isolado, mas Deus atrai-nos tendo em conta a complexa rede de relações interpessoais que se estabelecem na comunidade humana: Deus quis entrar numa dinâmica popular, na dinâmica dum povo" (Exort. ap. Gaudete et exultate, 6). Portanto, a única maneira de respondermos a esse mal que prejudicou tantas vidas é vivê-lo como uma tarefa que nos envolve e corresponde a todos como Povo de Deus. Essa consciência de nos sentirmos parte de um povo e de uma história comum nos permitirá reconhecer nossos pecados e erros do passado com uma abertura penitencial capaz de se deixar renovar a partir de dentro. Tudo o que for feito para erradicar a cultura do abuso em nossas comunidades, sem a participação ativa de todos os membros da Igreja, não será capaz de gerar as dinâmicas necessárias para uma transformação saudável e realista. A dimensão penitencial do jejum e da oração ajudar-nos-á, como Povo de Deus, a nos colocar diante do Senhor e de nossos irmãos feridos, como pecadores que imploram o perdão e a graça da vergonha e da conversão e, assim, podermos elaborar ações que criem dinâmicas em sintonia com o Evangelho. Porque "sempre que

[2] Cf. Carta do Santo Padre Francisco ao Povo de Deus que peregrina no Chile, 31 de Maio de 2018.
[3] Carta do Papa Francisco ao Cardeal Marc Ouellet, Presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina, 19 de Março de 2018.

procuramos voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho, despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de renovado significado para o mundo actual" (Exort. ap. Evangelii gaudium, 11).

É imperativo que nós, como Igreja, possamos reconhecer e condenar, com dor e vergonha, as atrocidades cometidas por pessoas consagradas, clérigos, e inclusive por todos aqueles que tinham a missão de assistir e cuidar dos mais vulneráveis. Peçamos perdão pelos pecados, nossos e dos outros. A consciência do pecado nos ajuda a reconhecer os erros, delitos e feridas geradas no passado e permite nos abrir e nos comprometer mais com o presente num caminho de conversão renovada.

Da mesma forma, a penitência e a oração nos ajudarão a sensibilizar os nossos olhos e os nossos corações para o sofrimento alheio e a superar o afã de domínio e controle que muitas vezes se torna a raiz desses males. Que o jejum e a oração despertem os nossos ouvidos para a dor silenciada em crianças, jovens e pessoas com necessidades especiais. Jejum que nos dá fome e sede de justiça e nos encoraja a caminhar na verdade, dando apoio a todas as medidas judiciais que sejam necessárias. Um jejum que nos sacuda e nos leve ao compromisso com a verdade e na caridade com todos os homens de boa vontade e com a sociedade em geral, para lutar contra qualquer tipo de abuso de poder, sexual e de consciência.

Desta forma, poderemos tornar transparente a vocação para a qual fomos chamados a ser "um sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano" (Conc. Ecum. Vat. II, Lumen gentium, 1).

"Um membro sofre? Todos os outros membros sofrem com ele", disse-nos São Paulo. Através da atitude de oração e penitência, poderemos entrar em sintonia pessoal e comunitária com essa exortação, para que cresça em nós o dom da compaixão, justiça, prevenção e reparação. Maria soube estar ao pé da cruz de seu Filho. Não o fez de uma maneira qualquer, mas permaneceu firme de pé e ao seu lado. Com essa postura, Ela manifesta o seu modo de estar na vida. Quando experimentamos a desolação que nos produz essas chagas eclesiais, com Maria nos fará bem "insistir mais na oração" (cf. S. Inácio de Loiola, Exercícios Espirituais, 319), procurando crescer mais no amor e na fidelidade à Igreja. Ela, a primeira discípula, nos ensina a todos os discípulos como somos

convidados a enfrentar o sofrimento do inocente, sem evasões ou pusilanimidade. Olhar para Maria é aprender a descobrir onde e como o discípulo de Cristo deve estar.

Que o Espírito Santo nos dê a graça da conversão e da unção interior para poder expressar, diante desses crimes de abuso, a nossa compunção e a nossa decisão de lutar com coragem.

Francisco

Cidade do Vaticano, 20 de Agosto de 2018.

IRMÃ DULCE, O ANJO BOM DO BRASIL

FONTE: WWW.IRMADULCE.ORG.BR/PORTUGUES/RELIGIOSO/VIDA-DE-IRMA-DULCE

Conteúdo produzido pela Assessoria de Comunicação da OSID

Segunda filha do dentista Augusto Lopes Pontes, professor da Faculdade de Odontologia, e de Dulce Maria de Souza Brito Lopes Pontes, ao nascer em 26 de maio de 1914, em Salvador, Irmã Dulce recebeu o nome de Maria Rita de Souza Brito Lopes Pontes. O bebê veio ao mundo na Rua São José de Baixo, 36, no bairro do Barbalho, na freguesia de Santo Antônio Além do Carmo. A menina Maria Rita foi uma criança cheia de alegria, adorava brincar de boneca, empinar arraia e tinha especial predileção pelo futebol - era torcedora do Esporte Clube Ypiranga, time formado pela classe trabalhadora e os excluídos sociais.

Aos sete anos, em 1921, perde sua mãe Dulce, que tinha apenas 26 anos. No ano seguinte, junto com seus irmãos Augusto e Dulce (a querida Dulcinha), faz a primeira comunhão na Igreja de Santo Antônio Além do Carmo.

A vocação para trabalhar em benefício da população carente teve a influência direta da família, uma herança do pai que ela levou adiante, com o apoio decisivo da irmã, Dulcinha. Aos 13 anos, graças a seu

destemor e senso de justiça, traços marcantes revelados quando ainda era muito novinha, Irmã Dulce passou a acolher mendigos e doentes em sua casa, transformando a residência da família – na Rua da Independência, 61, no bairro de Nazaré, num centro de atendimento. A casa ficou conhecida como 'A Portaria de São Francisco', tal o número de carentes que se aglomeravam a sua porta. Também é nessa época que ela manifesta pela primeira vez, após visitar com uma tia áreas onde habitavam pessoas pobres, o desejo de se dedicar à vida religiosa.

Em 08 de fevereiro de 1933, logo após a sua formatura como professora, Maria Rita entra então para a Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, na cidade de São Cristóvão, em Sergipe. Em 13 de agosto de 1933, recebe o hábito de freira das Irmãs Missionárias e adota, em homenagem a sua mãe, o nome de Irmã Dulce.

A primeira missão de Irmã Dulce como freira foi ensinar em um colégio mantido pela sua congregação, no bairro da Massaranduba, na Cidade Baixa, em Salvador. Mas, o seu pensamento estava voltado mesmo para o trabalho com os pobres. Já em 1935, dava assistência à comunidade pobre de Alagados, conjunto de palafitas que se consolidara na parte interna do bairro de Itapagipe. Nessa mesma época, começa a atender também os operários que eram numerosos naquele bairro, criando um posto médico e fundando, em 1936, a União Operária São Francisco – primeira organização operária católica do estado, que depois deu origem ao Círculo Operário da Bahia. Em 1937, funda, juntamente com Frei Hildebrando Kruthaup, o Círculo Operário da Bahia, mantido com a arrecadação de três cinemas que ambos haviam construído através de doações – o Cine Roma, o Cine Plataforma e o Cine São Caetano. Em maio de 1939, Irmã Dulce inaugura o Colégio Santo Antônio, escola pública voltada para operários e filhos de operários, no bairro da Massaranduba.

Em 1939, Irmã Dulce invade cinco casas na Ilha dos Ratos, para abrigar doentes que recolhia nas ruas de Salvador. Expulsa do lugar, ela peregrina durante uma década, levando os seus doentes por vários locais da cidade. Por fim, em 1949, Irmã Dulce ocupa um galinheiro ao lado do Convento Santo Antônio, após autorização da sua superiora, com os primeiros 70 doentes. A iniciativa deu origem à tradição propagada há décadas pelo povo baiano de que a freira construiu o maior hospital da Bahia a partir de um simples galinheiro. Já em 1959, é instalada oficialmente a Associação Obras Sociais Irmã Dulce e no ano seguinte é inaugurado o Albergue Santo Antônio.

O incentivo para construir a sua obra, Irmã Dulce teve do povo baiano, de brasileiros de diversos estados e de personalidades internacionais. Em 1988, ela foi indicada pelo então presidente da República, José Sarney, com o apoio da Rainha Sílvia, da Suécia, para o Prêmio Nobel da Paz. Oito anos antes, no dia 7 de julho de 1980, Irmã Dulce ouvia do Papa João Paulo II, na sua primeira visita ao país, o incentivo para prosseguir com a sua obra.

Irmã Dulce e o Papa João Paulo II voltariam a se encontrar em 20 de outubro de 1991, na segunda visita do Sumo Pontífice ao Brasil. João Paulo II fez questão de quebrar o rigor da sua agenda e foi ao Convento Santo Antônio visitar a religiosa baiana, cuja saúde já se encontrava bastante debilitada em função de problemas respiratórios. Cinco meses depois da visita do Papa, os baianos chorariam a morte do Anjo Bom do Brasil.

Irmã Dulce morreu em 13 de março de 1992, pouco tempo antes de completar 78 anos. No velório, na Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia, em Salvador, políticos, empresários, artistas, se misturavam à dor de milhares de pessoas simples e anônimas. A fragilidade com que viveu os últimos 30 anos da sua vida – tinha 70% da capacidade respiratória comprometida - não impediu que ela construísse e mantivesse uma das maiores e mais respeitadas instituições filantrópicas do país, uma verdadeira obra de amor aos pobres e doentes.

A caminho da Canonização

A causa da Canonização de Irmã Dulce foi iniciada em janeiro de 2000. Com o início do processo, seus restos mortais, que desde 1992 (ano de seu falecimento) estavam na Igreja da Conceição da Praia, foram então transferidos para a Capela do Convento Santo Antônio, na sede das Obras Sociais Irmã Dulce (OSID), também em Salvador. A validação jurídica do virtual milagre presente no processo foi emitida pela Santa Sé em junho de 2003. Já em abril de 2009, o Papa Bento XVI reconheceu as virtudes heróicas da Serva de Deus Dulce Lopes Pontes, autorizando oficialmente a concessão do título de Venerável à freira baiana. O título foi o reconhecimento de que Irmã Dulce viveu, em grau heróico, as virtudes cristãs da Fé, Esperança e Caridade.

O voto favorável e unânime da Congregação para a Causa dos Santos, que levou ao título de Venerável, havia sido concedido em 2008 e

anunciado em janeiro de 2009 pelo colégio de cardeais, bispos e teólogos após a análise da Positio – documento canônico misto de relato biográfico e das virtudes e resumo dos testemunhos do processo. Os teólogos que estudaram a vida e as obras de Irmã Dulce a definiram como a "Madre Teresa do Brasil", pelas semelhanças do seu testemunho cristão com a Beata de Calcutá, sendo "um conforto para os pobres e um exame de consciência para os ricos".

No dia 9 de junho de 2010 é realizada a exumação e transferência das relíquias (termo utilizado para designar o corpo ou parte do corpo dos beatos ou santos) da Venerável Dulce para sua capela definitiva, localizada na Igreja da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, situada ao lado da sede da OSID. A Capela das Relíquias foi construída na própria Igreja da Imaculada Conceição, erguida no local do antigo Cine Roma e do Círculo Operário da Bahia, construídos pela freira na década de 40.

Em outubro de 2010, a Congregação para a Causa dos Santos, através de voto favorável e unânime de seu colégio de cardeais e bispos, reconheceu a autenticidade de um milagre atribuído à Irmã Dulce, cumprindo, dessa forma, a penúltima etapa do processo de Canonização: estágio que levaria à beatificação da religiosa no ano seguinte. O anúncio foi feito no dia 27 de outubro de 2010 pelo então Arcebispo Primaz do Brasil, cardeal D. Geraldo Majella Agnelo, em coletiva realizada na sede das Obras Sociais Irmã Dulce, em Salvador.

O referido milagre ocorreu na cidade de Itabaiana, em Sergipe, quando, após dar à luz a seu segundo filho, Gabriel, Claudia Cristina dos Santos sofreu uma forte hemorragia, durante 18 horas, tendo sido submetida a três cirurgias na Maternidade São José. Diante da gravidade do quadro, o obstetra Antônio Cardoso avisou a família que apenas "uma ajuda divina" poderia salvar a vida de Cláudia. Em desespero, a família da miraculada chamou o padre José Almí para ministrar a unção dos enfermos. O padre, no entanto, decidiu fazer uma corrente de oração pedindo a intercessão de Irmã Dulce e deu a Cláudia uma pequena relíquia da Bem-Aventurada. A hemorragia cessou subitamente.

O caso de Cláudia foi analisado por dez peritos médicos brasileiros e seis italianos. Segundo o médico Sandro Barral, um dos integrantes da comissão científica que analisou o milagre, "ninguém conseguiu explicar o porquê daquela melhora, de forma tão rápida, numa condição tão adversa". O milagre passou por três etapas de avaliação: uma reunião com peritos médicos (que deram o aval científico), com te-

ólogos, e, finalmente, a aprovação final do colégio cardinalício, tendo sua autenticidade reconhecida de forma unânime em todos os estágios.

Já no dia 10 de dezembro de 2010, o Papa Bento XVI autoriza então a promulgação do decreto do milagre que transformava a Venerável Dulce em Beata, ou Bem-Aventurada. A autorização foi dada pelo pontífice ao prefeito da Congregação para as Causas dos Santos, Cardeal Angelo Amato, em audiência privada no Vaticano.

Com o reconhecimento final do Papa, abriu-se caminho então para a realização da Cerimônia de Beatificação de Irmã Dulce, evento ocorrido no dia 22 de maio de 2011, em Salvador. Na ocasião, a freira baiana passou a ser reconhecida com o título de "Bem-Aventurada Dulce dos Pobres", tendo o dia 13 de agosto como data oficial de celebração de sua festa litúrgica.

Atualmente, Irmã Dulce está em processo final de Canonização, etapa que teve início em dezembro de 2010, a partir do decreto papal. Para a canonização é necessária a aprovação de um novo milagre atribuído à intercessão do beato. Contudo, essa nova graça, para ser analisada pelo Vaticano como potencial milagre de sua santificação ou canonização, precisará ter ocorrido após o dia 11 de dezembro de 2010 – data da promulgação do decreto papal sobre o primeiro milagre. No momento da canonização, o Santo Padre, em virtude da sua infalibilidade, declara que o beato está entre os santos do céu e inscreve seu nome na lista oficial (cânon) dos Santos da Igreja.

Oração à Irmã Dulce

Senhor nosso Deus,
lembrados de vossa filha,
a Bem-Aventurada Dulce dos Pobres,
cujo coração ardia de amor por vós e pelos irmãos,
particularmente os pobres e excluídos,
nós vos pedimos:
dai-nos idêntico amor pelos necessitados;
renovai nossa fé e nossa esperança
e concedei-nos, a exemplo desta vossa filha,
viver como irmãos,
buscando diariamente a santidade,
para sermos autênticos discípulos missionários
de vosso filho Jesus.
Amém.

OS JOVENS, A FÉ E O DISCERNIMENTO VOCACIONAL

Frei Rubens Nunes da Mota[1], OFMCap.

No mês de outubro de 2018, vivenciamos o Sínodo sobre os Jovens, Fé e o Discernimento Vocacional. Evento este que precisa ser compreendido dentro de um processo maior, que o papa Francisco tem nos mostrado, pedagogicamente: onde a vida clama.

Sob o meu ponto de vista, este processo começou com a instituição do Ano da VRC. Naquela ocasião, diante de um mundo pessimista, de crises e falta de perspectivas, fomos exortados a sermos presença alegre junto ao povo de Deus, facilitadores e não controladores da graça.

Na sequência, tivemos o Ano da Misericórdia, quando houve uma convocação para uma Igreja que consiga chegar na essência das pessoas, em seu coração, como forma de enfrentar o individualismo e o personalismo frio e isolante. Diante de uma Igreja estagnada, o apelo para sermos uma Igreja de acolhida e em saída.

Contudo, o Santo Padre notou que se fazia necessário olhar para a Igreja doméstica: a família e sua situação. Veio o Sínodo sobre a Família para reconhecer os sofrimentos da família e saber acolher mais a diversidade do que julgá-la e excluí-la.

1 Religioso da Ordem dos Frades Menores. Durante cinco anos assessor de Setor Juventude da CRB Nacional. Bacharel em Teologia e graduado em psicologia, especialista em Terapia Sistêmica (Terapeuta Familiar). Mestre em Psicologia pela Universidade Católica de Brasília. Autor de vários livros, entre eles, Juventudes e Trejetória Social – o crack como sinalizador do contexto; Juventudes – o exercício de aproximação.

Diante desta realidade, houve um retorno à misericórdia, com roupagem diferente, através da exortação sobre a Santidade, mostrando que todos e todas somos chamados à santidade no mundo atual. Uma santidade possível a partir do cotidiano, do ordinário, do século, do simples e complexo. Mostrou-nos que ser santo, nestes contextos, muitas vezes, é andar na contramão. É não ignorar as injustiças deste mundo. É sermos presença, onde a vida clama.

Neste momento, houve uma verticalização para aqueles e aquelas que padecem com a falta de perspectiva, diante de um cenário de depressão e suicídio. Vejo que o Sínodo sobre os Jovens, a Fé e o Discernimento Vocacional é uma grande manifestação de amor do papa Francisco para com os jovens! Não é somente um evento, mas um alerta para acordar a sociedade, a Igreja e a família para os perigos e para os valores básicos da vida diante de tantas ameaças de morte: motivações para viver e fazer viver!

Buscando ter bases sólidas, o Sínodo nos traz uma análise da realidade e nos convoca para o protagonismo juvenil. Vemos alguns elementos que aparecem no documento preparatório do Sínodo e que nos ajuda, como VRC, a sermos mais presentes na vida das Juventudes.

Veremos alguns tópicos tratados no evento.

Contexto social e eclesial

O Sínodo nos alertou sobre a fragilidade das instituições gerando uma crença baixa, especialmente quanto ao poder judiciário e político. Contudo, percebe-se um descrédito do sistema familiar, um certo descrédito do papel dos pais e da educação, com o aumento da violência na escola e desrespeito à classe dos educadores.

Quanto à instituição Igreja, ainda temos um nível razoável de aprovação, porém com grande índice de descompromisso e relativismo diante dos valores que são transmitidos. Obviamente que encontramos motivos para tanto, sejam externos, devido ao hedonismo e individualismo que acentuam o personalismo, empoderando as pessoas para imporem seu modo de pensar, sejam internos, devido a alguns clérigos que têm sua expressão no clericalismo, que acreditam que são detentores do poder, desmerecendo a caminhada dos leigos e leigas.

Estes ambientes favorecem a manifestação de polos. Por um lado, o conservadorismo, ressuscitando um tradicionalismo tridentino que

pouco ajuda na evangelização diante das demandas de nossa época. Por outro lado, algumas posturas laxistas, com relativismo dos costumes e normas, que banalizam o sagrado. É importante evitarmos estes polos que não nos ajudam a sermos Igreja povo de Deus, impedindo-nos de ver e de nos envolver com as realidades onde a vida clama. Ao contrário, corremos o risco de sermos contratestemunhas em um mundo que tanto precisa de referências positivas para vencer tendências secularistas que estão rompendo com os valores cristãos.

Contrastes em relação à figura do papa Francisco

O Sínodo aconteceu em um contexto em que não é incomum percebermos manifestações de amor e vibração para com as atitudes do papa Francisco diante de tantas mudanças e testemunhos de uma Igreja que se aproxima dos empobrecidos e excluídos. Contudo, vemos igualmente sinais de ódio ou apatia diante deste pastor, por incomodar a tantos que se encontram em um modelo de igreja acomodada, configurando zona de conforto e comodidade.

Neste sentido, percebemos outros contrastes: alas da Igreja que percebem o Papa como agregador, por trazer os afastados e provocar diálogo com outras religiões; contudo, alguns o percebem como divisor, por inquietar e dividir internamente; outros o percebem como testemunho jesuano, por exalar a fragrância de Jesus de Nazaré por onde passa e no que fala, bem como franciscano, por ser um testemunho vivo de Francisco de Assis; porém, outros o comparam à besta fera, sendo 'inimigo da Igreja'; muitos de nós o vemos como referência que gera sonhos e esperanças, especialmente nas Juventudes; outros o acham destruidor da Igreja por propor uma Igreja em saída, evangelizadora.

Presença do papa Francisco junto às juventudes

Desde que assumiu o pontificado, Francisco tem-se mostrado muito próximo das Juventudes. Vemos alguns destaques que apareceram na Jornada Mundial da Juventude (JMJ) do Rio em 2013 e em Cracóvia em 2016.

Com grande capacidade de empatia e encantamento, conseguiu atrair, agregar e se comunicar com as Juventudes presentes. Mostrou-se próximo e envolvente, despertando empatia e carinho que envolvia a grande multidão presente. Conseguia ainda desenvolver uma sintonia que provocava respeito e admiração.

Algo impressionante na relação do papa Francisco com o povo, e com a Juventude em especial, é a possibilidade de despertar a Fé e Esperança através de sua convocação, alertando que as Juventudes devem ser guardiãs da Esperança, nunca perdendo a alegria e o encanto que lhes são próprios.

Outro aspecto marcante em sua relação com a Juventude diz respeito ao seu incentivo para a missão, como sentinelas do hoje e do amanhã, sem perder a atenção e o carinho para o Profetismo.

Juventudes

O Sínodo traz alguns elementos que mostram os cenários das Juventudes e seus complicadores e elementos positivos. Relata sobre as influências dos diversos sistemas na configuração da identidade e personalidade, especialmente na geração Z, jovens com menos de 20 anos de idade. Alguns elementos positivos aparecem diante deste cenário, como o acesso a muitas informações, bom nível de flexibilidade e diversas possibilidades diante das muitas ofertas encontradas. Contudo, temos alguns complicadores, como o paradoxo das múltiplas escolhas, gerando confusão diante de tantas opções e provocando crises, como o desânimo, a depressão e o suicídio.

Diante deste quadro, é importante valorizarmos as possibilidades que surgem mediante a oferta que encontramos no cenário atual, mas cuidar para que estes excessos não gerem inconstância diante dos projetos pessoais, pois, se é importante ter flexibilidade, é preciso também se precaver diante da cegueira de escolha, ou seja, alienar-se de si mesmo diante do Projeto de Vida.

Nesta valorização das possibilidades, devemos considerar a identidade de cada Juventude: jovens do mundo urbano, que trazem um forte nível de influência da massificação que lhes é imposta por marcas, estilos e modelos, avassalando culturas e valores de indígenas, negros e empobrecidos entre outros; jovens com especificidades que dizem respeito às regiões do Pais; jovens que sofrem processos migratórios fortemente marcados por dificuldades financeiras. Esses processos interferem na identidade e autoestima de cada jovem.

Fé e vocação

O Sínodo retrata a Fé na mesma lógica do documento sobre santidade, ou seja, impulsiona para que as juventudes possam dar espaço ao sagrado que as anima e as torna discípulas e missionárias. Assim, Fé

e Vocação devem caminhar juntas, pois a iniciativa do chamado é de Deus, no entanto, de forma lúcida e otimista. É preciso evitar os polos da violência diante do chamado, por meio de pessoas que mais direcionam do que animam; também diante da apatia de muitos que desistem de chamar (ou porque são infelizes, ou pelo descrédito n'Aquele que continua chamando). O discernimento diante do chamado implica o processo que faz caminhar, questionar e purificar o formato do chamado. Este caminho é, justamente, para se verificar se as motivações são aquelas que puxam, se são atrativas; ou se empurram, ou seja, com tonalidades de fuga e compensação.

Nesta lógica, é bom que nos perguntemos, como VRC: como estamos para ajudar os jovens neste processo de discernimento vocacional? Como está a vocação de cada consagrado e consagrada? Como está a nossa vida comunitária/fraterna? E como estão nossas instituições fragilizadas? Tudo isto para que consigamos acompanhar e ajudar no discernimento das buscas juvenis, que já não são nada fáceis, como vimos acima.

Imaginemos se nós, ordens, congregações e novas comunidades, não estivermos acertadas conosco mesmas: o caos vocacional está posto, pois um "cego não guia outro cego"! É importante que nos ajustemos diante do que nos é prioritário: o núcleo identitário da VRC, as relações saudáveis que buscam potencializar cada membro, valorizar os dons e talentos a partir do comum em vista da missão.

Este fortalecimento é possível quando discernimos o processo vocacional e formativo em vista de solidificar a identidade e o carisma; quando possibilitamos a cultura do encontro com o diferente, de forma integradora, considerando a cultura alheia. Assim criamos novas relações que valorizam a identidade, consideram a alteridade, em vista da transcendência. Assim caminhando, nossa missão será construída a partir do coletivo, capaz de favorecer espaços para manifestação dos dons e talentos que cada pessoa traz.

Considerações finais

As problemáticas recorrentes que atacam as Juventudes – síndromes, depressão, demais patologias – geram nostalgia, individualismo, desistência dos projetos e da própria vida. A esperança, de um esperar apático, confabula com a ansiedade, que, por sua vez, corrobora com a angústia, que adoece. É preciso despertar para a espera de esperançar,

de assumir sua vida e seu papel, seu protagonismo. Nesta perspectiva, quais os contrapontos que a Igreja pode colocar para reavivar cada jovem? O Sínodo quer ser esta resposta. Diante do tema "Os Jovens, a Fé e o Discernimento Vocacional", quer trazer as Juventudes para a centralidade do projeto de Deus. E a chamada do papa Francisco ao dizer "Eu quis que vós estivésseis no centro da atenção, porque vos trago no coração", quer mostrar, com carinho, o lugar que ele quer que o jovem ocupe: o lugar central.

O desejo do papa Francisco é que a Igreja se interrogue sobre o modo de anunciar o Evangelho aos jovens, de acompanhá-los e ajudá-los no itinerário da vida cristã. Ao mesmo tempo, provocar as Juventudes para a Esperança do verbo esperançar, capazes de gerar Projeto de Vida, levando ao protagonismo eclesial e social.

Deus continua chamando. A iniciativa para convocar continua sendo d'Ele, tanto para vivermos, como para convivermos e sairmos em missão. Diante deste chamado é preciso que continuemos cuidando da VRC para que seja sinal do Reino, bem como animados e animadas para a missão, com a "oração insistente ao Senhor da messe" (cf. Mt 9,38). É preciso continuar falando ao coração das Juventudes a partir do testemunho e da centralidade no Evangelho.

Questões

1 – Como foi o nosso envolvimento no Sínodo e quais os aspectos que nos marcaram como VRC?

2 – Diante das provocações do papa Francisco sobre a centralidade do jovem na Igreja e o cuidado com as juventudes, como nossos projetos e propostas congregacionais e provinciais estão contemplando este apelo?

3 – Sabendo que somente cuidando do cuidador teremos capacidade para cuidar das juventudes, como estamos cuidando de nossas irmãs consagradas e irmãos consagrados e de nossas instituições para que acompanhem e acolham as juventudes que nos buscam?

BEATIFICAÇÃO DE 19 MÁRTIRES DA ARGÉLIA

UM TESTEMUNHO QUE ANIMA, QUESTIONA E ILUMINA A VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA

Ir. Rafael Ferreira Júnior, FMS[1]

No dia 8 de dezembro, festa da Imaculada Conceição de Maria, a Igreja Católica, particularmente aquela que está na Argélia, África, viveu uma significativa experiência com a beatificação de Pierre Claverie, bispo, e 18 Companheiros Mártires. Esse acontecimento nos toca de um modo muito especial, uma vez que todos os mártires beatificados pertencem à Vida Religiosa Consagrada.

Das oito famílias religiosas das quais provêm estes mártires, seis estão presentes no Brasil: Cistercienses (trapistas), Dominicanos, Maristas, Missionárias Agostinianas, Irmãzinhas da Assunção e Padres Brancos.

Quando, entre os anos de 1991 e 2002, uma violenta guerra civil assolou a Argélia, então uma jovem democracia, milhares de pessoas foram vitimadas. É nesse período que esses 19 missionários cristãos são violentamente assassinados. Os primeiros foram o Irmão Henri Vergès, marista, e a Irmã Paul-Hélène, Irmãzinha da Assunção, em maio de 1994. Ambos foram assassinados em seu posto de trabalho, na biblioteca do

1 Diretor do Centro de Estudos Maristas; formador do Juniorato; graduado em História e Teologia, com especialização em Teologia da Vida Consagrada. Publicaçoes: Coleção Simplesmente Irmãos (autobiografias vocacionais de Irmãos Maristas). Endereço: Rua Francisco Bretas Bhering, 81 – Copacabana. CEP 31550-060 – BH – MG. E-mail: rafael@marista.edu.br

bairro Casbah, em Argel, onde atendiam mais de mil jovens estudantes do Liceu. O G.I.A. (Grupo Islâmico Armado) reclamou para si a autoria do atentado. Mais tarde outros assassinatos ocorreram em diferentes partes do país, vitimando outros religiosos, entre os quais os sete monges Cistercienses de Tibhirine, que são os mais conhecidos deste grupo, já que sua impressionante saga chegou às telas do cinema, retratada por Xavier Beauvois (Homens e Deuses, 2010). O último assassinato foi o do bispo de Oran, o dominicano Pierre Claverie, em 1996.

Todos sabiam da gravidade do conflito fratricida que castigava o povo argelino e tinham consciência dos riscos que corriam, como estrangeiros e cristãos, ao permanecer na Argélia. Por isso, quando os conflitos recrudesceram, várias embaixadas recomendaram aos cidadãos de seus países que deixassem o quanto antes o território argelino. Já o arcebispo de Argel, Henri Teissier, aconselhou às comunidades religiosas estabelecidas na cidade que fizessem um discernimento para que cada um dos missionários escolhesse livremente sua permanência ou imediata partida do país. Contudo, mesmo podendo partir, a maioria deles optou por permanecer na Argélia.

Certamente os religiosos e religiosas temiam por sua segurança, por seu futuro, mas não a ponto de perder a paz interior. "Isso (a morte) faz parte do contrato, e isso será quando Ele quiser. Não será isso que nos impedirá de viver, do mesmo modo!", dizia, sereno, o Ir. Henri. Como aprenderam de Jesus, sabiam que o amor tem força irresistível e é capaz de vencer barreiras, mesmo as aparentemente intransponíveis. Esta era sua fé, tão bem expressa pelo bispo Claverie quando, certa vez, se perguntou: "o que é mais louco do que ir ao encontro da morte sem nenhum outro equipamento do que um amor desarmado e desarmante que morre perdoando?"

O martírio é um fenômeno que marcou muito profundamente as origens do Cristianismo. É preciso recordar, contudo, que a perseguição aos cristãos não é um fenômeno restrito aos primeiros séculos de sua existência, como, talvez, estejamos habituados a ver nos livros de História. Tampouco restringe-se às ações persecutórias do Império Romano contra os cristãos. Em todos os tempos, desde há dois mil anos, e sob os mais variados regimes políticos, os cristãos têm sofrido perseguições violentas, como restrição de liberdade de culto, negação de direitos civis, constrangimento pela forma de pensar e pela ética que praticam, e não poucos têm pagado com a própria vida o delito de sua fé em Jesus.

O século XX foi, surpreendentemente, o tempo em que mais se perseguiram e se assassinaram cristãos devido à sua fé. Nesse século, a perseguição aos cristãos foi sistemática, abrangente e devastadora. Ainda hoje os seguidores de Jesus são os mais perseguidos do mundo por razões de fé. Como Ele mesmo disse "se o mundo vos odeia, sabei que, primeiro, me odiou a mim" (cf. Jo 15,18).

Esta assombrosa realidade, no tocante aos religiosos, foi evidenciada por João Paulo II, em *Vita Consecrata*, 86, quando afirmou que

> neste século, como em outras épocas da história, homens e mulheres consagrados testemunharam Cristo Senhor com o dom da própria vida. Contam-se aos milhares aqueles que, escorraçados para as catacumbas pela perseguição de regimes totalitários ou grupos violentos, hostilizados na atividade missionária, na ação em favor dos pobres, na assistência aos doentes e marginalizados, viveram, e vivem, a sua consagração num sofrimento prolongado e heroico, chegando muitas vezes até ao derramamento do próprio sangue, plenamente configurados com o Senhor Crucificado.

A Argélia conseguiu sua independência do domínio francês somente em 1962, depois de uma guerra de quase oito anos. Desde então iniciou-se um progressivo êxodo de cristãos, quase todos europeus, que se sentiam ameaçados em meio à instabilidade política do país. A comunidade cristã, contudo, mesmo sensivelmente diminuída, perseverou em seu caminhar e, como um "pequeno resto", estabilizou-se em meio majoritariamente muçulmano. Seu grande líder nesse período foi o valente cardeal Léon-Etienne Duval.

Os cristãos argelinos, mesmo depois da independência do país, continuaram acreditando na coabitação pacífica e solidária entre cristãos e muçulmanos. Assim sendo, salvo em períodos de acirrados conflitos bélicos, sentiam-se seguros e à vontade em meio islâmico, já que estavam bem integrados à sociedade e cultura locais.

Particularmente para as religiosas e os religiosos – missionários/as na Argélia – o Islã e seus seguidores não eram uma ameaça. Ao contrário. Por enxergarem grande beleza no islamismo e por respeitarem seus seguidores, entre os quais se moviam sem ganância proselitista, mas unicamente motivados pelo desejo de servir a quem deles precisasse, eram amados pela gente simples, sobretudo os pobres com quem compartilhavam o que tinham e o que eram.

Henri Vergès e Christian de Chergé, por exemplo, participavam do Ribat, um grupo de estudo, reflexão e oração entre cristãos e muçulmanos. Neste espaço de diálogo e mútua ajuda foram amadurecendo, ano após ano, sua compreensão do Islã. A Vida Religiosa Consagrada, por meio desses irmãos de coração universal, se tornou ponte entre pessoas de crenças diferentes, fazendo-as entender que buscavam o mesmo Deus, ainda que por caminhos distintos.

O testamento de Christian, que se tornou célebre, registra sua visão clara, lúcida e desprovida de preconceito em relação aos argelinos e ao Islã:

> Sei bem o desprezo com o qual se chegou a estigmatizar os argelinos, globalmente considerados. Conheço também as caricaturas do Islã que um certo islamismo encoraja. É demasiado fácil ficar-se com a consciência em paz identificando esta religião com os integralismos dos seus extremistas"[2]

Jesus disse certa vez que "não se acende uma luz para deixá-la escondida". A luz, que tem como vocação essencial iluminar o que está em trevas, "deve ser posta em lugar visível" para que cumpra sua função (cf. Lc 8, 16). Para a Igreja, os homens e mulheres-luzes iluminam melhor a partir do altar, seja o do culto, seja o do coração humano. É, pois, do altar que melhor podem clarear as estradas daqueles que procuram guias seguros para seu peregrinar num mundo que nem sempre prefere a luz às trevas.

A beatificação com que foram honrados esses 19 mártires argelinos lança luzes sobre suas vidas, fazendo emergir da sombra do anonimato um testemunho coerente e vigoroso, sobretudo o profetismo de fronteira que haviam assumido em terras africanas. Quando a morte os surpreendeu, eles estavam em seus postos de trabalho, realizando o melhor que podiam a missão cotidiana. Aí santificavam-se, dia após dia, dando a vida gota a gota, e ainda assim dispostos a entregá-la inteiramente, definitivamente e irreversivelmente se o compromisso assumido lhes exigisse isso.

É como diz o papa Francisco, na *Gaudete et Exultate* nº 5,

> nos processos de beatificação e canonização, levam-se em consideração os sinais de heroicidade na prática das virtudes, o sacrifício da vida no martírio e também os casos em que se verificou um oferecimento da própria vida pelos outros, mantido até a morte. Esta doação manifesta uma imitação exemplar de Cristo, e é digna da admiração dos fiéis.

2 RICCARDI, Andrea. O século do martírio: os extermínios colectivos e o martírio individual dos Cristãos do século XX. Quetezal Editores: Lisboa, Portugal, 2002, p. 298.

É bem provável que, se não fosse pela beatificação recentemente celebrada, um número bem menor de pessoas conheceria estas vidas santas e admiráveis. Estes mártires, assim como Maria de Nazaré, são exemplo do que o Senhor pode fazer em seus discípulos quando se põem em suas mãos com infinita confiança. Porque "sem mim, nada podeis fazer" (c. Jo 15,5), porém, "eu os chamei para que deem frutos" (cf. Jo 15,16).

Concluímos este informe apresentando os nomes dos 19 bem-aventurados mártires argelinos e suas respectivas nacionalidades e famílias religiosas. E o fazemos evocando a experiência apocalíptica de João, quando, numa de suas visões, contemplou "uma multidão, a qual ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, que estavam diante do trono e perante o Cordeiro, trajando vestes brancas e com palmas nas suas mãos". Pierre Claverie e seus Companheiros e Companheiras, hoje associados a essa grande multidão, também "proclamam, em alta voz, que a salvação pertence ao nosso Deus, que está assentado no trono, e ao Cordeiro!" (cf. Ap 7).

Irmão Henri Vergès, religioso marista, e a Irmã Paul-Hélène Saint-Raymond, religiosa das Irmãzinhas da Assunção, ambos franceses. Irmã Esther Paniagua Alonso e Irmã Caridad Alvarez Martin, espanholas, Agostinianas Missionárias. Padres Jean Chevillard, Alain Dieulangard, Christian Chessel, franceses, e Charles Deckers, belga, dos Padres Brancos. Irmã Angèle-Marie Littlejohn, tunisiana, e Irmã Bibiane Leclercq, francesa, das Irmãs Missionárias de Nossa Senhora dos Apóstolos. Irmã Odette Prévost, das Pequenas Irmãs do Sagrado Coração, francesa. Irmãos Christian de Chergé, Luc Dochier, Christophe Lebreton, Michel Fleury, Bruno Lemarchand, Célestin Ringeard e Paul Favre-Miville, monges Cistercienses, franceses. Dom Pierre Claverie, argelino, dominicano, bispo de Oran.

> Coerência é não só recolher suas relíquias e erigir-lhes monumentos, mas imitá-los, assumir sua radicalidade, sua atitude de testemunhas, as razões de sua vida e de suas opções e fazer frutificar seu sangue com obras de vida que prolonguem até a eternidade. Desse modo podemos provar que não esperaram nem morreram em vão[3]

Em seus mártires e em seus santos, a Igreja e a Vida Religiosa Consagrada continuam vivas. Que o Deus misericordioso as conserve fieis a Jesus, martirizado e ressuscitado, e também àqueles pelos quais o mártir Jesus deu, espontaneamente, a própria vida (cf. Jo 10,18). Amém. Inshallah.

3 ARBUÉS, Benito. Fidelidade à missão em situações de crises sociais. Roma: Instituto Marista, 1998, p. 68.

"FELIZ QUEM OBSERVA O DIREITO E PRATICA A JUSTIÇA EM TODO O TEMPO"

(SL 106,3)

Frei Carlos Mesters, Carmelita

Campanha de Fraternidade 2019

Tema "Fraternidade e Políticas Públicas"

Lema "Serás libertado pelo direito e pela justiça".

O Tema *"Fraternidade e Políticas Públicas"* mostra o horizonte dentro do qual se projeta a Campanha de Fraternidade deste ano de 2019 e reflete a necessidade urgente de políticas públicas adequadas para construir no Brasil uma fraternidade mais fiel à Boa Nova de Deus, que Jesus nos trouxe.

O Lema oferece o instrumento com que devemos trabalhar dentro deste horizonte. O texto do lema *"Serás libertado pelo direito e pela justiça"* é uma adaptação bonita da profecia de Isaías para a cidade de Jerusalém (Is 1,27). Este texto de Isaías vai ser o pano de fundo desta nossa reflexão sobre o tema e o lema da Campanha de Fraternidade.

Eis o texto de Isaías que traz a frase (*grifada*) do lema a CF-2019:

> **21** Como se transformou em prostituta a cidade fiel! Antes era cheia de direito, e nela morava a justiça; agora, está cheia de criminosos! **22** A sua prata se tornou lixo, o seu vinho ficou aguado. **23** Os seus chefes são bandidos, cúmplices de ladrões: todos eles gostam de suborno, correm atrás de presentes; não fazem justiça ao órfão, e a causa da viúva nem chega até eles.
>
> **24** Pois bem! Ai de vocês! Oráculo do Senhor Yhwh dos exércitos, o Poderoso de Israel. Eu me vingarei dos meus inimigos e pedirei satisfação aos meus adversários. **25** Voltarei a minha mão contra você, para limpá-la da sujeira com soda e tirar a impureza. **26** Darei a você juízes como os de antes e conselheiros como os de antigamente.
>
> Então você se chamará cidade da justiça, cidade fiel. **27** *Sião será resgatada com o direito, e os repatriados com a justiça.*
>
> **28** A ruína virá tanto para os rebeldes como para os pecadores; os que abandonam Yhwh perecerão (Is 1,21-28). [1]

Quatro coisas chamam a atenção nesta profecia de Isaías.

1. O contraste entre o que a cidade era de fato e o que ela deveria ser (vv. 21-23).
2. O processo de purificação que vai acontecer (vv. 24-26ª).
3. O futuro novo que se espera (vv. 26ᵇ-27).
4. A ruína dos que abandonam YHWH (v. 28).

O contraste. Jerusalém deveria ser uma cidade fiel, morada do direito e da justiça. Na realidade, ela se tornou uma cidade prostituta, onde moram os criminosos. Seus chefes são bandidos, ladrões, que gostam de subornos: *"Como se transformou em prostituta a cidade fiel! Antes era cheia de direito, e nela morava a justiça; agora, está cheia de criminosos! A sua prata se tornou lixo, o seu vinho ficou aguado. Os seus chefes são bandidos, cúmplices de ladrões: todos eles gostam de suborno, correm atrás de presentes; não fazem justiça ao órfão, e a causa da viúva nem chega até eles"* (Is 1,21-23).

O processo de purificação. Será uma limpeza geral para tirar todas as impurezas. O critério que orientará a limpeza é este: a cidade deve voltar a ter a mesma justiça de antigamente: *"Pois bem! Ai de vocês! Oráculo do Senhor Yhwh dos exércitos, o Poderoso de Israel. Eu me vingarei dos meus inimigos e pedirei satisfação aos meus adversários. Voltarei a minha mão contra você, para limpá-la da sujeira com soda e tirar a impureza. Darei a você juízes como os de antes e conselheiros como os de antigamente"* (Is 1,24-26ª).

1 A tradução é da Bíblia Pastoral, 79ª edição de 2011

O futuro novo. Sião será libertada de tudo aquilo que a desfigura. Os repatriados do cativeiro viverão na justiça. Jerusalém será de novo uma cidade fiel. *"Então você se chamará cidade da justiça, cidade fiel. Sião será resgatada (libertada) com o direito, e os repatriados com a justiça"* (Is 1,26ᵇ-27).

A ruína. A esperança do profeta Isaías é que não vai sobrar nada dos injustos, nem da injustiça: *"A ruína virá tanto para os rebeldes como para os pecadores; os que abandonam YHWH perecerão"* (Is 1, 28).

O *tema* da Campanha da Fraternidade deste ano evoca para nós o ideal antigo e sempre atual de fraternidade que o profeta Isaías tanto desejava para a cidade de Jerusalém. Naqueles tempos passados, lembrados pelo profeta, Jerusalém *"era cheia de direito, e nela morava a justiça* (Is 1,21). Agora, ao contrário, a cidade está "cheia de criminosos" (Is 1,21). O lema da Campanha pede que nós, hoje, retomemos a mesma prática do direito e da justiça, para que também hoje seja possível recriar a mesma fraternidade.

O contraste entre o que a cidade está sendo de fato e o que deveria ser (Is 1,21-23)

A origem dos males: o rompimento da Aliança

Deus e o povo de Israel tinham feito uma *aliança*. Os dois eram *aliados*, um do outro. Na profecia de Isaías, porém, Deus já não chama o povo de *aliado*, mas de *inimigo* e de *adversário*. Ele diz: *"Eu me vingarei dos meus inimigos e pedirei satisfação aos meus adversários"* (Is 1,24). Em vez de aliada fiel, Jerusalém tornou-se inimiga. Os dois estão de relações rompidas. Quem provocou o rompimento da aliança não foi Deus, mas sim o povo. Deus não rompe a aliança. Pelo contrário! Como *aliado* fiel, ele não desiste e continua fazendo cobranças junto ao povo infiel, para que volte a ser um aliado fiel, cujas maldades, um dia, serão totalmente eliminadas (Is 1,28).

Isaías usa dois sinônimos: *rebeldes e pecadores*. Os dois têm em comum o fato de terem abandonado YHWH. *Pecador* é aquele que sabe que é pecador. *Rebelde* é o pecador que engana e dissimula. Ele pensa que é fiel, mas é um hipócrita, um sem Deus, que manipula Deus em seu próprio proveito. O próprio Deus afirma a respeito deles: *"Eles quebraram a minha aliança, rejeitaram a minha lei. Eles gritam: "Deus de Israel, nós te conhecemos!" No entanto, Israel recusou o bem, e o inimigo o perseguirá"* (Os 8,1-3). Jesus repete a mesma sentença: "Naquele dia muitos me

dirão: 'Senhor, Senhor, não foi em teu nome que profetizamos? Não foi em teu nome que expulsamos demônios? E não foi em teu nome que fizemos tantos milagres?' Então, eu vou declarar a eles: jamais conheci vocês. Afastem-se de mim, malfeitores!" (Mt 7,22-23).

Para ajudar o povo a reconhecer sua infidelidade, Isaías compara a situação de Jerusalém com a de antigamente e mostra como é grande o contraste: de cidade fiel ela virou prostituta. Onde antes moravam o direito e a justiça, moram agora os criminosos (Is 1,21). Tudo piorou e desintegrou. A prata virou lixo, o vinho ficou aguado (Is 1,22). Mas o povo rebelde não se deu conta. A *conversa* com Deus não gerou nele a *conversão* desejada. O mesmo aconteceu no tempo de Jesus. Os fariseus consideravam-se fiéis a Deus. Na realidade, eles eram hipócritas (Mt 23,13-36). Jesus os interpelava, mas sem resultado. Eles não se converteram.

A dureza de coração impede o povo de enxergar a realidade

Muitas vezes, a bíblia menciona esta dureza de coração dos que não querem escutar, *"apesar de terem visto as minhas obras"* (Sl 95,9). Ela fala da mente pervertida que, mesmo querendo, não consegue enxergar. O profeta Isaías, por exemplo, dizia: *"Esse homem se alimenta de cinza. Sua mente enganada o iludiu, de modo que ele não consegue salvar a própria vida e nem é capaz de dizer: 'Não será mentira isto* [o ídolo] *que tenho nas mãos?'"* (Is 44,20; cf. 44,9). Diz o salmo a respeito da pessoa que não percebe sua situação de aliado infiel: *"Ele se enxerga com olho tão enganador que não descobre, nem detesta o seu pecado"* (Sl 36,3). O livro de Sabedoria dá uma explicação deste mesmo fenômeno: *"Eles pensam assim, porém estão enganados, porque a maldade deles os deixa cegos. Não conhecem os segredos de Deus, não esperam o pagamento pela santidade, nem acreditam na recompensa das vidas puras"* (Sb 2,21-22). O profeta Oseias confrontou-se com o mesmo fenômeno e dá a seguinte explicação: "*Conheço bem Efraim, e Israel não me é estranho! Efraim caiu na prostituição, e Israel se contaminou. Suas ações não permitem que eles se convertam ao seu Deus. Um espírito de prostituição está dentro deles e, por isso, não conhecem a Yhwh"* (Os 5,3-4; cf. 7,8-9). Diz o Salmo: *"Por quarenta anos aquela geração me desgostou. Então eu disse: "É um povo de coração transviado, que não reconhece meus caminhos. Por isso eu jurei na minha ira: Jamais entrarão no meu repouso"* (Sl 95,10-11). Deus tentou, mas não adiantou. Eles não se converteram.

Até hoje, a conversão de pessoas rebeldes é difícil. Os meios de comunicação e a ideologia dominante controlam a consciência de muitos e impedem o surgimento de uma visão mais crítica. As mesmas palavras da bíblia continuam válidas para nós hoje: *"Eles pensam assim, porém estão enganados, porque a maldade deles os deixa cegos"* (Sb 2,21). "*Um espírito de prostituição está dentro deles e, por isso, não conhecem a Yhwh"* (Os 5,4). *Eles se enxergam com um olho tão enganador que não descobrem, nem detestam o seu pecado"* (Sl 36,2-3). Muita conversa sem conversão!

O processo de purificação que vai acontecer (Is 1,24-26a)

Conversas sem conversão acontecem até hoje. Eis o relato de uma conversa imaginária entre Deus e o Adão de sempre que não foi registrada na bíblia, nem divulgada na imprensa, mas que continua muito real e atual:

– *Adão!*
– Às suas ordens, Senhor.
– *Tome conta do meu jardim!*
– Obrigado, Senhor. Com muito prazer. É prá já!

Dois anos depois.

– *Adão!*
– Senhor?
– *Falei para você tomar conta do meu jardim.*
– É o que estou fazendo.
– *Está não, Adão! Você está agindo como se o jardim fosse seu.*
– Então, não é meu? O Senhor não me deu?
– *Dei não, Adão. O jardim é meu. Eu o entreguei para você tomar conta.*
– Tomar conta para quê?
– *Para que todos possam vir aqui para apreciar a beleza deste Jardim, para poder descansar, se alimentar e experimentar que gosto deles, que amo a todos, que quero bem a eles. Todos, viu, Adão! Todos! Também os animais!*
– Mas o que estou fazendo de errado? Estou tomando conta. Está rendendo muito. Eva e eu até conseguimos duplicar a produção das frutas, sobretudo daquelas maçãs tão gostosas!
– *Adão, não foi isso que eu queria quando falei para você tomar conta. Você até está colocando uma nova lei para as pessoas que vêm aqui, ensinando*

a elas o bem e o mal, ensinando o que devem e não devem fazer. Que lei é essa que você inventou, Adão? E você mesmo com Eva, vocês dois estão tirando vantagem para enriquecer sua própria vida. Onde se viu?!

– Não entendo o Senhor. Um jardim tão bonito. Terra tão boa! Muita água! Em se plantando dá! Deixar tudo isso à toa? Francamente, não entendo o Senhor.

– *Adão, estou achando que você não é a pessoa mais indicada para tomar conta do meu jardim. Isso que vocês dois estão fazendo não é o que eu queria quando disse para você tomar conta. Desse jeito você e Eva não vão poder ficar. Mas vou dar mais uma chance.*

– Qual?

– *Vocês têm de sair do jardim e vão fazer uma experiência lá fora para aprender. Porém, não volto atrás. O jardim vai continuar aí à espera de vocês. O jardim é para vocês, para que todos, um dia, possam ter vida, e vida em abundância. Todos, viu, todos! O que peço é que neste tempo de experiência vocês aprendam a tomar conta e não a serem donos. E devem tomar conta em meu Nome e não no nome de vocês mesmos.*

– E o que quer dizer tomar conta no Nome do Senhor?

– *Tomar conta em meu Nome, Adão, é não querer dominar nem explorar, como você e Eva estão fazendo, mas é vocês aprenderem a fazer como eu faço: manter a harmonia da criação, impedir o retorno do caos, fazer com que todos tenham o suficiente para viver, criar um ambiente acolhedor de paz e de fraternidade, para que todos possam vir aqui e viver na alegria e na gratidão, sentir-se bem na minha presença e, assim, todo ser vivo louve o seu Criador, para sempre. Entendeu?*

– Sim, senhor.

– *Tomara!*

Muitos e muitos anos depois, já no século XXI.

– *Adão!*

– Momento. Já vou.

– *Adão!*

– Sim! Pois não! Desculpe. Eu estava conversando com o dono do banco e não podia atender o Senhor.

– *Você não está tomando conta do meu jardim.*

– Que jardim?

– *Da terra, do mundo.*

– Isto nunca foi jardim. Graças ao trabalho que Eva e eu estamos fazendo, aqui e acolá, este mundo está virando um jardim.
– *Jardim para vocês dois e seus amigos. A maioria vive na miséria.*
– Estão na miséria porque não trabalham. Nós trabalhamos e o trabalho rende. Basta o senhor olhar.
– *Adão, eles trabalham, até bem mais do que você e Eva. Eles trabalham de sol a sol, mas do jeito que vocês dois organizaram este jardim, a maior parte já não consegue nem o suficiente para poder matar a fome.*
– E que culpa nós temos se eles têm preguiça e se o Senhor não manda a chuva?
– *Adão, acho que você perdeu a memória. Está difícil conversar com você. A porta da sua mente está fechada e você perdeu a chave. Não consigo contato com você. Você se fechou no seu mundo e se escondeu de mim? Adão, onde você está? (Gn 3,9)*

Foi difícil a conversa de Deus com o seu povo no tempo do profeta Isaías. Até hoje ela continua difícil. Deus fala e chama, *"manda profetas, sábios e doutores"* (Mt 23,34). Mas não adianta. A mente parece bloqueada. Sorte nossa que Deus não desiste! Seu amor é maior do que a resistência rebelde do seu povo.

O futuro que se espera (Is 1,26b-27)

O que fizeram os profetas para enfrentar este problema da mente fechada sem chave para abri-la? O que fizeram para que a conversa gerasse conversão? Usando as palavras do tema e do lema da CF 2019, perguntamos: Quais as *políticas públicas* que os profetas adotaram para abrir um caminho que levasse à construção da *fraternidade*? O que fizeram para que o povo fosse *libertado pelo direito e pela justiça?* Qual a luz que os iluminou?

Naquele túnel escuro do cativeiro, os profetas descobriram uma luz. Não a luz do fim do túnel, mas uma luz diferente *dentro* do próprio túnel. Uma luz que já existia na vida do povo, mas o povo não se dava conta. Eis três exemplos que se referem à prática dos profetas Isaías, Jeremias e Oseias. Os três apontavam a luz de Deus nas coisas mais comuns da vida do povo.

O profeta Isaías. Isaías aponta como luz de Deus o amor das mães pelos filhos. *"Sião dizia: "Yhwh me abandonou, o Senhor me esqueceu!" Mas pode a mãe se esquecer do seu nenê, pode ela deixar de ter amor pelo filho de suas*

entranhas? Ainda que ela se esqueça, eu não me esquecerei de você" (Is 49,14-15). *"Ouçam-me, casa de Jacó, resto da casa de Israel, vocês que eu carrego desde que nasceram, e carrego no colo desde o ventre materno. Até à velhice de vocês eu serei o mesmo, até que se cubram de cabelos brancos eu continuarei a carregá-los. Já fiz isso e continuarei a fazê-lo: eu os carregarei e os salvarei"* (Is 46,3-4).

Esta luz do amor das mães pelos filhos está sempre aí! Até hoje, em qualquer lugar, em qualquer povo ou povoado! O horizonte pode até estar totalmente fechado; pode haver guerra e fome; pode haver fuga em massa; pode haver um desânimo generalizado. Isto não importa nem altera: as mães vão continuar querendo bem aos filhos, e *"mesmo que as mães se esqueçam, eu não me esquecerei de ti"* (Is 49,15). Para o profeta Isaías, é neste amor das mães pelos seus filhos que transparece a grandeza do amor de Deus por nós.

O profeta Jeremias. Jeremias aponta como luz de Deus o nascer do sol. *"Assim diz Yhwh: Se vocês puderem romper a minha aliança com o dia e com a noite, de modo que já não haja mais dia e noite no tempo certo, também será rompida a minha aliança com o meu servo Davi, de modo que lhe falte um descendente no trono, e a aliança com os levitas sacerdotes que me servem"* (Jr 33,19-21). E ainda: *"Assim diz Yhwh: Como é certo que eu criei o dia e a noite e estabeleci as leis do céu e da terra, também é certo que não rejeitarei a descendência de Yhwh e de meu servo Davi, deixando de escolher entre seus descendentes os chefes da descendência de Abraão, Isaac e Jacó. Porque eu mudarei a sorte deles, e deles terei compaixão"* (Jr 33,25-26).

Este nascer do sol está sempre aí! O horizonte do povo pode estar totalmente fechado; pode haver guerra e fome; Nabucodonosor pode até destruir a cidade toda; pode haver fuga em massa. Isto não importa nem altera: amanhã cedo, o sol vai aparecer no horizonte. Nossa infidelidade pode ser grande, mas ela não consegue impedir o nascer do sol amanhã cedo! Para o profeta Jeremias, é neste nascer do sol, todas as manhãs, que transparece o poder da presença libertadora de Deus no meio do seu povo.

O profeta Oseias. Oseias aponta como sinal de Deus o amor entre os namorados. Quando jovem, Oseias seguia o caminho errado, que tinha sido promovido por alguns reis como se fosse o caminho certo: o rei Acab e sua esposa Jezabel (874-853) (1Rs 16,29-33; 18,22) e rei Manassés (687-642) (2Cr 33,1-10). Seguindo a opinião comum promovida pelos reis, o jovem Oseias frequentava os "lugares altos" da prostituição para adorar ao Deus Baal e ter relação com as prostitutas sagradas. *"Yhwh me disse: "Vá de novo e ame uma mulher que ama outro homem e que é adúltera,*

da mesma forma como Yhwh ama os filhos de Israel, apesar de irem eles atrás de outros deuses" (Os 3,1). E foi lá naquele lugar de prostituição, que Oseias encontrou Gomer, uma das moças prostituídas que os reis mantinham por lá. Mas entre Oseias e Gomer nasceu algo novo. Nasceu a surpresa totalmente gratuita do amor verdadeiro, experimentado pelos dois como um grande dom de Deus. Aí, tudo mudou. A força do amor os fez romper com a ideologia promovida pelos reis, e os dois decidiram entrar na contramão da sociedade. Oseias disse: *"Então eu a comprei por quinze moedas de prata e uma carga e meia de cevada, e disse para ela: "Por um bom tempo você ficará em sua casa para mim, sem se prostituir, sem relação com homem nenhum, e eu farei a mesma coisa por você"* (Os 3,1-3).

Este amor dos namorados está sempre aí. O horizonte do povo pode estar totalmente fechado; pode haver guerra e fome; pode haver fuga em massa. Isto não importa nem altera: os namorados vão continuar dando sinais de amor verdadeiro que rompe com o sistema corrupto da monarquia. Para o profeta Oseias, é neste amor sincero dos namorados que transparece uma faísca do amor de Deus que quer bem a todos nós.

Isaías, Jeremias e Oseias apontavam experiências comuns, conhecidas de todos: o amor das mães, o nascer do sol, o namoro sincero dos jovens. Experiências tão comuns como a água do rio que, anos a fio, passa na frente das nossas casas, e a gente nem se dá conta. Sempre a mesma água! Todos os dias! E apesar de ser sempre a mesma, a água sempre é nova, nunca é a mesma água, nem se repete. Assim, o amor das mães, o nascer do sol, o namoro dos jovens, estas experiências tão comuns estão sempre aí, tanto hoje como no tempo dos profetas; tanto na Palestina, como aqui no Brasil.

A resposta dos profetas diante da ruptura da fraternidade

Havia gente que dizia: "Deus nos abandonou! Rompeu conosco, porque nós fomos infiéis" (Is 49,26). A eles, **Isaías** responde: Sim, nós fomos infiéis, rompemos com Deus, mas Deus não rompeu conosco. O amor dele é maior do que a nossa infidelidade, maior até do amor da nossa mãe! *"E ainda que ela se esqueça, eu não me esquecerei de você. Veja! Eu tatuei você na palma da minha mão"* (Is 49,15-16). **Jeremias** responde: *"Assim diz Yhwh: Como é certo que eu criei o dia e a noite e estabeleci as leis do céu e da terra, também é certo que não rejeitarei a descendência de Yhwh e de meu*

servo Davi" (Jr 33,25-26). **Oseias** responde: *"Eu me vou casar com você para sempre, me casarei com você na justiça e no direito, no amor e na ternura. Eu me casarei com você na fidelidade e você conhecerá Yhwh"* (Os 2,21-22).

Nas entrelinhas destas frases, a gente adivinha a seguinte descoberta. É como se Deus dissesse ao povo: *"Depois de tudo que você fez, você já não mereceria ser amado. Mas meu amor por você não depende do que você fez por mim ou contra mim. Quando comecei a amar você, eu o fiz com um amor eterno. Por isso, apesar de tudo que você me fez, apesar de todos os seus defeitos, mesmo você me matando, eu gosto de você, eu amo você para sempre!"* Jesus o confirmou e deu a prova. Ele perdoou o soldado que o matava: *"Pai, perdoa-lhes! Eles não sabem o que estão fazendo!"* (Lc 23,34)

Os profetas levavam o povo a refletir sobre suas próprias experiências e descobrir dentro delas o amor de Deus, a palavra de Deus. Já naquele tempo havia pessoas que diziam: "A Palavra de Deus é difícil demais para nós. Fica distante! Exige muito estudo. Não temos experiência!" Deus responde a eles e a todos nós: *"Este mandamento que hoje te ordeno não é muito difícil, nem está fora do teu alcance. Ele não está no céu, para que fiques perguntando: 'Quem subirá por nós até o céu para trazê-lo a nós, a fim de que possamos ouvi-lo e colocá-lo em prática?' Também não está no além-mar, para que fiques perguntando: 'Quem atravessará por nós o mar, para trazer esse mandamento a nós, a fim de que possamos ouvi-lo e colocá-lo em prática?' Sim, essa palavra está ao teu alcance: está na tua boca e no teu coração, para que a tu coloques em prática"* (Dt 30,11-14). A Palavra de Deus está perto de nós! Está no amor que todo ser humano recebe de sua mãe. Está no nascer do sol, todas as manhãs! Está no amor criativo dos jovens! É lá que se encontra a chave para abrir os olhos, mexer na consciência extraviada e corrompida, quebrar a dureza do coração e experimentar a novidade antiga do amor de Deus que nunca se afasta de nós.

A ruína total da injustiça, dos injustos e dos rebeldes (Is 1,28)

A redescoberta do amor de Deus

Assim, pouco a pouco, com a ajuda daquela luz, escondida nos fatos da vida, os olhos foram se abrindo e lá no próprio cativeiro, que parecia ser a ausência total de Deus, redescobriram a sua presença. Aquilo que parecia escuridão era mais claro que o sol do meio-dia (Sl 139,12). A escuridão era luminosa! A ausência de Deus era a sua presença! Tudo mudou! Nos desesperos da vida, eles souberam reencontrar motivos

de esperança. Nabucodonosor pode ser forte, nosso desânimo pode ser grande, o horizonte pode estar fechado, mas tudo isto não consegue apagar o amor das mães pelos filhos; não consegue impedir o nascimento do sol; não consegue levar os jovens a desistirem de querer casar.

Estes aspectos tão simples e tão comuns da nossa vida eram para eles um sinal da certeza de que Deus continuava fiel ao seu povo e de que Ele não havia rompido sua aliança, como alguns andavam dizendo (cf. Is 49,14). O amor, a natureza, a juventude tornaram-se um sinal transparente da presença gratuita e amorosa de Deus no meio do seu povo.

Mesmo vivendo naquela situação escura sem horizonte do cativeiro, os profetas souberam desenterrar a raiz do amor fiel de Deus. Jeremias traz esta frase que ele ouviu de Deus: *"Eu amei você com amor eterno; por isso conservei o meu amor por você"* (Jr 31,3). E esta outra de Isaías: *"Num ímpeto de ira, por um momento eu escondi de você o meu rosto; mas agora, com amor eterno, volto a me compadecer de você, diz Yhwh, seu redentor"* (Is 54,8). Oseias dizia: *"Graças ao teu Deus, tu te converterás. Guarda o amor e o direito e espera sempre em teu Deus"* (Os 12,7). Os profetas ajudaram o povo a redescobrir nas experiências da vida o amor infinito de Deus (Is 41,8-14; 49,15).

Pode fazer frio, pode fazer calor; pode ser dia, pode ser noite; pode ser tempo de guerra ou tempo de paz, posso estar triste, posso estar alegre, posso ter fé, posso perder a fé, pode ser tempo de fome ou de abundância, uma coisa que não muda é o amor das mães pelos filhos, é o sol que nasce de manhã, é o namorado que responde ao amor da namorada.

A retomada da Aliança

Na época do cativeiro, diante do povo triste e desanimado, a ação dos profetas era marcada não pela denúncia como na época da monarquia, mas sim pela esperança de que o amor de Deus, escondido nas experiências tão comuns da vida, levasse o povo a retomar os compromissos da aliança, lembradas por Isaías naquele seu oráculo: denunciar o suborno, não aceitar presentes [propina], amar o direito e a justiça, fazer justiça ao órfãos, defender a causa das viúvas, pedir satisfação aos compromissos assumidos, averiguar e investigar os males, nomear juízes honestos e conselheiros de confiança (Is 1,21-26); numa palavra, fazer uma limpeza séria.

Usando os termos da Campanha de Fraternidade deste ano de 2019, também nós esperamos que o fogo do amor de Deus, escondido nos

fatos da vida, nos leve a retomar aquelas mesmas Políticas Públicas de antigamente, lembradas e numeradas por Isaías na sua profecia (Is 1,21-28) e que até hoje têm os mesmos nomes e a mesma urgência e atualidade:

- amar e promover o direito e a justiça (v. 21);
- não ser cúmplice de ladrões (v. 23);
- denunciar o suborno (v. 23);
- não aceitar propina [presentes] (v. 23);
- fazer justiça aos órfãos (v. 23);
- defender a causa das viúvas (v.23);
- pedir satisfação aos compromissos assumidos (v. 24);
- averiguar, investigar e limpar a sujeira dos males (v. 25;,
- nomear juízes honestos (v. 26);
- indicar conselheiros de confiança (v. 26);
- numa palavra, fazer uma limpeza séria (Is 1,24-26).

E aí, Deus queira, que o profeta Isaías possa dizer de nós o mesmo que disse de Jerusalém: *"Entã,o você, Brasil, se chamará país da justiça, cidade fiel. Você será resgatado com o direito, e os repatriados com a justiça. A ruína virá tanto para os rebeldes como para os pecadores; os que abandonam Yhwh perecerão"* (Is 1,26-28).

A redescoberta do amor eterno de Deus devolveu ao povo a autoestima, ajudou-o a superar o sentimento de culpa e a retomar as exigências da Aliança. Agora eles sabem e nós também sabemos que nada, nem mesmo o fracasso, pode separar-nos do amor de Deus que se manifestou para nós em Jesus Cristo, nosso Senhor (cf. Rm 8,35-39; Is 40,1-2ª; 41,9-10.13-14; 43,1-5; 44,2; 46,3-4; 49,14-16; 54,7-8; etc;).

Três perguntas para o aprofundamento

1. Os profetas apontaram aquelas três experiências humanas tão comuns como sinais do amor de Deus por nós: o amor das mães, o nascer o sol, o namoro dos jovens. Consegue apontar outras experiências humanas assim hoje?
2. Isaías enumerou várias Políticas Públicas como caminho para a fraternidade. Consegue enumerar outras Políticas Públicas necessárias para abrir hoje aqui no Brasil o caminho para a fraternidade?
3. Conhece comunidades, onde este futuro anunciado por Isaías já começa a lançar raízes e produzir os seus frutos? Quais?

OLHAR ATENTO PARA O ENTARDECER DA VIDA E SUAS INTERFACES

Irmã Nilva Rosin[1]

Vivemos num momento histórico em que as pessoas estão vivendo mais. Envelhecer com qualidade de vida exige um cuidado humanizado, realizando mudanças diante das novas exigências que esse fenômeno apresenta. A longevidade saudável está associada à melhoria da qualidade e condições gerais de vida. O entardecer da vida sinaliza para a arte de saber envelhecer desde um olhar atento para o cuidado integral da Vida Religiosa Consagrada (VRC) como espaço de fecundidade da graça. Revela-se sementeira de vida em constante desfrute e entrega, acolhendo a finitude humana em busca da transcendência. Mas por que "entardecer da vida" e acompanhado de um qualificativo, de um alerta "um olhar atencioso"? Há várias formas de se pensar sobre o entardecer da vida. É muito ilustrativa, para a nossa reflexão, a afirmativa de Caetano Veloso, quando canta: "O tempo não para, no entanto ele nunca envelhece". (Re)significar o passado celebrando o presente é algo essencialmente constitutivo do presente e do futuro, pois estabelecem conexões recíprocas na dinâmica da existência hu-

1 Congregação das Irmãs São José de Chambéry no Brasil (ISJC). Mestre em Filosofia (PUC-RS). Graduada e Licenciada em Filosofia (UPF/Passo Fundo. Formação em Teologia e Pastoral (ITEPA/Passo Fundo). Foi professora na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI-Erechim) e no Instituto Superior de Filosofia Berthier (IFIBE/Passo Fundo). Coordenação e atuação nos Cursos sobre Envelhecimento Humano, Espiritualidade e Cuidado. Associada à Comissão de Direitos Humanos de Passo Fundo (CDHPF) e Coordenadora do Fórum da Mobilidade Humana de Passo Fundo (FMHPF). Contato: rosinnilva@gmail.com. Fone: 054 99116-2492.

mana. Assim, a memória viva captura o sentido-horizonte do cuidado à vida. Nesta direção, o envelhecimento humano estimula reflexões e práticas voltadas para o atendimento saudável.

O crescimento populacional de pessoas idosas vem crescendo significativamente e ganha cada vez mais notoriedade, bem como estudos e exigências de preparo pessoal e institucional, para acolher essa realidade que tende a ser o grande tema e preocupação na sociedade em geral, na Igreja e na VRC do século XXI. Dados em documento chamado *A situação econômica e social no mundo* da Organização das Nações Unidas (ONU), mapeou o envelhecimento humano, apontando diferenças entre os países e o Brasil que está em fase de transição. Projeções mundiais indicam que, em 2050, 79% dos indivíduos com 60 anos, aproximadamente 1,6 bilhões de pessoas, estarão vivendo em países em desenvolvimento, entre eles o Brasil.

Tocados/as pela realidade que nos cerca, necessitamos expandir-nos criativamente, pois a questão do envelhecimento e da longevidade humana é um dos assuntos prioritários na agenda do século XXI, tanto nos países desenvolvidos, quanto em desenvolvimento ou emergentes. O envelhecimento biológico faz parte do ciclo vital. Dar voz aos idosos é assumir a perspectiva antropológica e indicar modos diferentes de sentir e viver o envelhecer, ou seja, em cada instante extrair o sabor da vida, como afirma Lorscheider, num de seus legados: "*O ideal é que a pessoa morra vivendo e não viva morrendo*"[2]. Assim, a memória denota justamente este receptáculo para a sobrevivência dos testemunhos, dos relatos e das histórias vivas que não envelhecem. Sem a ordem cronológica, "parar" é um olhar contemplativo para a vida - "entardecer" - que coloca na sombra o clarão sem fim.

O entardecer saudável e feliz

Proponho começar pensando o olhar atencioso que orienta elementos importantes no cuidado integral do ser religioso/a, com ênfase no atendimento humanizado e integral, com uma atenção especial para a dimensão da espiritualidade de cada religioso/a. Para isso, é importante a contribuição que advém das diversas áreas do conhecimento, para pensar o cuidado que atenda às necessidades humanas e vitais da pessoa idosa, com o suporte necessário de acordo com suas forças e limites, bem como a busca de satisfação integral das exigências do corpo e/ou do espírito.

2 Aloísio Lorscheider em 'Envelhecer com sabedoria'.

O cuidado de si impele para um olhar atento a todas as dimensões da vida humana: fisiológica, psíquica, social e espiritual de modo integral e harmônico ligado ao todo da pessoa humana. A cada uma delas cabe uma porção saudável do existir humano feliz, pois *"A vida pode nos conduzir por caminhos de felicidade ou de desgraça"* (BOFF, 2012 (a), p. 143). A dimensão espiritual vive da gratuidade e da compaixão firmada em valores éticos e imateriais que pautam e orientam a vida humana. Assim sendo, a felicidade se traduz em atitudes concretas e, por isso, precisa ser buscada e construída com responsabilidade através de pequenos gestos no dia a dia. Ela imprime um estado de espírito na vida do ser humano.

A questão da espiritualidade reaparece com força nos tempos atuais, e a pessoa humana, enquanto construção social e simbólica, abarca uma rede de relações com o mundo, com as criaturas e com Deus, contemplando de modo corresponsável o sopro divino que lhe dá existência. É importante perceber que há sinais de esperança e sempre há um caminho a fazer, um pôr-do-sol para ver ou um novo dia para amanhecer. Isto pode ser percebido no jeito que o ser humano vai tecendo sua trilha, olhando para Jesus que, na sua relação amorosa com o Pai, vê à sua volta pessoas doentes, excluídas, pecadoras, pobres... E, a partir deste olhar, reafirma o compromisso ético e solidário com o/a outro/a que sofre, no amor. Cada pessoa, independentemente de idade ou condição física, é chamada a ter este olhar solidário, e este é o verdadeiro sentido da missionariedade como testemunho evangélico de bondade: "O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para que dê a Boa-Notícia aos pobres; enviou-me para anunciar a liberdade aos cativos e restituir a visão aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos e para proclamar o ano da graça do Senhor" (Lc 4,18-19).

O cultivo da espiritualidade e da mística abre um horizonte de sentido pessoal, alegria de viver, gestando esperanças e sonhos em todas as fases da vida, pois é o próprio Espírito que mantém "con-tato" e se insere na realidade da vida humana, revestindo-a de uma ação libertadora. Assim, põe questões radicais sobre o que é e o que deve ser a pessoa humana; o que celebra e o que lhe é dado a celebrar em prol da sua missão no mundo em todo tempo e espaço, não só no nível imediato, mas também transcendental. Aliado à valorização da dimensão espiritual da vida humana, Boff alerta sobre o que torna as pessoas distintas entre si e demanda reverência na diversidade:

> Ser pessoa saudável não é simplesmente ter saúde, mas é saber enfrentar saudavelmente a doença e a saúde. Ser saudável significa realizar um sentido de vida que engloba saúde, doença a morte. Alguém pode estar mortalmente doente e ser saudável porque com esta situação de morte cresce, humaniza-se e sabe dar sentido àquilo que padece. (BOFF, 2012 (b). p. 170).

Portanto, o entardecer saudável e feliz congrega um sentido de vida, experimentando a cada dia uma vida nova para que aconteçam atitudes cristãs no amor a Deus e aos irmãos e irmãs, pois "*saber dar sentido àquilo que padece*" é, como declarou Santo Inácio de Antioquia, no século II: "*Viver imitando os bons costumes de Deus*". Que tal este propósito de vida! É a vida que ganha sentido e ressignificação no cotidiano. Portanto, num tempo que é mais do que tempo cronológico do relógio (*chrónos*), vivido nas ocasiões diversas e simples, é o tempo oportuno de Deus, do *kairós,* enquanto graça permanente e favorável, tornando possível o encontro que nos dá vida nova em plenitude. Ou seja, enquanto assumimos a temporalidade humana (*chrónos*), experimentamos a perenidade da graça divina (*kairós*) e nos tornamos fecundos/as. Esta é a dinâmica do Reino, é a eficácia da vida saudável e feliz.

O contexto do envelhecimento humano em geral, na Igreja e na VRC

Olhando para os desafios e transformações da vida na contemporaneidade, a elevação da longevidade humana é um tema que preocupa em escala mundial. Como temática de reflexão e pesquisas é bastante recente. O crescimento populacional de pessoas idosas vem crescendo significativamente e ganha cada vez mais notoriedade, estudos, exigências de preparo pessoal e institucional para acolher essa realidade que tende a ser o grande tema e preocupação do século XXI. Daí o estímulo na busca de alternativas de atendimento dessa realidade, acordando para a reflexão acerca da condição humana da velhice e das implicações em face da gestão e do cuidado de pessoas idosas.

É consenso entre especialistas e experiências de cuidado em geral que a população idosa necessita de cuidados especiais. É uma realidade que exige atenção e preparo para atender às múltiplas e desafiantes tarefas em vista de um cuidado humanizado. A condição humana da pessoa idosa precisa ser melhor conhecida, socialmente compreendida e juridicamente protegida e sustentada, além de ser ressignificada com

a atenção, cuidados e o atendimento que essa idade e a sua condição necessitam. No Brasil, segundo dados fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e alguns diálogos realizados com algumas Congregações Religiosas, o envelhecimento humano é um tema de muita urgência em vista de aprofundar e repensar aspectos da VRC, Presbiteral e também da sociedade em geral, frente à elevação da longevidade humana.

Algumas estatísticas podem situar-nos nesta reflexão. O século XX foi o tempo de crescimento populacional no Brasil e no mundo em geral. No intervalo do século, de 1900 a 2000, passamos de 1,5 bilhão para seis bilhões de pessoas no mundo. E a população brasileira passou de 17,3 milhões para 169,8 milhões, sendo que o período de maior crescimento foi no pós-guerra, entre 1950 e 1970, que origina um grande número de idosos/as no século XXI. De acordo com dados divulgados (agosto/2018) pelo IBGE, a população brasileira é de 208.494.900 habitantes, e mostra crescimento populacional de 0,82% de 2017 para 2018. Aponta que a média de expectativa de vida de um cidadão brasileiro é de 72,7 anos. Também, conforme dados deste instituto, nos últimos 10 anos, a população idosa dobrou. Hoje temos cerca de 12,5% da população brasileira com idade acima de 60 anos. O indicativo é de que até 2060 se alcançará uma estimativa próxima de 30% de idosos do total geral da população brasileira, o que significa um número próximo de 60 milhões de pessoas. Em termos populacionais, teremos mais idosos do que crianças e jovens abaixo de 15 anos. Se tomarmos um comparativo com a França, onde foram necessários 120 anos para que o número de idosos passasse de 7% do total dos habitantes do país para 14%, o Brasil vai experimentar um aumento equivalente num período de apenas 20 anos.

Em relação às Congregações Religiosas, o dado merece uma atenção especial, pois um alto índice delas apresenta um percentual de mais de 50% de seus membros com idade acima de 60 anos, sendo que boa parte já ultrapassou esta idade. Algumas Congregações chegam a alcançar até 80% de seus membros nesta faixa etária. Esses dados, no entanto, são resultados obtidos em conversas informais realizadas com membros das Congregações, levantamento feito pelos professores que coordenam o Curso *Envelhecimento Humano, Espiritualidade e Cuidado,* promovido pelo Instituto Superior de Filosofia Berthier (IFIBE) com a parceria da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB Nacional). É importante dizer que

o IFIBE é uma instituição precursora na abertura de espaço para reflexões e na oferta de cursos de aprofundamento sobre o tema do Envelhecimento Humano, em diálogo com a realidade e o contexto da VRC no Brasil. Desde 2011 vem provocando e contribuindo em discussões e na formação sobre o tema. Colabora nesse trabalho pelo fato de já estar no tema e na proposição e desenvolvimento de cursos em várias regiões do país: em Brasília, parceria com o Centro Cultural Missionário (CCM), com a CRB Regional de São Paulo, com a CRB Regional de Minas Gerais, com a CRB Regional Rio Grande do Sul, além das iniciativas em diálogo com Paróquias e Prefeituras. Em todas as edições de cursos realizados, o IFIBE já atingiu, diretamente, mais de 700 pessoas.

Diante disso, vê-se a necessidade de dados mais consistentes e objetivos e que deem margem de segurança para tecer análises, reflexões e amplas possibilidades de articulações e iniciativas em razão dos desafios e transformações que emergem dessa realidade. Está aí um primeiro desafio: levantar dados de forma objetiva e precisa para poder sistematizar e mostrar o mapa da VRC, Presbiteral e da Igreja em relação ao envelhecimento humano. Documentos atuais disponíveis não dão conta dessa realidade. Os professores do IFIBE, que trabalham nesta temática, estão seguros de que essa realidade, pelo foco de atuação, indiretamente, afetará toda a Igreja. Sabe-se que muitas Congregações estão em frentes de atuação e missão que promovem diretamente a vida da Igreja, em consonância com seus carismas. Um mapeamento junto às Congregações Religiosas, além de possibilitar a criação de um banco de dados estatísticos da realidade dos/as religiosos/as, possibilitará subsidiar estudos e análises para identificar as necessidades e as condições que atendam aos desafios e à produção de alternativas provenientes do Envelhecimento Humano na VRC.

Além disso, face às múltiplas dimensões que afetam a vida em razão da idade, o envelhecimento não pode ser um tema para ser tratado mediante adaptação automática. O envelhecimento exige atenção e interação a fim de dar conta das múltiplas e desafiantes tarefas do cuidado com as pessoas idosas, entre outros aspectos de ordem institucional que, necessariamente, precisam passar por mudanças ou ressignificações profundas. Tais circunstâncias justificam a necessidade de uma atenção especial e atuação neste tema.

A pessoa humana é uma criatura singular, por isso planeja ações e recria o modo de vida exercitando sua imaginação e potencialidades. Em todo "novo começo" há um convite a proteger a vida e ajuda a promovê-la com encanto incondicional e integral. Como nos ensina o poeta Herman Hesse, em *O jogo das contas de vidro*:

> *Assim como as flores murcham, e a juventude cede à velhice, também os degraus da Vida, a sabedoria e a virtude, a seu tempo, florescem e não duram eternamente. A cada apelo da vida deve o coração estar pronto a despedir-se e a começar de novo, para, com coragem e sem lágrimas se dar a outras novas ligações. […] Não nos prendendo a nenhum elo, a um lar; sermos corrente ou parada não quer o espírito do mundo. Mas de degrau em degrau elevar-nos e aumentar-nos.*[3]

A trajetória do ser humano é marcada pela busca da felicidade, ou seja, da vida saudável e feliz. Para isso, é essencial olhar para "o entardecer da vida" como este florescer que de "degrau em degrau" vai acontecendo a celebração da vida, não só no âmbito da imediatez que ela se sucede, mas também na perspectiva transcendental da condição humana na sua finitude.

Ao mesmo tempo, há um sentido mais forte e um cheiro de esperança que preserva a dignidade humana e dá sentido à vida na sua transitoriedade. Esta é a dimensão ética e estética da vida e, enquanto consciência desenvolve a noção de valores em prol da cidadania ativa como aporte mais belo do ser humano, pois se compromete no fortalecimento das relações humanas. Ouse pensar nisso!

Em uma sociedade multicultural e acentuadamente desigual há que se garantir que cada pessoa humana tenha direito à diferença, enquanto pessoa única e, em relação às demais pessoas, preserve a identidade que lhe é própria. Daí a importância de aprofundar e repensar o sentido e o fundamento da existência humana e, sobretudo, instigar as instituições a organizarem um processo de planejamento de ações conjuntas para as comunidades e Congregações Religiosas, com vistas à educação e ao atendimento do envelhecimento e da velhice. Que elas garantam a centralidade nas pessoas e na conquista de sua cidadania, de saúde, de inserção social, de maturidade espiritual e proteção em situação de vulnerabilidade dos idosos religiosos e em geral. Em linhas gerais, refletir como qualificar recursos humanos nas instituições, responsáveis

3 [Herman Hesse. Degraus. In: O jogo das contas de vidro | Obras póstumas de José Servo | Parte 1 - Poesias do discípulo e do estudante universitário]

pelo bem-estar espiritual, humano, social e saudável, superando os limites históricos e enfrentando os desafios. É fundamental produzir convencimento na perspectiva de articular ações institucionais que garantam melhores condições culturais (respeitando a diversidade) e técnicas em atenção às ações preventivas e curativas em todo o ciclo de vida e em todas as idades, em vista de melhor preparo para a velhice que, em certo sentido, afeta a todos/as.

Com certeza, esta definição garante uma ressignificação da ocupação e missão da pessoa idosa, enquanto oportunidade de uma nova educação, formação e atitudes sociais e religiosas mais apropriadas. Nas casas de longa permanência, a dimensão da corporeidade, das funções mentais e espirituais, a identidade existencial e social (entre outros) poderão ter ganhos significativos e interessantes em um aprendizado coletivo e, assim, garantir novas vivências nesta nova fase do ciclo de vida. Pautar as vivências, as relações e ocupações humanas por uma nova ética é comprometer-se com os desafios do nosso tempo e com os hábitos ou uma forma de vida das pessoas idosas em função do contexto social e institucional. Como assevera Alexandre Kalache[4]: "Envelhecer é um triunfo, mas para gozar da velhice é preciso dispor de políticas adequadas que possam garantir um mínimo de condições de qualidade de vida para os que chegam lá".

É importante uma visão integral da vida nas condições em que cada religioso/a se encontra, ou seja, mesmo no limite da condição física, pois ele/a se move por um espírito solidário que vai além-fronteiras. Nesta fase da vida, tanto para quem está numa idade mais avançada, quanto para os/as profissionais/cuidadores/as das diversas áreas do conhecimento que se ocupam em vista das necessidades humanas e vitais, não pode descuidar de todas as dimensões humanas: a física, a mental/intelectual, a emocional e a espiritual, pois estão intimamente conjugadas e se nutrem mutuamente. Muito embora cada dimensão exija acentos e intensidades diferentes para cada pessoa, permanecem suscetíveis a elementos históricos e vivências próprias que afetaram genuinamente cada ser humano. Uma vida íntegra está sujeita a processos formativos que agregam valores pessoais e grupais para obter equilíbrio na vida. É uma forma eficaz e harmoniosa de cultivo de princípios e valores verdadeiros, pois olhamos através de lentes diferentes.

4 Médico e pesquisador em Saúde Pública estuda o envelhecimento. Dirigiu o Programa Global de Envelhecimento e Saúde da Organização Mundial de Saúde. Trabalha como assessor para o envelhecimento global da presidência da Academia de Medicina de Nova York, no Centro Internacional de Políticas para o envelhecimento pesquisando e sugerindo melhorias na qualidade de Vida do Idoso.

Considerações finais

O olhar atento para o "entardecer da vida" apresenta desafios próprios à complexidade das abordagens, pois envolvem a vida humana em seu conjunto de transformações por que passa e que se estende do nascimento à morte. Em meio a dificuldades de ordens variadas que se entrelaçam no processo de expansão do ciclo vital, há que se buscar sentido e qualidade de vida, considerando o maior número de anos que se vive como pessoas idosas. Queremos viver muito e isto, hoje, já é uma realidade! Nossa realidade torna imperativa uma atitude dinâmica de educação continuada, reflexões, informações e estudos sobre temas do envelhecimento e longevidade como uma conquista humana. Estamos diante de uma mudança no perfil populacional devido ao aumento da idade média da população, vivido pela primeira vez na história humana.

Oportunidade e risco! Os números indicam a longevidade, mas o jeito como se vive requer ações consistentes, políticas públicas e programas de atenção à pessoa idosa em seus aspectos sociais, econômicos e humanos, sobretudo, para a garantia da dignidade humana e cidadania. A atenção pública (e institucional) dirigida à população idosa depende fundamentalmente da visão que se tem dela. Temos referenciais que podem ajudar a VRC a fazer algumas leituras atenciosas e críticas no cenário da longevidade da vida e o significado de cada etapa da vida na fecundidade da graça divina. "Permanecei no amor" (Jo 15) é o preceito supremo do Evangelho e o convite constante à conversão frente às mudanças, fragilidades e perturbações do envelhecer. Este é o preceito que embasa a comunidade como espaço do aconchego, da entreajuda e do convívio mútuo. A contemplação da realidade concreta é energia de Amor que dignifica a vida humana. Animada por uma espiritualidade autêntica de diálogo e comunhão, a comunidade é chamada a descobrir, com sabedoria e discernimento, dinâmicas pessoais e comunitárias de convívio mútuo e de bem-querer.

Um dos elementos fundamentais a serem levados em conta é de que os estudos demográficos não são apenas para contar as pessoas, mas, acima de tudo, para fazer com que as pessoas contem. As pessoas devem ser sujeitos dos dados, ou seja, o centro da atenção dos dados. Por isso, é importante articular e ouvir "essas muitas vozes" que nos falam sobre seu processo vital, estimulando reflexões críticas sobre o bem viver. A Sagrada Escritura ensina-nos: "*Quão bela é a sabedoria nas pessoas de idade avançada, e a inteligência e a prudência nas pessoas nobres! A experiência consu-*

mada é a coroa dos anciãos" (Eclo 25,7-8). Ouvir o que estas pessoas têm a nos dizer é um desvelamento de subjetividades construídas por seres espirituais no percurso de suas trajetórias humanas; indicam a vivência de uma espiritualidade como horizonte de sentido à vida.

É pertinente lembrar que a espiritualidade é fonte de vida que orienta o "entardecer da vida" frente aos desafios contemporâneos. Desperta para a necessidade de pensar novas formas de inserção e ocupação da pessoa Religiosa Consagrada, comprometida com a missão e carisma congregacional, a partir de seus contextos e condições peculiares em que se encontra. O envelhecimento é um fenômeno que atinge todos os seres humanos. É um processo dinâmico, progressivo e irreversível e está ligado a fatores biofisiológicos. Por isso requer atitudes que vão além da capacidade profissional (conhecimento técnico-científico). Exige ética e a utilização de formas multissensoriais de percepção: sabedoria, intuição, criatividade, sensibilidade, imaginação entre outras.

Por fim, termino afirmando que a espiritualidade é uma dimensão constitutiva do ser humano e propicia uma visão diferenciada que dá sentido e vitalidade à dinâmica da vida. Introduz novo olhar para a integralidade da vida com tudo o que a envolve. O "entardecer da vida" é uma agenda de atenção da VRC, da Igreja e da sociedade em geral. Essa pode ser uma frente de atenção na missão e de reivindicação de política pública nesta área. Pensar alternativas comuns pode ser uma boa alternativa!

Questões para refletir

- Diante do cenário apresentado, o que este tema "Um olhar atento para o entardecer da vida" acena e/ou provoca à VRC?
- Como é a realidade na sua congregação e como é a organização do atendimento e cuidado de seus membros?
- Que propostas práticas podem-se visualizar como alternativas para começar a pensar projetos comuns no cuidado integral do Ser religiosa/o, com ênfase na humanização e atenção à Espiritualidade de cada religiosa/o, com um grupo de religiosas/os, com profissionais das diversas áreas afins, para que atendam às necessidades humanas e vitais das idosa e idosos, com suporte necessário?

Referências bibliográficas

BOFF L., *O Cuidado Necessário*. Ed.Vozes, Petrópolis RJ. 2012 (a).

BOFF, L. *Saber cuidar*. Ed.Vozes, Petrópolis RJ. 2012 (b).

BRANDÃO, Vera Maria A. Tordino; MERCADANTE, Elizabeth Frohlich. *Envelhecimento ou Longevidade?* São Paulo: Paulus, 2009.

_____. *Longevidade e espiritualidade: narrativas autobiográficas*. 1. Ed. São Paulo: Centro Universitário São Camilo:PUCSP,2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à pratica educativa*. São Paulo: Paz e Terra,1996. (Coleção Leitura).

PESSINI, Leo. *Espiritualidade e a arte de cuidar: qual o sentido da fé para a saúde?* Ed. São Camilo, São Paulo 2010.

DECIFRAR A ESFINGE: VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA NA ERA DIGITAL

Plutarco Almeida, SJ[1]

O que está mudando?

É comum encontrarmos pessoas dizendo que o mundo está mudado, que as coisas não são mais como eram antes. Na verdade o mundo não mudou, o mundo está mudando! A rapidez com que os processos no campo das tecnologias da comunicação acontecem é algo nunca visto na história da humanidade. Esta é uma constatação que qualquer cidadão ou cidadã pode fazer, por exemplo, ao entrar numa loja para comprar um aparelho celular. Aquele modelo adquirido há um mês, ou até quem sabe uma semana atrás, já se tornou obsoleto. Isso vale para qualquer equipamento, aliás. A cada manhã ao acordarmos seremos surpreendidos com novos aparelhos, aplicativos, novidades digitais e surpresas de todo tipo. Tinha razão o poeta cearense Belchior quando dizia que "o que algum tempo era novo, jovem, hoje é antigo e precisamos todos rejuvenescer"(). Esse "algum tempo" pode significar o tempo de cinco minutos atrás. Na opinião de Klaus Schwab, fundador do Fórum Econômico Mundial, a era digital está girando de acordo

1 Padre Plutarco de Souza Almeida nasceu em Salvador, Bahia, em 1956. É bacharel em Comunicação Social pela Universidade Católica de Salvador (1979), bacharel em Filosofia pelo Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus (Belo Horizonte, 1986), bacharel em Teologia (Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, 1991) e mestre em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Xaveriana (Bogotá, Colômbia, 1993).

Convergencia JANEIRO 2019.indd 54 07/11/2018 09:08:27

com padrões muito diferentes das outras eras. Estávamos acostumados a girar na velocidade linear enquanto agora a velocidade é exponencial (SCHWAB, 2004). A evolução tecnológica em todos os campos do conhecimento humano sempre se deu de forma lenta e gradual, sem comparação com os avanços estupendos obtidos hoje em dia. É como se houvéssemos trocado o fusquinha por um carro de fórmula 1. Quando a gente olha para a pista, o carro já passou!

"Decifra-me ou devoro-te"

Na antiguidade, o mito foi usado pelo dramaturgo Sófocles na tragédia Édipo rei, para uma reflexão sobre as questões da culpa e da responsabilidade dos homens perante as normas e tabus. Sem saber que tinha matado o próprio pai, Édipo foi para Tebas. No caminho deparou-se com a Esfinge, um monstro metade leão, metade mulher, que lançava enigmas aos viajantes e devorava quem não os decifrasse. A Esfinge atormentava os moradores de Tebas. O enigma proposto pela Esfinge era o seguinte: "Qual o animal que de manhã tem quatro pés, dois ao meio-dia e três à tarde?" Édipo respondeu: "É o homem. Pois na manhã da vida (infância) engatinha com pés e mãos; ao meio-dia (na fase adulta) anda sobre dois pés; e à tarde (velhice) necessita das duas pernas e o apoio de uma bengala"( ).

A Era Digital é como uma esfinge que a cada minuto nos propõe novos enigmas a serem decifrados. Não existem roteiros previamente estabelecidos, respostas prontas ou fórmulas perfeitas. Estamos vivendo uma "nova versão de mundo", algo totalmente diferente de tudo quanto a história humana já testemunhou. "O problema é que para essa nova versão não existe manual de instruções, visto que o seu funcionamento está sendo construído de acordo com o uso. É um sistema aberto que evolui de acordo com as interações com o meio". (MAGALDI e SALIBI, 2018)

Sendo assim, o desafio é permanente, e a missão nunca se conclui. Por outro lado, a tarefa de encarar a esfinge digital e tentar o quanto possível decifrar seus enigmas não cabe apenas aos pesquisadores ou especialistas nas áreas da alta tecnologia. Não resta dúvida de que os impactos, para o bem ou para o mal, dessa "nova versão" de mundo (o poder da esfinge) são sentidos em todos os campos da atividade humana e dizem respeito à humanidade inteira. Esse "deciframento" contínuo e inconcluso deve ser feito não somente nos laboratórios, universidades ou centros tecnológicos, mas é urgente que se faça também na família, na escola, na VRC, por que não?

Édipo foi muito esperto e conseguiu o que queria. Oxalá tenhamos hoje a mesma sorte!

Algumas pistas

Mas, se de fato tentar decifrar os enigmas da Era Digital é tarefa que se impõe a todas as pessoas que vivem sobre a face da terra, precisamos de algumas pistas que nos ajudem a conhecer um pouco mais essa esfinge. Em outras palavras: que "versão de mundo" é essa que estamos vivendo? Quais são os seus traços principais ou mais relevantes? Indicaremos apenas alguns pontos:

Este é um mundo multifacetado e interconectado

Antes, a difusão das informações acontecia de forma linear e quase sempre controlada pelos grandes grupos de comunicação, quando não pelos governos também. Quando se falava dos MCS (Meios de Comunicação Social) a velha formula "Emissor – Receptor" indicava uma hierarquia, uma relação de poder entre quem podia transmitir e quem podia receber. Agora essa relação virou de cabeça para baixo. O mundo em sua "nova versão" é o mundo das liberdades individuais onde a difusão de qualquer coisa é absolutamente descentralizada e todo mundo é capaz não apenas de ser "receptor", mas de emitir o que quiser, na hora que achar melhor. As mensagens colocadas nas redes sociais por indivíduos ou grupos sociais podem interessar somente a um pequeno numero de pessoas, mas a depender do seu conteúdo pode "viralizar", ou seja, espalhar-se de forma instantânea e incontrolávelatingindo milhares de internautas. Nas redes sociais se publica qualquer coisa (fotos, imagens, opiniões, denuncias, xingamentos, mentiras) e ninguém deve satisfação a ninguém, embora nos últimos tempos o Facebook, por exemplo, já esteja tentando impor certos limites, ainda que mínimos.

Além do mais, este também é um mundo em que ninguém estáre-almente longe de ninguém, mesmo que as distâncias geográficas entre as pessoas sejam enormes. Estamos definitivamente conectados uns aos outros, independentemente de quais sejam nossas opções religiosas, políticas ou sexuais.Vivemos em rede, todo mundo junto e misturado! Podemos ser contra ou a favor, apoiar ou rejeitar, mas a verdade é que desta rede já não podemos fugir, exceto naqueles raros momentos em que desligamos o celular ou ficamos sem internet, o que para muitas pessoas significa uma quase morte social. Definitivamente não existe outra maneira de ser humano nos dias de hoje a não ser esta.

Um mundo de sociabilidades escolhidas

As novas tecnologias horizontalizaram os processos comunicativos de massa capacitando os indivíduos a serem provedores/difusores de informações. Cada pessoa, desde que tenha acesso àinternet, é capaz de coletar e difundir informações a seu bel-prazer. O uso da internet empodera as pessoas, aumentando sua sensação de segurança, liberdade pessoal e influência. Todas essas percepções têm um efeito positivo na felicidade e no bem-estar pessoal(CASTELLS, 2013) De fato, muitas pessoas hoje em dia já se acostumaram, por exemplo, a postar fotos, comentários, piadas e até mesmo ofensas pessoais nas redes sociais. O que parece valer mesmo é o sentimento ou o desejo de cada um e de cada uma. Parece que o mundo gira ao redor de mim e das pessoas do meu grupo social.

Neste sentido é curioso perceber de que maneira se formam os grupos sociais atualmente. A chamada "sociabilidade escolhida" (CASTELLS, 2013) é um dos traços principais da Era Digital. Já não são mais as relações de parentesco, vizinhança ou coleguismo que prevalecem na hora em que alguém decide optar pela inserção num determinado grupo social. Os grupos sociais são formados livremente a partir de interesses muito diversos, de acordo com as opções politicas, religiosas, sexuais e também os gostos, sentimentos, experiências e expectativas individuais. Esses grupos muitas vezes extrapolam os limites geográficos e culturais específicos nos quais tradicionalmente ocorriam os processos de socialização. Agora sim vivemos realmente (virtualmente) na "aldeia global". Porém, essa globalização possibilitada e favorecida pela internet é uma decisão de cada membro da rede e não é determinada por ninguém. Estamos todos/as conectados/as, mas essa conexão é fruto da liberdade de cada um/a de nós.

Um mundo de amplitude e profundidade

Não é apenas a mudança do "o que" e do "como" as coisas são feitas, mas também do "quem" somos afinal. A "nova versão" traz consigo uma mudança radical de paradigmas em todos os campos. Engana-se quem pensa que o que houve foi apenas a troca do telegrama pelo WhatsApp, do telefone fixo pelo celular ou das fitas de vídeo que as pessoas alugavam na locadora pelo Netiflix que assistimos no conforto das nossas casas. Foi muito mais do que isso, infinitamente mais! Na sua obra chamada "Gestão do amanhã" MAGALDI e SALIBI NETO afirmam que"Existe uma nova perspectiva de mundo. Esse sistema não é uma mera evolução incremental da anterior. Trata-se de uma versão que roda de acordo com uma lógica muito peculiar, distinta das precedentes". (MAGALDI e SALIBI, 2018)

Todas as revoluções tecnológicas que a humanidade conheceu (da máquina a vapor até a descoberta da eletricidade) impactaram de alguma maneira a nossa forma de SER e de ESTAR no mundo. A invenção da prensa mecânica por Gutemberg, para citarmos apenas um exemplo, teve uma grande influência sobre os rumos da humanidade. O acesso aos livros democratizou a leitura e o conhecimento se expandiu enormemente. No entanto, as tecnologias advindas da nossa Era Digital produzem um impacto muito mais sistêmico, pois envolve a transformação de sistemas inteiros. Trata-se daquilo que MAGALDI e SALIBI NETO na obra já citada chamam de "Momento disruptivo", ou seja, um choque tão radical que faz desabar não apenas este ou aquele andar, mas o prédio inteiro. Os autores dizem que

> ao iniciar o século XXI, o mundo entrou em uma verdadeira erupção. Organizações tradicionais paralisaram-se mediante o entendimento de que todo o conhecimento estabelecido ao longo de séculos de experiência valia muito pouco perante uma realidade desconhecida." (MAGALDI e SALIBI, 2018)

Experimentamos na verdade uma mudança cultural sem precedentes na história. Não há nada que se assemelhe a isto que estamos vivendo hoje. Uma vez que a comunicação eficiente é uma característica fundamental da raça humana, a transformação da comunicação afeta todos os níveis das nossas vidas e, talvez (apenas talvez), leve a mudanças em nossas conexões cerebrais com o tempo (CASTELLS, 2013). Passamos agora a enxergar tudo com outros olhos, a partir de uma nova perspectiva de mundo. Reaplicar os modelos já existentes pode significar não somente um retrocesso, mas uma sentença de morte. Isto vale para as empresas, a Vida Religiosa Consagrada, as instituições em geral e as pessoas individualmente falando também.

Saudosismo

O saudosismo quase sempre surge nas conversas entre homens e mulheres com mais de 50 anos, e isto vale também para religiosos e religiosas. Expressões como "No meu tempo não era assim" ou "Tudo mudou e mudou para pior" a gente encontra por aí em qualquer bate papo de boteco, fila de aposentados, banco de praça ou nos momentos de convivência em nossas casas religiosas. Fala-se muito de um tempo passado, muitas vezes idealizado como melhor do que este, e de um tempo presente que não agrada e não satisfaz as expectativas de quem

já viveu outras eras. O "ontem" sempre seria melhor do que o "hoje". No "ontem" eu estava bem seguro, mas no "hoje" me sinto perdido. No "ontem" eu acreditava, porém no "hoje" eu não consigo mais confiar.

Em si mesmo o saudosismo é uma coisa boa. Faz bem a alma e ao coração, afinal, lembrar o passado, sobretudo quando este passado, próximo ou remoto, apesar dos pesares, foi bem vivido e os motivos de arrependimento não existem, e se existem são poucos. Como dizia aquela antiga marchinha de carnaval, "recordar é viver!", pois recordar de alguma maneira é viver de novo o que se viveu. Este saudosismo é doce, é suave, é otimista.

No entanto, existe também aquele saudosismo amargo, um sentimento triste que faz sofrer e que corrói pouco a pouco em nós os restos de esperança e de motivação para seguir vivendo. Um saudosismo assim desse jeito pode ser também um indicador de preconceito e discriminação. Não raras vezes ao enaltecer o passado que era bom nos esquecemos de que o Espírito de Deus de fato renova a face da terra ( ) e por isso mesmo é capaz de tornar o presente tão bom ou ainda melhor do que o passado. Abrir-se à ação de Espirito Santo é, portanto, abrir-se ao novo que surge a cada instante. Para conseguirmos isso, precisamos lutar contra os preconceitos arraigados lá no passado e nos abrirmos corajosamente ao diálogo com os fatos do presente sem discriminar nada nem ninguém. Saudosistas amargos conseguem amargar a vida dos outros! Saudosistas abertos às moções do Espírito se alegram com o seu passado e vibram com as possibilidades do presente!

Para que mudar, afinal?

Esta é uma das perguntas mais comuns entre os saudosistas amargos. O raciocínio é mais ou menos o seguinte: se o passado foi tão bom, por que não repetir as velhas fórmulas? Já dizia o ditado "em time que está ganhando não se mexe"! Diante das instabilidades e incertezas do presente não seria mais prudente deixar as coisas como estão, ou melhor, como sempre estiveram? Recorrendo ainda aos ditos da sabedoria popular: "Prudência e caldo de galinha não fazem mal a ninguém" ou "É melhor um pássaro na mão do que dois voando". Os valores que construímos no passado significam a estabilidade da instituição, enquanto que os novos que estão por aí não nos dão garantias de nada. Na melhor das hipóteses, os saudosistas amargos tentam postergar o enfrentamento do presente na base do "deixa como está para ver como é que fica". É evidente que esse tipo de postura não vai levar a lugar algum.

Parece que foi mais ou menos este o sentimento dos apóstolos que estavam com Jesus no momento da sua ascensão( ). Eles queriam ficar por ali contemplando para sempre aquela visão magnífica( ). Para que descer da montanha e correr riscos lá na planície? Para que trocar a paz pela guerra, a glória que já tocamos com nossas mãos pelas incertezas do cotidiano? Armar três tendas e fixar-se para sempre naquele local maravilhoso na companhia de Moisés, Elias e Jesus, essa era a ideia. Inconformados, talvez eles tenham dito para Jesus: "Senhor, mas que ideia mais estapafúrdia essa!" Entretanto, para decepção dos apóstolos, Jesus rejeita a proposta e convida-os a descerem da montanha e assumirem os desafios da planície. Jesus não era tão ingênuo a ponto de desconhecer os riscos da missão. Ele sabia que lá embaixo as coisas seriam muito complicadas, mas sabia também que não havia sido enviado para a montanha, e sim para a planície onde pulsa a vida, as dores e as alegrias humanas. A decisão de descer e assumir os riscos que o anúncio da Boa Nova carregava certamente não agradou aos discípulos. Depois, somente depois, é que esta compreensão se tornará possível.

Assim como os apóstolos, existem pessoas consagradas hoje em dia tentando buscar refúgio na montanha tranquila de suas instituições religiosas. São homens e mulheres com medo de descer à planície onde se encontram os grandes desafios do nosso tempo, a Era Digital. São religiosos e religiosas que acreditam que o "ontem" foi melhor e conservar dessa maneira o passado é a opção mais conveniente. Para esses irmãos e irmãs a VRC é um modelo que não deve ser mudado. Defender as formas tradicionais então é a tarefa que se impõe. No máximo pode-se fazer "reformas" pontuais, desde que não haja riscos demasiados. "Em geral, o ser humano se preocupa muito mais com o risco de experimentar algo novo do que com o perigo de manter o status quo em um ambiente em transformação." (MAGALDI e SALIBI, 2018)

A obra desses dois autores trata especificamente da área da administração de empresas, mas podemos trazer também esta reflexão para a realidade da VRC. Parece que a tendência, ao menos em algumas famílias religiosas, é recuar ou acomodar-se na sua "zona de conforto". Dentre outros motivos, isto se deve à crescente diminuição dos seus quadros, carência de vocações, sustentabilidade financeira e às vezes a falta de novas lideranças ou de lideranças abertas a este novo mundo em que vivemos. Descer à planície se apresenta não raras vezes como tarefa dificílima de ser feita! Melhor ficar nas tendas em segurança do que arriscar-se na planície desconhecida. O problema é que esta "segurança" não é tão

segura como pensam alguns religiosos e algumas religiosas. O "momento disruptivo" em que vivemos é forte o suficiente para desestabilizar grandes e sólidas instituições reduzindo a pó nossos castelos de sonhos.

Riscos sim, oportunidades também!

Os/as saudosistas pessimistas (amargos/as) veem na Era Digital apenas os riscos, os perigos que rondam nossas instituições. Ao contrario, os/as saudosistas otimistas (doces) enxergam mais longe e por isso entendem que os riscos muitas vezes são novas oportunidades para avaliar a caminhada e crescer. Essas pessoas podem até ser idosas, mas se mostram jovens na hora de examinar a realidade e de assumir os desafios trazidos por ela. A idade cronológica não importa quando se tem abertura para o novo. São os visionários e visionárias que não se contentam em ficar reclamando das "novidades" do nosso tempo, mas se lançam na aventura cotidiana de tentar "decifrar a esfinge".

É certo que os riscos são vários, uns mais, outros menos conhecidos. Talvez um dos maiores neste momento seja a possibilidade de disseminação de todo tipo de ódio racial, homofobia e outras formas de preconceito. Tudo isso pode ser "viralizado" a qualquer momento por qualquer pessoa nas redes. Além do mais, as redes sociais passaram a ser invadidas pelo que se convencionou chamar de "pós-verdade", ou "Fake News"(notícia falsa). Não por acaso, em 2016, o Oxford Dictionaries escolheu "pós-verdade" como sua palavra do ano, definindo-a como forma abreviada para "circunstancias em que os fatos objetivos são menos influentes em formar a opinião pública do que os apelos à emoção e à crença pessoal" (D' ANCONA, 2018) A imagem pessoal ou a reputação de qualquer instituição pode ser afetada gravemente pela divulgação de mentiras nas redes sociais. Essa "invasão da mentira" começa a tornar-se uma preocupação, pois compromete a estabilidade social, política e econômica de que precisamos para viver. Infelizmente ainda não se achou o antídoto para conter esta doença. E o pior é que muitas vezes com a melhor das intenções, mas sem um mínimo de discernimento, replicamos o "Fake News" e ajudamos a espalhar o vírus da mentira no ciberespaço.

Quanto às oportunidades, assim como os riscos, são muitas. A Era Digital é a era das liberdades individuais. Estas liberdades, evidentemente, podem ser usadas para o mal ou para praticar o bem. Vivendo num mundo multifacetado e conectado é possível buscar e trocar informações, esclarecer, motivar, sensibilizar e assim mobilizar as pessoas para

algo positivo. Hoje, inúmeras mobilizações sociais no mundo inteiro são articuladas a partir das redes. A luta em defesa dos direitos humanos, especialmente das minorias, encontrou na internet o seu maior aliado.

Por outro lado, as redes sociais também são oportunidades para criar espaços de discussão de temas os mais diversos. Engana-se quem pensa que o Facebook, por exemplo, foi criado para divulgar baixarias, ódios e preconceitos. As pessoas que se utilizam das redes para propagar seus recalques ou instintos raivosos não são maioria. Que haja intolerância e ofensas por parte de alguns usuários não significa que o Face ou qualquer outra rede social tenha sido criada para esse fim. Podemos e devemos entrar nas redes para compartilhar coisas boas, coisas que possam de fato servir para o crescimento da humanidade ou dos valores humanos que existem na Era Digital.

Espaço privilegiado de compartilhamento neste mundo multifacetado e plural, as redes exigem também o respeito às diferenças. Eis aqui outra grande oportunidade! À medida que soubermos respeitar as diferenças, em vez de tentarmos convencer os outros internautas à base do autoritarismo ou do dogmatismo, seja ele politico, seja ele religioso, as redes sociais nos ajudarão aconstruir entre nós relações verdadeiramente transparentes e democráticas. Assim, não seria tolice afirmar que a Era Digital pode serperfeitamente compatível com os valores do Evangelho de Jesus. O maior mandamento, o mandamento do amor ao próximo, se traduz hoje por respeito, tolerância e compartilhamento solidário do que temos e do que somos. E essas mesmas redes sociais que propagam ódio, preconceito e intolerância também podem ser usadas como redes de solidariedade entrelaçando pessoas de diferentes credos religiosos, opções politicas ou sexuais.

Três palavras importantes

São na verdade três atitudes que devemos ter se quisermos encarar os enigmas da esfinge. A primeira é ABERTURA, ou seja, disposição para abrir mão de certas posturas que no passado recente eram consideradas inabaláveis. Quem acha que sabe tudo e se fecha ao novo que está entrando, ou melhor, que já entrou em nossas vidas, talvez não tenha condições de sobreviver nos dias de hoje. Quem não tem perguntas a fazer ou quem pensa que pode tirar dos seus arquivos antigos respostas para tudo, ficou para trás e já perdeu o bonde da história. A Era Digital é também a era dos novos aprendizados, um convite a desconstruir

antigas "certezas" e encarar novas e ricas possibilidades. Assim, é importante resgatar, novamente, a relevância da humildade como fator de desenvolvimento pessoal, com o líder aprendendo a desaprender e se desapegando de suas certezas, muitas delas entranhadas nas profundezas de sua consciência. Ao criar o padrão de fazer perguntas instigantes com frequência, estimulam-se a curiosidade e a inquietude, provenientes da convicção de que tudo está em aberto. (MAGALDI e SALIBI, 2018)

A outra palavra é DISCERNIMENTO. A parábola do joio e do trigo (....) é extremamente atual. Hoje mais do que nunca precisamoslançar um olhar critico sobre a realidade, um olhar não de simples condenação, mas de discernimento cristão. Joio e trigo estão muito misturados e separá-los de acordo com os critérios do Evangelho é tarefa nossa. Talvez seja esta a nossa maior contribuição nos dias de hoje e para os dias de hoje. No entanto, ressalte-se que para fazer qualquer processo de discernimento algumas condições são necessárias. A primeira dessas condições é o conhecimento o mais completo possível da realidade. Não basta ter em mãosum celular de última geração para dizer que é uma pessoa "atualizada". Cursos, seminários, palestras, momentos de estudo individual e comunitário sobre os temas mais importantes da Era Digital são muito importantes para quem deseja começar a decifrar os enigmas da esfinge. Depois, é preciso entrar com os espíritos desarmados, isto é, sem ideias preconcebidas ou pré-julgamentos. Além disso, é sempre bom ressaltar que o discernimento verdadeiro é um processo dialogal com ampla participação das pessoas envolvidas em que se respeita a diversidade e o pluralismo.

E a terceira atitude que nos ajuda na tentativa de decifrar os enigmas do nosso tempo é a OUSADIA. Ao contrário do medo que paralisa, a ousadia nos impulsiona corajosamente na direção desses novos caminhos que estão se abrindo à nossa frente. O peso das instituições de Vida Religiosa às vezes é tão grande que não nos permite arriscar. Porém, hoje é ainda mais verdadeiro o ditado que diz "quem não arrisca não petisca". Toda essa tecnologia trazida pela chamada "4ª. Revolução Industrial" (a popularização da internet, as maquinas inteligentes, a inteligência artificial e outras conquistas) está sendo apropriada por gente que questionou o seu modo de SER e de FAZER e ousou investir no novo. Atualmente, as empresas mais lucrativas do mundo são aquelas que nasceramjustamente da ousadia de um punhado de jovens como, por exemplo Mark Zuckerberg, um dos criadores do Facebook. As "Startups" se multiplicam a cada dia transformando ideias em realidade e ajudando

a humanidade a viver melhor. Essas pequenas empresas (algumas não tão pequenas assim) revolucionam o mundo a cada instante. A quantidade de aplicativos, por exemplo, que temos hoje à nossa disposição (na palma da mão) já é algo que impressiona. Alguém precisa de transporte? Chama o UBER. Quer ouvir musica? É só baixar no celular. Está perdido na cidade? Entra em qualquer navegador. Negócios bancários? Baixa o aplicativo do seu banco. Tudo muito prático e rápido.

Vamos descer a montanha?

Sair do comodismo e das nossas "zonas de conforto", descer até a planície exige um grande esforço e sempre comporta alguns riscos. O enigma da esfinge não é assim tão fácil de decifrar, mas também não é algo que esteja acima das nossas capacidades humanas. Foram estas mesmas capacidades que criaram a esfinge, afinal. A Era Digital é o tempo das perguntas, então perguntemos! Não nos contentemos com as respostas já carcomidas pelo tempo. Ousemos inventar uma Vida Religiosa Consagrada diferente porque o nosso tempo é diferente. Regras, padrões, conceitos anacrônicos devem ser "reconfigurados". Para isto somos convidados/as a abrir sempre mais os olhos, a mente, o coração, procurando entre montanhas de joio o trigo precioso, que é a vontade de Deus em nossas vidas.

Coloquemos as novas tecnologias a serviço da justiça e da paz. Usemos as redes sociais para disseminar a fraternidade, o respeito e a tolerância entre as pessoas. Que as tecnologias sejam nossas aliadas, aliadas do Evangelho, e não inimigas. Com abertura, discernimento à luz da Palavrae muita ousadia vamos decifrando o enigma e tornando a VRC atual, eficaz e coerente com a sua missão de ser "sal e luz do mundo" (...)

JUVENTUDE NEGRA: LUTA E RESISTÊNCIA

José Rodrigo Pontes dos Santos[1]
Maria Cândida Lima de Sousa[2]
Lúcia Isabel da Conceição Silva[3]

Introdução

> Tem que acreditar, desde cedo a mãe da gente fala assim: "Filho, por você ser preto, você tem que ser duas vezes melhor".
> Aí, passados alguns anos, eu pensei: como fazer duas vezes melhor?Se você está pelo menos cem vezes atrasado pela escravidão, pela história, pelo preconceito, pelos traumas, pelas psicoses, por tudo o que aconteceu? Duas vezes melhor, como? Ou melhora, ou você é o melhor ou pior de uma vez. Sempre foi assim. Se você vai escolher o que estiver mais perto de você ou que estiver mais perto de sua realidade, você vai ser duas vezes melhor como? Quem inventou isso aí? Quem foi o pilantra que inventou isso aí?
> Edi Rock. Música "A vida é um desafio" – Racionais Mc's

A apresentação da música "A vida é um desafio", do vocalista Edi Rock da banda de Rapper Racionais4, sinaliza bem o caminho que pretendemos transcorrer neste estudo, denunciando o genocídio ao qual a população negra, em especial os jovens, vem sofrendo na

1 Mestrando em Educação, Especialista em Saberes Africanos e Afro-brasileiros na,Amazônia/rodrigosantosufpa@hotmail.com .
2 Mestranda em Educação, Especialista em Educação, Pobreza e Desigualdade Social e em Filosofia da Educação/m.candys@hotmail.com.
3 Professora do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará/luciaisabel@ufpa.br.
4 Música gravada no Sesc Itaquera em 2006 na Cidade São Paulo.

sociedade brasileira ao longo dos séculos. Sobre genocídio, usarei as referências citadas por Abdias Nascimento em seu livro "O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado" de 1978, no qual expõe que genocídio é:

> GENOCÍDIO - geno-cídio.
> O uso de medidas deliberadas e sistemáticas (como morte, injúria corporal e mental, impossíveis condições de vida, prevenção de nascimentos), calculadas para a exterminação de um grupo racial, político ou cultural, ou para destruir a língua, a religião ou a cultura de um grupo. (Webster's Third New lnternational Dictionary of the English Language, Massachussetts, 1967 apud NASCIMENTO, 1978, p.07-08).

O genocídio do jovem negro no país não é mero acaso. Atende a uma estrutura de poder que tem suas raízes fincadas em meados do século XV com o início do processo de "colonização". É preciso essa retomada de discussão para podermos entender o cenário atual, onde esses jovens negros são as principais vítimas do sistema, figurando como os mais pobres e como as principais vítimas de homicídios por armas de fogo, segundo dados recentes do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) (2017) e da Campanha Jovem Negro Vivo puxada pela Anistia Internacional[5].

Segundo Hasenbalg (2005), a pobreza no Brasil tem cor, os pobres são negros e os negros são pobres. Para Florestan Fernandes (1972), a concentração de negros e negras como a população mais miserável no país tem sua herança na escravidão, por isso é importante retomarmos essa discussão, pois assim se tornará mais fácil compreender a situação do/a jovem negro/a no país. De acordo com Fernandes (1972), a situação da pobreza dessa camada da população é amparada por preconceitos raciais e suntuosas discriminações, sustentada desde o período escravista, baseada por teorias alienadas à ideia de raça.

Porém, antes de aprofundar essa discussão, é importante situar a categoria juventude, entendendo quem são estes sujeitos, para então adentrar no contexto especifico da juventude negra, que requer uma discussão mais intensa, fazendo-se necessária uma breve contextualização da chegada da população negra no Brasil e de teorias ideológicas ligadas à ideia de raça e embranquecimento, que, sem dúvida alguma, deixaram e deixam resquício na situação da juventude negra hoje, como revelam dados do IBGE.

5 Anistia Internacional é uma organização não governamental que envolve mais de 7 milhões de apoiadores em mais de 150 países em prol da garantia dos direitos humanos e em defesa de território de populações tradicionais.

A categoria juventude, distinguida demograficamente como o grupo de pessoas pertencentes à faixa etária de 15 a 29 anos, emerge da identidade do ser jovem, em sua dimensão biológica, cognitiva e sociocultural, não podendo ser interpretada somente pelo viés demográfico, visto que:

> O termo 'juventude' refere-se ao período do ciclo da vida em que as pessoas passam da infância à condição de adultos e, durante o qual, se produzem importantes mudanças biológicas, psicológicas, sociais e culturais, que variam segundo as sociedades, as culturas, as etnias, as classes sociais e o gênero.
> (...)
> A partir de enfoques biológicos e psicológicos, a juventude estaria definida como o período que vai desde o momento em que se atinge a maturidade fisiológica até a maturidade social. Mas, nem todas as pessoas de uma mesma idade percorrem esse período vital da mesma forma, nem atingem tal meta ao mesmo tempo, daí que a partir da sociologia e da ciência política se insiste na necessidade de se incorporarem outras dimensões de análise. A juventude tem significados distintos para pessoas de diferentes estratos socioeconômicos, e é vivida de maneira heterogênea, segundo contextos e circunstâncias. Esse é um dos embasamentos para a utilização do termo juventudes no plural, contudo não se apela para uma visão fragmentada por tipos de jovens, e se ressalta que há elementos comuns a todos jovens (BRASIL, 2004. p. 23-25).

Todavia, a juventude somente será enfatizada na América Latina, precisamente no Brasil, nos anos 60 – no período desenvolvimentista, tendo em vista o olhar futurista sobre o jovem, que passou a representar a mão-de-obra necessária ao mercado de trabalho, o chefe de família, o estudante secundarista, sem esquecer o porte físico hábil ao crescimento econômico do país.

No que tange à agenda governamental, a inserção da juventude como pauta acontecerá no final da década de 1980, após a atuação juvenil no processo de democratização – retornar à democracia como forma de governo – por meio de movimentos estudantis, partidos políticos e movimentos sociais, ganhando visibilidade no cenário latino-americano, em conjunto com a ação sindical:

Entre outros fatores, a própria desativação e rebaixamento da participação tradicional, ocorrida posteriormente (e que ainda permanece) pode constituir um elemento de juízo de geração por parte dos jovens, com relação à capacidade dos sistemas políticos na concentração das expectativas depositadas nos mesmos.

A esse fator, de particular importância, pode-se adicionar a designação do ano de 1985, por parte das Nações Unidas, como o Ano Internacional da Juventude, fazendo com que o tema aumentasse de importância para os organismos internacionais e os Estados nacionais (BANGO, 2003, p. 40).

A participação da juventude nos movimentos sociais contestatórios, diante da conjuntura nacional, denota a preocupação do respectivo grupo por questões referentes à organização da cidade, em busca da emancipação política, opondo-se a ordem imposta por uma fração de classe dominante. Neste sentido, a inserção do jovem no movimento social, como protagonista da ação, permitiu "o enfrentamento de estigmas existentes, centrados na imagem amplamente difundida de jovens como problema" (BRASIL, 2004, p. 155).

Sob este enfoque, Pedro Pontual (2003, p. 115) assinala que a organização autônoma da juventude na sociedade civil é complementada pela criação de espaços e canais institucionais de participação. Entretanto, ao lado da crise econômica instalada no Brasil, após a transição política de 80, temos uma parcela elevada de jovens em situação de vulnerabilidade social, desempregada, posto que, suas formações eram norteadas para a vivência militar regida pelo governo ditatorial.

Em meio às modificações políticas e econômicas nacionais, observa-se a mudança no trato à juventude brasileira, uma vez que torna-se necessário integrar o público juvenil ao mercado de trabalho (visando alavancar a economia nacional), perpassando pela qualificação profissional, oportunizando aos que nada detinham, incluindo o acesso à política educacional, o mínimo indispensável à formação humana e cidadã. Porém, cabe frisar que esta mudança ainda não atingiu de forma efetiva o cenário de desigualdade social que permeia a juventude negra, que é marcada pela estrutura montada do poder.

Ideia de raça e o negro no contexto da pós-abolição: interfaces com o mundo juvenil

A ideia de "raça" é de suma importância para entendermos a estrutura de poder que foi montada para subjugar a população negra; isso porque ela tem servido para classificar a "diversidade humana" em raças distintas, como forma de hierarquizar seres em superiores e inferiores, aptos e não aptos, civilizados e "não civilizados" (MUNANGA, 2003). Quijano (2005) explica que essa forma de dominação baseada no conceito de

raça surge como um dos instrumentos mais eficazes de subordinação, pois, além de ser usada como justificativa para a escravidão de negros e negras, sobrevive no imaginário do racista como um mecanismo de afirmação de sua superioridade e manutenção do *status quo*.

A ideologia de raça atravessou a história, tendo efeitos nas relações estabelecidas após a escravidão, onde o sentimento mórbido que tarjou a população negra no país como inferiores os relegou à condenação de viverem sobre a *judie* do Estado, que se desenhava sob a ordem de uma economia mundial, o capitalismo. O contexto pós-abolição não trouxe tantas perspectivas à população negra liberta, isso porque mudou-se o modelo de sociedade, mas as estruturas se mantiveram: "Os escravos assumiram a liberdade sem nenhuma profissionalização. A preferência pelo trabalhador imigrante consolidou o mito de que o negro era bronco e vagabundo" (CHIAVENATO, 2012, p.225).

A república consolidou práticas racistas oriundas do tempo da escravidão, levando a população negra a uma situação de desfavorecimento no contexto pós-abolição. Em complemento, Mattos (2015) acrescenta que o governo republicano promoveu uma campanha de branqueamento da população por meio do incentivo à imigração de europeus[6], e o casamento entre brancos e negras visava o melhoramento da raça, ao mesmo tempo que ocorria a aniquilação dos mesmos[7], que eram marcados/as como os/as principais responsáveis pelo atraso do país.

Com a imigração, restaram aos negros e negras os trabalhos menos qualificados, de menor remuneração e sem qualquer tipo de contrato assinado. No meio rural, sobraram os trabalhos mais penosos, exercidos em condições iguais às praticadas durante a escravidão, sem materiais adequados e em locais insalubres. Nas cidades, "os negros eram subempregados em atividades domésticas, no transporte, na limpeza das ruas, no carregamento de cargas e na venda de jornais" (MATTOS, 2015, p.187).

A população negra no país deixa de ser a classe escravizada dos tempos de colônia e império, para hoje ocupar outro posto, a da camada da população mais pobre. Para Santos (S/D, p.06) "a forma como que se

6 Esses ganhavam terras para o cultivo no país. Essa informação pode ser constatada quando direcionamos nossos olhares ao sul e sudeste do país, o qual, concentram grande número de pessoas brancas frutos dessa imigração (alemães, italianos etc..).

7 Ver decreto 3.688 de 1941 que institui a conhecida "lei de vadiagem" que em seu artigo 59 prevê a prisão de até três meses a pessoas que se encontrem na ociosidade. Nesse período, quem estava desempregado? O negro e a negra! Figuras frequentes nos boletins policiais da época. Essa e o a imigração, algumas das diferentes formas de discriminação e aniquilamento contra a população negra proposta pelo Estado Racista.

fez a abolição condenou os negros à imobilidade social", na medida em que manteve as estruturas e relegou a população negra a conviver com o racismo e com a falta de emprego, saúde e educação.

Com o racismo, atribui-se determinados critérios psicológicos, morais, intelectuais, culturais e estéticos entre sujeitos e povos que são situados em uma escala de valores desiguais (MUNANGA, 2003). Nessa escala de valores, os ligados à população negra estão em último. Um dos artifícios do racismo é, segundo Franz Fanon (2008), produzir desvios existenciais de nossa cultura e memória, propagando o sentimento de inferiorização que é absorvido de forma consciente ou inconsciente pelos sujeitos, no caso da população negra, afastando-os de sua negritude[8] (MUNANGA, 1998).

O racismo em sua finalidade se mostrou muito eficaz no Brasil, isso porque conseguiu e ainda consegue sustentar a desigualdade entre os indivíduos, atuando em diferentes instâncias (interpessoal, pessoal e institucional) de forma descabida e dissimulada. Na contramão do racismo, é essencial destacar o fortalecimento e surgimento de diversos grupos, entidades e movimentos sociais durante o século XX (século em que a juventude também ganha visibilidade), os quais visavam denunciar a situação da população negra no país, ao mesmo tempo em que desmontavam a tese de passividade destes. Essas organizações e movimentos, além de serem importantes ferramentas de denúncia e difusão da cultura negra, atuam no combate ao racismo, preconceito e discriminação, exigindo políticas afirmativas para reparar os mais de 300 anos de exploração nos quais os próprios foram submetidos no Brasil.

No contexto das primeiras décadas do século XX, surgiram associações carnavalescas em São Paulo como forma de ressaltar a cultura afro-brasileira por meio da música. Nesse mesmo período, surgiram também jornais dirigidos por negros, que tinham por finalidade divulgar a cultura negra e a situação do negro no país, bem como reivindicar políticas afirmativas. Dentre os principais jornais, destacaram-se: O Combate (1912); O Alfinete (1918); Kosmos (1922); O Clarim da Alvorada (1928) e Tribuna Negra (1928) (MATTOS, 2015).

Em complemento a essas ações, ainda temos os movimentos culturais e políticos como o Centro Cívico Palmares – CCP (1927), a Frente Negra Brasileira – FNB (1931) o Teatro Experimental do Negro –

8 "Para Césarie, a negritude é o simples reconhecimento do fato de ser negro, a aceitação de seu destino, de sua história, de sua cultura. Mais tarde, Césarie irá redefini-la em três palavras: identidade, fidelidade, solidariedade" (MUNANGA, 1998, p.24).

TEN (1944) e o Movimento Negro Unificado – MNU (1978) que visavam a difusão da cultura africana e afro-brasileira por meio de atividades teatrais e alfabetização desenvolvidas pelo TEN e CCP, além de reivindicações de políticas de reparação, superação do racismo e de valorização da história e cultura africana puxadas pela FNB e pelo MNU (ALBURQUERQUE; FILHO, 2006).

Essas entidades operaram em um deslocamento de perspectiva, que oportunizou a valorização da cultura africana em um contexto voraz de imposição e genocídio. Essas entidades visam reverter o quadro de desigualdade que assolava a população negra no país, fortalecendo também a identidade negra, antes marginalizada e desvalorizada. Identidade negra agora é colocada em destaque, com orgulho, como símbolo de resistência e valorização do negro (MUNANGA, 1998).

Por meio da organização, reivindicação e pressão dessas entidades, o Estado brasileiro, logo após a redemocratização do país, trouxe em sua Carta Magna de 1988 demandas da população negra para reverter o quadro desigual ao qual esses foram submetidos, a saber: o § XLII do Art. 05, o § 1º do Art. 215, o Art. 216; o § 1º do Art. 242 e o Art. 68, que respectivamente versam que:

> a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei (BRASIL, 1998).
> O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional (BRASIL, 1998).
> Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem (BRASIL, 1998).
> O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro. (BRASIL, 1998).
> Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos (BRASIL, 1998).

Com a Constituição Federal, outras leis e decretos foram sendo sancionadas, como a Lei 9.394, que institui Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em 1996 que, em seu texto, versa sobre a obrigatoriedade do Estado de garantir o acesso e permanência de todos, sem discriminação de cor, além de afirmar o compromisso do Estado em desenvolver uma educação étnico-racial.

Com a LDB, esperava-se resultados positivos, principalmente no que se refere à manutenção de negros e negras nos espaços escolares, diminuindo a distância entre brancos/as e negros/as no que tange ao percentual de analfabetos, evasão e anos de escolarização (quando esses últimos encontravam-se em desvantagem no final do século passado).

Ainda que houvesse um otimismo, encerramos o século XX ainda com diferenças significativas entre negros/as e não brancos/as, em todos os setores da sociedade. De acordo com Henriques (2001), a taxa de analfabetismo entre jovens brancos/as e negros/as de 15 a 25 anos ainda era muito discrepante, enquanto o primeiro apresentava uma taxa percentual de 2,6%, o segundo atingia 7,6% do total de pessoas que não sabiam ler, uma diferença de 5%. A diferença entre as populações (branca e negra) se estendia para todos os níveis de ensino, chegando à desoladora taxa de ingressos na universidade, emque 98% dos negros estavam fora.

No campo emprego e renda mensal, a população negra também se encontrava em desvantagem nesse mesmo período. De acordo com dados do IPEA, analisados por Henriques (2001), a taxa desemprego entre brancos e negros é bem distinta, isso porque os últimos eram 10,9% dos desempregados enquanto os primeiros somavam 8,9% de uma população significativamente superior (43, 1 milhões de brancos para 35,7 milhões de negros no Brasil).

Mesmo com o avanço de políticas afirmativas voltadas à promoção da igualdade racial conquistadas entre o final do século passado e o início deste, como as cotas para negros/as em universidades e a Lei 10.639/03[9], o fardo do racismo, da discriminação e do preconceito ainda atinge a população negra (NASCIMENTO, 1978).

Dados recentes, divulgados pelo Atlas da violência do IPEA de junho de 2017 e da Anistia Internacional (2017), mostram que a juventude negra no país figura como a principal vítima de crimes cometidos por arma de fogo, os quais menos de 8% dos casos são julgados. "A cada 100 pessoas que sofrem homicídio no Brasil, 71 são negras. Jovens e negros do sexo masculino continuam sendo assassinados todos os anos como se vivessem em situação de guerra" (IPEA, 2017, p.30).

De acordo com dados do IPEA (2017, p.30) "(...) o cidadão negro possui chances 23,5% maiores de sofrer assassinato em relação a cidadãos de outras raças/cores, já descontado o efeito da idade, sexo, escolaridade,

9 Institui a obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino da educação básica (fundamental e médio).

estado civil e bairro de residência (...)". Em consonância com o homicídio da juventude negra, temos os dados disponibilizados pelo Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN), via Informações Penitenciárias (INFOPEN), (2014) que, embora não traga elementos precisos sobre a faixa etária da amostragem, revela que 61,67% dos 622.202 detentos que compõem a população carcerária brasileira são negros, isso de um contingente populacional que compreende 53,63% da População Brasileira hoje. É taxativo afirmar que, quando o Estado não mata a população negra, ele a encarcera. A consequência disto é inquietante, pois a juventude negra se vê cada vez mais cercada pelas armadilhas do genocídio que não cessa.

O cenário se mostra preocupante, haja vista que o Estado, em seus diferentes poderes, ainda reproduz o racismo, não tratando igual os sujeitos, condenando a juventude negra a viver sob uma "anomalia social". Esse cenário, sem dúvida alguma, reflete o enunciado no início deste artigo, onde a discussão de estrutura do poder baseado no conceito de raça se fez necessário; isso porque, mesmo com conquistas do MN, a juventude negra ainda encabeça a lista dos desempregados, dos analfabetos, dos que abandonam a escola antes de tempo e dos que têm maior defasagem escolar (BENTO; BEGHIN, 2005, p.194). Para dar mais visibilidade ao racismo vigente em nossa sociedade, basta olharmos os dados do Plano Nacional por Amostra de Domicilio (PNAD) de 2015[10] vinculado ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que disponibiliza, dentre tantas informações, um panorama sobre a educação no Brasil. De acordo com a PNAD (2015), a taxa de analfabetismo da população negra com 15 anos ou mais é 11,5, enquanto a população branca é 5,2%, ou seja, mais que o dobro.

Esses dados podem ser complementados com outros que revelam a distorção série-idade de pessoas entre 13 e 16 anos que frequentam o ensino fundamental, em que mais uma vez os negros e negras lideram, sendo 47,7% em comparação à população branca, que são 30,9% com essa defasem no processo de escolarização. As distorções nos anos de escolarização básica resultam efeitos no ingresso de jovens negros e negras no Ensino Superior, onde esses se fazem presentes em 40,7%, (em um contexto de políticas afirmativas), enquanto a população branca com a mesma faixa etária (entre 18 e 24 anos) constitui 69,4% dos presentes neste nível de ensino (PNAD, A ausência ou negação da escola coloca a juventude negra em situação mais vulnerável, tendo que sair mais cedo de casa para ocupar trabalhos informais de "menor prestigio" para garantir sua subsistência.

10 O documento da PNAD (2017) "Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira" do ano 2016 não traz o recorte racial em seus dados sobre a educação.

> Pretos ou pardos representavam, em 2015, 54,0% do total da população, mas 75,5% das pessoas com os 10% menores rendimentos (contra 23,4% de brancos), ao mesmo tempo em que eram apenas 17,8% das pessoas no 1% com os maiores rendimentos, contra 79,7% de brancos (PNAD, 2017, p.96).

Com esses dados, fica evidente que uma coisa está interligada à outra, em um pacto que mantêm a tão comentada estrutura do poder. A negação ou descaso com a educação tem implicação direta na mobilidade social da juventude negra, que por sinal é a maioria pobre. Em suma, posso sintetizar que a evasão escolar ou a baixa escolarização possibilitam duas frentes desanimadoras, em que a **1º** refere-se à baixa escolaridade com incidência direta na sua mobilidade social, e a **2º** pauta-se na exposição deste ao mundo do crime, o que indiscutivelmente o coloca no grupo dos 10% com maior probabilidade de serem vítimas fatais, com estrondosos 78,9% de chance, segundo dados do Atlas da violência. Fica então possível inferir que estamos diante de um problema muito maior do que a meritocracia nos coloca, insinuando que a mudança do *status* social depende exclusivamente do jovem.

Considerações finais

A sociedade tem um desafio no que tange à modificação desse quadro de desigualdade, montado e assegurado "pelos interesses capitalistas do colonialismo até hoje vigentes, os quais vêm mantendo a raça negra em séculos de martírio e inexorável destruição" (NASCIMENTO, 1978, p.137). O problema do Brasil não é só social como nos fazem crer. É também racial! O racismo faz parte da estratégia ideológica de um grupo para se manter no poder, isso porque busca inverter a culpa, jogando a responsabilidade da condição da população negra no país aos próprios sujeitos, dada sua "suposta inferioridade".

Diante do contexto de racismo, observa-se que os jovens negros são um dos grupos sociais mais afetados, tendo em vista as consequências oriundas de sua prática na vida deles, e reflexo disso é a taxa elevada de homicídio, em que 71% são jovens negros, pobres e residentes em periferia (IPEA, 2017, p.30), demonstrando a urgência na constituição de estratégias de enfrentamento ao racismo e, por consequência, de combate à violência contra a população negra.

Existem hoje movimentos fortes puxados por diversas frentes que visam formar Palmares novamente, denunciando o processo de genocí-

dio que o negro vem sofrendo no país. Nesse movimento, a população negra procura recompor "os elos que os unem à sua ancestralidade, em busca da recuperação da identidade negra que estava "adormecida". Cabe às lideranças procurarem levar o povo negro a desenvolver sua consciência, para que conheça adequadamente sua realidade passada e presente (...)" (LOPES, 2011, p.211).

Entretanto, para além dos movimentos sociais, é necessário haver interesse político, com vistas a garantir a efetividade dos marcos legais direcionados ao atendimento do negro no Brasil, a começar pelas políticas educacionais, de trabalho, emprego e renda, como forma de minimizar as sequelas da escravidão no território nacional, de modo a contrapor o cenário brasileiro de desigualdade socioeconômica. Parece utópico, mas é necessário resistir e acreditar em novas mentalidades, inclusive no meio político, que considere o outro a partir de suas especificidades, ultrapassando o tratamento pela cor da pele e valorizando as raízes sócio-históricas do nosso povo.

Referência

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de, FILHO, Walter Fraga. **Uma história do negro no Brasil.** Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais, Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

Anistia Internacional. Campanha Jovem negro vivo. Disponível em <https://anistia.org.br/campanhas/jovemnegrovivo/>. Acessado em 10 de junho de 2017.

BANGO, Julio. Políticas de Juventude na América Latina: Identificação de desafios. In: FREITAS, Maria Virgínia de.; PAPA, Fernanda de Carvalho (Orgs.). **Políticas públicas**: juventude em pauta. – São Paulo: Cortez: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação: Fundação Friedrich Ebert, 2003.

BENTO**,** Maria Aparecida Silva; BEGHIN Nathalie. **Juventude negra e exclusão radical.** IN: políticas sociais - acompanhamento e análise do IPEA, 2005. p.194-197.

BRASIL. **Políticas públicas de/ para/ com juventude**. – Brasília: UNESCO, 2004.

_____. **Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: [s.n.], 2003.

_____. **Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996**. Institui a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Brasília, 1996.

_____. **Lei Áurea nº 3.353 de 13 de maio de 1888**. Declara extinta desde a data desta Lei a escravidão no Brasil. 1988.

_____. **Constituição (1988)** Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, Senado Federal, 1988.

_____. **Lei nº 7.437, de 20 de dezembro de 1985**. Inclui, entre as contravenções penais a prática de atos resultantes de preconceito de raça, de cor, de sexo ou de estado civil, dando nova redação à Lei nº 1.390, de 3 de julho de 1951 Lei Afonso Arinos. Brasília, 1985.

CHIAVENATO, Julio José. **O Negro no Brasil**. 1 ed. Cortez. São Paulo: Brasiliense, 2012.

Departamento Penitenciário Naciona (INFOPEN)l. **Relatório descritivo e analítico produzido através do Termo de Parceria nº 817052/2015**, firmado entre o Departamento Penitenciário Nacional, a Secretaria Nacional de Segurança Pública e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2014.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo do Branco**. Editora Difusão Europeia do Livro. São Paulo, 1972.

HASENBALG, Carlos. **Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005, 316 p.

HENRIQUES, Ricardo. Desigualdade racial no Brasil: evolução das condições de vida na década de 90. Brasília: julho de 2001. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/igualdaderacial/index.php?option=com_content&view=article&id=652>. Acessado em 18 de junho de 2015.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Atlas da Violência 2017. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=30253>.Acessado em 10 de junho de 2017.

LOPES, Nei. **Bantos, malês e identidade negra**. 3ª Ed. Autentica, Belo Horizonte, 2011.

MATTOS, Regiane Augusto de. **História e Cultura afro-brasileira**. 2º ed. Editora Contexto, São Paulo, 2015.

MATIJASCIC, Milko; SILVA, Tatiana Dias**. Jovens negros:** panorama da situação social no brasil segundo indicadores selecionados entre 1992 e 2012. In: SILVA, Enid Rocha Andrade da; BOTELHO, Rosana Ulhôa. Dimensões da experiência juvenil brasileira e novos desafios às políticas públicas. Brasília: Ipea, 2016. p. 269-292.

MUNANGA, K. **Uma Abordagem Conceitual das Noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia**. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **Negritude - Usos e Sentidos**. 2ª Ed. Series princípios, editora Ática. São Paulo -SP, 1998.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro:** processo de um racismo mascarado. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1978.

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD. **Síntese de Indicadores Sociais:** Uma Análise das Condições de Vida da População Brasileira. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Rio de Janeiro: Cddi, 2017

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD. **Síntese de Indicadores Sociais:** Uma Análise das Condições de Vida da População Brasileira. Instituto Brasileiro de Geografia a e Estatística – IBGE, Rio de Janeiro-RJ, 2015

PONTUAL, Pedro. Juventude e Poder Público: diálogo e participação. In: FREITAS, Maria Virgínia de.; PAPA, Fernanda de Carvalho. (Organização). **Políticas públicas:** juventude em pauta. – São Paulo: Cortez: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação: Fundação Friedrich Ebert, 2003.

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. Buenos Aires, 2005.

SANTOS, Hélio. Discriminação racial no brasil. S/D. Disponível em: <http://www2.tjce.jus.br:8080/esmec/wp-content/uploads/2008/10/discriminacao_racial_no_brasil.pdf>. Acessado em 03 de março de 2015.

NO TEU ESPÍRITO, QUEREMOS VER... VOLTAR A VER...

A ESPIRITUALIDADE BÍBLICA QUE ANIMA A VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA[1]

Fr. Claudemir Rozi, O.Carm.[2]

"*Que arda como brasa, tua Palavra nos renove, essa chama que a boca proclama…*". O mantra nos traz a verdadeira dimensão da Palavra de Deus: o que a boca proclama deve transformar toda a nossa vida. A Bíblia não é somente a fonte de toda espiritualidade cristã, mas é a própria espiritualidade encarnada na história da humanidade que faz experiência de comunhão com Deus. A ação divina, através do seu Espírito, revela ao ser humano o rosto de Deus e, ao mesmo tempo, a identidade mais profunda do ser humano. Como afirmou categoricamente o Vaticano II: "*Na realidade, só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente o mistério do ser humano*" (GS 22). Da relação entre o Espírito do Deus revelado plenamente em Jesus Cristo e a humanidade, desse encontro que traz o sentido maior da vida humana, nasce a espiritualidade bíblica que orienta e mostra o sentido maior da vida humana criada por Deus.

1 Texto elaborado para um dia reflexão e oração sobre espiritualidade bíblica no projeto "Vida Maior" (Programa de Ressignificação e Reorganização do Projeto de Vida), oferecido pelas Irmãs da Divina Providência – Província da Santíssima Trindade (Curitiba - PR).

2 Frade Carmelita, Mestre e Doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma, atualmente professor de Teologia no Studium Theologicum de Curitiba (PR).

"*Então Iahweh Deus modelou o homem com a argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente*" (Gn 2, 7).

Quando falamos de espiritualidade bíblica nos referimos ao Espírito de Deus que se manifestou e continua se manifestando na história humana. Mas que Espírito é esse? Quem é esse Espírito que permeia o texto bíblico e faz com que essa Palavra se torne para todos nós Palavra de vida, de salvação, de transformação, de ressignificação, caminho a percorrer, horizonte a ser alcançado, processo a ser assumido?

Esse Espírito de Deus na Bíblia foi visto como o vento, o ar, a respiração, um elemento imprescindível para que o ser humano continue vivendo. Sabemos que se trancar a respiração o ser humano sobrevive poucos minutos ou mesmo segundos. As pessoas podem até ficar sem comer ou beber por alguns dias, mas não ficam muito tempo sem respirar, sem inalar o ar que lhe fornece e sustenta a vida. Deste modo, não temos em nós mesmos a garantia da própria vida, mas dependemos de algo que vem de fora de nós: o ar que respiramos. Da mesma forma podemos falar em espiritualidade.

O Antigo Testamento deu nome a esse Espírito de Deus de *Ruah*, ou seja, uma expressão que exprime o "sopro (de Deus)", o "movimento do ar", o "inflar", o "hálito" que o Criador sopra nas narinas do ser humano ao criá-lo. Indica ainda a "respiração" de Deus ou do ser humano. Evoca o ser humano enquanto a sua relação com Deus, dando à humanidade um aspecto de grandeza, ressaltando aquilo que é grandioso em cada homem e mulher: viver a partir do "*sopro*", do hálito de Deus. A *Ruah* ressalta o ser humano enquanto dependente de Deus, pois Dele recebe a vida e a sua conservação.

A Ruah, ou o Espírito de Deus, é um vento que tem a força de colocar outras coisas em movimento, dando vida a elas. Como o vento tem uma grande força e atua de forma enigmática – não se sabe de onde vem a sua origem –, aquilo que produz, os seus efeitos são vistos como a atuação do próprio Deus agindo na sua criação. E esse vento não pode ser controlado ou contido pelo ser humano (cf. Ecle 8,9). Ele pode apenas observá-lo (cf. II Rs 3,17; Ecle 11,4). Somente Deus pode possuí-lo, dispô-lo como quiser, pois ele se identifica com o "hálito" de Deus, com a força que se manifesta ao dar a vida no ato de respirar.

Por isso mesmo é uma força que envolve o ser humano e o domina por dentro e por fora, num sentido dinâmico e, ao mesmo tempo, unitário do seu próprio ser: esse vento torna-se o espírito humano, a sua identidade, a sua própria capacidade de ser humano. Chega-se à conclusão que a *Ruah* vai expressar tanto o mais íntimo do ser humano como também toda a sua existência: envolve a humanidade no seu todo. E através dela Deus pode levar o ser humano a decidir e a agir, a rever seus projetos e a colocá-los novamente em sintonia com aqueles de Deus. Esse Espírito é capaz da dar o sentido verdadeiro da vida e de reorientá-la a cada momento de nossa existência.

Esse Espírito de Deus que se manifesta no vento, no ar, no hálito, é a sua natureza íntima, presente na criação da sua obra-prima: o ser humano. Dizem as Escrituras que "*o Senhor Deus modelou o homem com pó do solo, soprou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente*" (Gn 2,7). No Oriente antigo era comum a ideia de que o sopro de vida era infundido pela divindade. O texto bíblico mistura os aspectos humanos com o divino para falar desse sopro de vida, usando dois termos para indicar o aspecto humano que se relaciona com outro aspecto divino: fala da respiração (*nishmah*) e do hálito vital (*nefesh*), que estão relacionados com o Espírito (*Ruah*).

De uma forma geral pode-se dizer que os três termos podem indicar *hálito de vida*, um hálito que é imprescindível e sustenta a vida, assim como o sangue no corpo humano. Se este hálito acaba, acaba também a vida. Neste contexto, a *Ruah* não indica necessariamente a respiração em si, mas o processo específico com que ela acontece, a força que se manifesta no ato de respirar. Enquanto a respiração normal seria o *nishmah*, e o *nefesh* os seres viventes, o humano terreno que respira com o hálito de vida, a *Ruah* é o movimento da respiração que traduz a vitalidade dinâmica do ser humano no seu todo.

Desta forma, o texto de Gn 2,7 deixa claras duas dimensões presentes no ser humano desde sua criação: por um lado, o "pó do solo"[3], que representa a sua condição material, temporária, o lado da sua fraqueza humana; por outro lado, o "hálito de vida" do Criador, que é a dimensão divina do ser humano, que o enche de grandeza e lhe dá a dignidade de ser criado por Deus. É o seu respiro, a vida que pulsa dentro de si, que lhe garante a presença desta chama divina, que é o sentido mais profundo do seu ser. Como nos diz a sabedoria bíblica: "A lâmpada de Iahweh é o espírito do homem, a qual penetra até o fundo do seu ser" (Pr 20,27).

3 O termo hebraico utilizado é adamah, isto é, terra ou argila, raiz da palavra Adão (Adam).

A vida humana, portanto, é totalmente um *Dom*, pois ela é recebida inteiramente de Deus. Somente Deus pode doar esse *hálito de vida* que cria e sustenta o "*ser humano*" (cf. Jó 33,4; Is 42,5). O humano é um ser que se recebe somente de Deus. E este é um ato permanente na vida humana. O *hálito* não foi inalado somente no momento da criação, mas é um ato elementar da vida que permanece continuamente a todo o momento: se parar de respirar não haverá mais vida humana. Assim, a humanidade deverá receber constantemente esse *hálito de vida* para poder continuar vivendo, para permanecer como criatura humana. E só tem um modo disso acontecer: viver um *face-a-face* com Deus, com o nariz em frente à "sua boca" para respirar o *hálito de vida* que sai do mais íntimo do seu Ser.

Provavelmente foi essa imagem que o salmista tinha em sua mente quando disse: "*Escondes a tua face e eles [os seres vivos] se apavoram, lhes retiras a respiração, morrem, voltando ao pó*" (Sl 104,29). Viver longe de Deus é a certeza de que a vida não resiste, não sobrevive, a não ser esvaziada do sentido maior do que ela mesma é, do que é verdadeiramente "ser humano". O fato de que Deus criou o ser humano dando a ele o seu *hálito de vida* faz com que a humanidade esteja definitivamente vinculada ao seu Criador para continuar vivendo. É a relação criador-criatura que fundamenta o *face-a-face* ou o *viver na presença de Deus* tão presente nas Sagradas Escrituras[4].

No Novo Testamento, esse Espírito de Deus expresso pela *Ruah* ganha novas formas e expressões. Será traduzido por *pneuma*[5], ou seja, aquele que justifica e vivifica o ser humano na sua capacidade de agir, de superar a fraqueza de sua carne, marcada pelo pecado (cf. Gl 5, 19-23). Esse Espírito é de ordem divina, isto é, vem de cima e é comunicado ao ser humano. Se nele existe uma alma que é o princípio de vida que o "anima", o Espírito (*pneuma*) é a sua fonte de onde brota toda sua energia vital.

O apóstolo Paulo fala de um ser humano com um corpo *psíquico*, isto é, material, natural, animal, que não recebeu o Espírito de Deus,

4 Principalmente os Salmos trazem muito esta perspectiva: cf. Sl 16,11; 17,15; 19,15; 21,7; 22,30; 31,21; 41,13; 42,3; 24,6; 27,8; 56,11; 68,14; 105,4.

5 Ainda no AT, na época da Monarquia, o "Espírito de Javé" já havia sofrido uma mudança radical de concepção. Ele acaba sendo visto como um dom estático, permanente, que confere aptidões específicas às pessoas, garantindo assim a assistência de Javé a seu povo. Para isso começa a ser ligado a ritos, sucessão de cargos, imposição de mãos, etc... Até que sua concepção vai deixando o seu sentido dinâmico original (como Ruah), para assumir o conceito de "Espírito santo" (Is 63,10.11; Sl 51,13), o qual basicamente vai se distanciando do seu sentido inicial. Isso ficará mais evidente na tradução grega pneuma, que é um termo já carregado de concepções filosóficas e ideológicas do helenismo. No geral, porém, irá manter algumas ideias básicas presentes no AT.

Convergencia JANEIRO 2019.indd 81 07/11/2018 09:08:28

justamente para se contrapor ao ser humano espiritual (*pneumatikós*)[6], a saber, aquele que vive a partir de uma realidade ou dom espiritual (cf. I Cor 15,44a-46; 2,14-15). Daí é que ele concluiu que, se a *Ruah* indicava o ser humano enquanto relacionado a Deus, o Criador, o *pneuma,* indica o ser humano relacionado a Cristo, aquele que revela plenamente o rosto do Criador, avançando assim na sua perspectiva. Para Paulo, Jesus é o primeiro ser humano *pneumatikós*, espiritual, concebido pelo Espírito Santo (cf. Lc 1,35; Mt 1,18.20; 3,16; Jo 1,32) e conduzido por Ele em sua vida (cf. Mt 4,1; Mc 1,12; Lc 4,1; Jo 1,33).

O evangelista João descreve a morte de Jesus como o momento em que Ele dá à humanidade um sopro de vida: "*inclinando a cabeça, entregou o espírito*" (Jo 19, 30b). O seu último respiro é um sopro de vida sobre todo ser humano. Jesus cria o ser humano novo. É a nova gênesis, a nova criação, o novo Adão. Isto se confirma quando Jesus dá um sentido comunitário à presença e permanência desse Espírito que renova o ser humano, formando comunidade, enviando-o em missão: "*'Como o Pai me enviou, também eu vos envio'. Dizendo isso, soprou sobre eles e lhes disse: 'Recebei o Espírito Santo'*" (Jo 20, 21-22). Repetindo o gesto do Criador (cf. Gn 2,7), Jesus dá novamente o sopro da vida criando a "nova humanidade". No Cristo ressuscitado, sinal maior desta nova criação, a vida do próprio Deus mais uma vez nos é comunicada através do seu *pneuma*. Novamente se confirma que é somente Deus, agora através do Cristo morto e ressuscitado, que pode nos dar a vida e sustentá-la.

Portanto, a grande verdade de fé que emerge da Bíblia é que o ser humano realmente necessita de Deus, assim como necessita do ar para respirar. A relação com seu Deus não é apenas algo complementar ou enriquecedor, mas é imprescindível para sua vida, para continuar vivendo. O ser humano sábio, segundo a Bíblia, é justamente aquele que descobriu tal verdade e a acolhe no mais profundo do seu ser: "*Mas quem dá inteligência é um espírito no homem, o sopro do Todo-poderoso*" (Jó 32,8).

Por isso que buscar a face de Deus (cf. Sl 42,3; 24,6; 27,8; 105,4; Jó 33,26; Pr 7,15), viver na sua presença (cf. Sl 56,14; 16,11; 17,15; 19,15; 21,7; 22,30; 31,21; 41,13; 68,14) é o coração da espiritualidade bíblica, pois Deus se revela na história, manifestada em sua Palavra, e plenamen-

6 Na teologia paulina, porém, o termo pneuma ganha diferentes reflexões, como no caso de um adjetivo para designar algum estado da alma (cf. Gl 6,1; I Cor 4,21; Ef 4,23; I Pd 3,4); ou aquele que pode existir mesmo após a separação do corpo (cf. Lc 8,55; 23,46; cf. Sl 31,6; Jo 19,30; At 7,59); contrapõe-se à carne (cf. Mt 26,41) e ao corpo (cf. ICor 5,5; II Cor 7,1; Cl 2,5); ou ainda pode ser relacionado ao ser humano como um todo (cf. Gl 6,18; Fl 4,23; Fm 25; II Tm 4,22).

te no seu Filho encarnado no meio de nós. Esse *face-a-face* com Deus, entretanto, só é possível numa vida de intimidade com Ele, isto é, de encontro, de oração. É ali que respiramos o seu hálito de vida, que renovamos nossas forças, que vivemos na sua presença[7]. Na Bíblia, o encontro com Cristo fez com que algumas pessoas recuperassem esse respiro e começassem a ver a vida (ou re-ver a vida) com um novo sentido.

O desejo "de ver" que transforma a vida[8]

> "*Procurava ver quem era Jesus… correu, então, à frente e subiu num sicômoro para ver Jesus que passaria por ali.*" (Lc 19, 3a.4).

A Bíblia é repleta de encontros com Deus, um *face-a-face* que faz a pessoa "tomar um novo rumo", ver as coisas de uma nova forma, transformando a sua vida e reorientando seus passos. Ao respirar o hálito de Deus, ao receber novamente o seu Espírito, a pessoa sai da fadiga de sua falta de ar, abre os olhos e começa a enxergar aquilo que até então não via. O Espírito de Deus faz ver a si mesmo e o mundo com um olhar diferente, pois antes de tudo ele nos olha com seu olhar transformador. Talvez seja esta a experiência que viveu Zaqueu (cf. Lc 19, 1-10) ao querer ver Jesus: ao querer vê-lo, é visto por Ele, e esse encontro marca e transforma a vida, dando a ela uma nova direção.

No seu Evangelho, inspirado em Isaías, Lucas já deixa claro que Jesus tem uma missão específica: evangelizar os pobres, proclamar a libertação dos presos e oprimidos, recuperar a vista dos cegos, restituir a liberdade aos oprimidos (cf. Lc 4, 18-19, citando Is 61,1-2). Depois Jesus realiza tudo isso curando os doentes (cf. Lc 4,38-41; 5,12-20; 6, 6-11; 7, 1-10; 8, 40-56), expulsando os espíritos maus (cf. Lc 4,31-37; 9, 37-43), ressuscitando o filho de uma viúva (cf. Lc 7, 11-17), acolhendo e perdoando os pecadores (cf. Lc 5, 21-25.29-32; 7, 36-50), ensinando a misericórdia e a gratuidade (cf. Lc 6,36-38), formando a comunidade de seus seguidores (cf. Lc 5, 1-11.27-28; 6, 12-16; 8, 1-3; 9, 1-6.23-26). Tudo isso antes de iniciar o seu caminho para Jerusalém (cf. Lc 9,51 – 19,27), onde irá consumar sua missão. Neste caminho, mais catequético que geográfico, forma as pessoas para ouvir a vontade do Pai; mostra que todos são acolhidos na proposta do Reino, princi-

7 Neste sentido a oração sálmica é muito rica ao falar desta busca da presença de Deus: cf. Sl 19,15; 62,9; 88,3; 95,2.6; 100,2; 119,169-170; 141,2; 142,3, entre outros.

8 Inspirado no artigo: R. P. Torquato, "Zaqueu: o 'ver' que reorienta a vida (Lc 19, 1-10), in Studium: Revista teológica, ano 4, n. 8 e 8 (2010), pp. 117-130.

palmente aqueles que são excluídos pela sociedade e até mesmo pela religião. Isto fica mais claro no chamado *evangelho dos marginalizados*[9]. Zaqueu faz parte desses "perdidos" que Jesus quer reintegrar à vida propondo um novo estilo de vida, oferecendo a salvação.

Segundo o texto bíblico, Zaqueu é um homem rico e chefe dos cobradores de impostos. A cidade de Jericó era um importante centro comercial e também de arrecadação de impostos. Porém, pela grande quantidade de estrangeiros – considerados impuros – que circulavam por ali, não era um lugar que certamente os judeus costumavam freqüentar para não se tornarem contaminados diante da severa lei das impurezas. O próprio Zaqueu, por ser chefe dos que cobravam impostos, considerados impuros por serem coniventes com a dominação romana, era também visto como impuro. E, certamente, a sua riqueza era à custa da dominação e exploração do povo.

Zaqueu tinha um interesse bastante claro: "*Procurava ver quem era Jesus...*" (v. 3). Devido à sua estatura e a multidão à sua frente, precisa subir numa árvore para realizar seu desejo. A insistência e a busca de uma possibilidade para ver Jesus mostra a intensidade que isso significava para ele: não desiste fácil, quer realmente "*ver Jesus que iria passar por ali...*" (v. 4). O mesmo desejo de ver Jesus tem o cego no texto anterior (cf. Lc 18, 35-43). Parece que alguma coisa na vida deles clama para ver algo novo que pode transformar suas vidas.

Apesar do desejo daquele homem de ver Jesus que passava, é Jesus que o precede e o vê primeiro: "*Quando Jesus chegou ao lugar, levantou os olhos e disse-lhe: 'Zaqueu, desce depressa, pois hoje devo ficar em tua casa*" (v. 5). E chama-o pelo nome, isto é, não propõe um encontro qualquer, superficial, com um desconhecido, mas sim um encontro pessoal e íntimo, e não só de se ver, de estar próximo, mas também de *permanecer* juntos. Não é só um encontro casual, mas uma comunhão de vida que revela a comunhão de Deus com seu povo. Parece que Zaqueu tem a possibilidade de estar muito próximo de Jesus, respirando o mesmo ar, acolhendo as suas palavras, se envolvendo com o seu Espírito.

E Jesus vai dizer que "deve", que "precisa", "necessita" permanecer na casa de Zaqueu, mostrando que a salvação oferecida por Deus é para todos, especialmente para aqueles que mais são excluídos dela, os impuros e indignos diante da Lei. O fato de dizer que "hoje" deve ficar em sua casa exprime a nova vida que agora lhe é oferecida, não dando

9 Seção presente entre Lc 15,1 – 19,27.

tanta importância ao que aquele homem foi, como era considerado e tratado pela tradição religiosa de sua época. Afirmando que "*hoje a salvação entrou nesta casa…*" (v. 9), mostra-se a oportunidade de reorientar a vida, não importando o que aconteceu no passado, mas concentrando-se no encontro que acontece nesse momento. Desta experiência íntima, pessoal e sincera, que transforma a vida e dá um novo recomeço, é que nascerá o discipulado, o seguimento no caminho proposto por Jesus.

O texto continua nos mostrando duas reações diferentes frente a esta atitude de Jesus: uma de Zaqueu e outra das pessoas que estavam ao seu redor, provavelmente entre elas também aqueles que já o seguiam: os seus discípulos. Zaqueu "*desceu imediatamente e recebeu-o com alegria*" (v. 6). Ele se abre ao chamado de Jesus e acolhe seu convite de vir ao seu encontro. E ainda o texto enfatiza: com alegria, ou seja, um sentimento que parece demonstrar que tal atitude lhe enche a vida de um significado novo.

Porém, há uma segunda reação, aquela de "*todos*" que murmuravam diante desse acontecimento dizendo: "*Foi hospedar-se na casa de um pecador!*" (v. 7). Uma clara rejeição da opção de Jesus em acolher os pecadores. Também os fariseus e escribas já haviam anteriormente criticado tal comportamento de Jesus e seus seguidores ao entrarem na casa dos publicanos e pecadores e sentarem à mesa com eles (cf. Lc 5, 29-30; Mt 9, 10-13). No fundo é a cegueira daqueles que não conseguem perceber que a Boa-Nova do Reino é oferecida a todos, principalmente aos que são justamente excluídos por não serem considerados os "bons", os "puros", os que se julgam os únicos "merecedores" do Reino de Deus pelo seu comportamento "moralmente correto" e sua "fidelidade à Lei". Foi o caso do irmão mais velho da parábola do filho pródigo que não consegue perceber que o amor do Pai é justamente aquele que resgata e protege a vida, dando a possibilidade de um novo recomeço (cf. Lc 15,25-30).

O encontro com Jesus faz Zaqueu definitivamente reorientar a sua vida: "*Senhor, eis que eu dou a metade de meus bens aos pobres, e se defraudei a alguém, restituo-lhe o quádruplo*" (v. 8). Não quer simplesmente cumprir o que determinava a lei devolvendo aquilo que roubou (cf. Ex 21,37; Lv 5,16.24; Nm 5,7; II Sm 12,6), mas muito mais, quer até mesmo fazer o que a lei não obrigava: doar aos pobres a metade do que possui. Esta conversão não vem do cumprimento de uma lei, mas do encontro com Jesus que o faz rever sua vida, sua relação com seus bens, abrindo-o também ao encontro com o outro, principalmente aqueles a quem roubou.

Ele percebe que o verdadeiro sentido da vida, que constrói relações de fraternidade, que concretiza o Reino de Deus, se dá na partilha e na justiça, o que lhe devolve o sentido e a alegria de viver. Diferentemente do jovem rico (cf. Lc 18, 18-23), que cumpria toda a lei, mas vai embora triste porque não era capaz de partilhar os muitos bens que possuía, Zaqueu assume a partilha como meio de tornar-se livre, desapegado, solidário, fraterno. O seu desejo inicial de "*ver Jesus*" se transforma na cura de sua própria cegueira, a qual nem sabia que tinha: agora ele pode ver também o outro, de modo especial o pobre e aqueles que ele explorou, e junto com eles gerar partilha, comunhão, construir fraternidade. Um encontro decisivo que o faz assumir o Espírito de Jesus, que lhe dá um novo significado à sua vida. Trilha um caminho de salvação.

Por isso mesmo Jesus anuncia: "*Hoje a salvação entrou nesta casa…*" (v. 9). A experiência do encontro e a sua abertura para acolher a novidade que ali acontece faz com que Zaqueu encontre na misericórdia de Deus uma via de salvação, que envolve toda a sua família (sua casa). O fato de "*hoje*" esta salvação entrar nesta casa é a certeza de que ele já se colocou radicalmente a caminho, passando de alguém considerado excluído pela sociedade e pela religião de seu tempo, para alguém que descobre um caminho de inclusão, de verdadeiro processo de salvação. Um caminho que surgiu justamente de um desejo de ver, de vencer suas barreiras pessoais e sociais, e que acaba se transformando num encontro que marcará e reorientará a sua vida para sempre.

Por isso mesmo que Jesus finalmente afirmará que "*o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido*" (v. 10). A conversão é concedida a todos e a todas que querem "ver Jesus", aproximar-se de sua proposta, encontrar-se com ele, buscando um caminho de libertação; na certeza de que o próprio Deus se antecipa ao "nos ver" por primeiro, adiantando-se ao nosso desejo de encontro, pois olha principalmente por aquele que está perdido, pelo que mais precisa da sua acolhida e do seu perdão. A busca dos que estão "perdidos" é antecipada pela busca Daquele que os amou primeiro, independentemente da sua condição de vida, pelo contrário, muitas vezes justamente pela sua situação de vida ameaçada pela exclusão.

O desejo de "ver novamente" que reorienta a vida[10].

> *Então Jesus lhe disse: 'Que queres que eu faça?' O cego respondeu: 'Rabbuni![Mestre!] Que eu possa ver novamente!'"* (Mc 10,51)

10 Inspirado no artigo: R. P. Torquato, "Que eu possa ver" (Mc 10,51). Um estudo sobre o encontro Bartimeu-Jesus no Evangelho de Marcos, in Studium: Revista Teológica, ano 8, n. 14 (2014), pp. 93-119.

Respirar o hálito de Deus, viver segundo o seu Espírito, não pode ser algo eventual, esporádico, mas constante na vida de todo ser humano, de todos aqueles e aquelas que se consagram a ele. Pela fragilidade humana, sabemos que a vida transformada pelo encontro com Cristo muitas vezes precisa ser também retomada, reorientada, "re-significada". A história de Bartimeu (cf. Mc 10, 46-52)[11] pode nos ajudar a perceber que o encontro com Jesus faz também confrontar a vida e, neste caso, faz ver novamente.

Em Batimeu temos a vida de um cego mendigo que, da sua situação de "sentado no caminho mendigando", passa a ser um "homem novo", capaz de trilhar o mesmo caminho do qual estava às margens, no seguimento de Jesus. Vence a sua cegueira, e a sua vida retoma ao seu mais profundo sentido: transforma-se de um mendigo para um discípulo; do sedentarismo que acomoda e imobiliza, a uma caminhada que desafia e dá novo significado à sua vida. Mais do que enfatizar o milagre em si[12], o texto parece nos propor um chamado ao discipulado que mostra que é preciso superar aquilo que cega, para reorientar a vida e colocar-se novamente a caminho.

Tomemos como referência o texto de Mc 10, 46-52. Sabemos que o fato acontece no caminho de Jesus a Jerusalém, onde irá se consumar sua entrega total ao projeto de Pai, a vida doada por amor até as últimas conseqüências, que gera vida em plenitude para toda a humanidade. Este caminho, como também em Lucas, mais que geográfico, é catequético, espiritual, pois vai preparando seus discípulos a assumirem e continuarem a missão da construção do Reino, tendo como fundamento o mistério pascal que forma e alimenta a comunidade.

Nesse contexto, Jericó é um lugar somente de passagem[13]. É ali que alguém com uma identidade muito clara (v. 46) – nome (Bartimeu), enfermidade (cegueira), condição social (mendigo), situação (sentado à beira do caminho), referência paterna (filho de Timeu) – fará uma experiência importante em sua vida. Tantos elementos a respeito do personagem dão um realismo muito grande àquele momento: ajuda

11 A perícope está presente também em Mt 20, 29-34 e Lc 18, 35-43.

12 Os evangelistas que relatam a história de Bartimeu não parecem se preocuparem com alguns elementos que são próprios da descrição dos milagres nos seus Evangelhos, como: gestos, toque de mãos, palavras de cura, etc.(cf. Mt 8,1-4.14-15; 9, 27-31; 12, 13; 17, 18; Mc 1,31.41; 2, 11; 3,5; 5, 41-42; 7, 32-34; 8, 22-23; 9, 25-27; Lc 4, 39; 5, 12-13; 5, 24; 7,14; 8,29; 9,042; 14, 4; 17, 14; entre outros). Nem mesmo há a reação de admiração e espanto da multidão frente à cura do cego, mostrando que a ênfase maior parece ser mesmo superar aquilo que o afasta de Jesus.

13 Embora a cidade tenha um grande significado por ter sido a primeira a ser conquista na chegada à terra prometida pelo povo que se libertou do Egito, conforme Js 6, fazendo uma forte referência à experiência do Êxodo.

a perceber que se trata de alguém excluído daquela sociedade, mesmo que conhecido por saberem a que família pertence; alguém que vive uma dependência econômica muito evidente na sua condição de mendigo; e certamente alguém que devia ser considerado culpado pela sua condição de miserável, levando em consideração a doutrina da Retribuição presente na tradição judaica pela qual a pessoa vivia o castigo de seus próprios pecados e dos pecados das gerações anteriores (Cf. Jo 9, 1-2). É nessa realidade que Jesus está passando (v. 47).

Querendo sair dessa situação, o cego percebe em Jesus que passa a chance de retomar a sua vida, de reerguer-se. Para isso não hesita em fazer algo, ou seja, começa a gritar, a suplicar: "*tem compaixão de mim!*" (v. 47). Porém, o que não esperava é que mesmo tendo que vencer seus próprios obstáculos internos, pessoais, ou seja, sua cegueira, sua condição miserável de estar à margem do caminho, ele tem em frente outra barreira externa ou social talvez ainda maior: "*muitos*" queriam calá-lo, impedi-lo de se manifestar (v. 48). E estes "*muitos*" podem ser também uma boa parte da "multidão" que se refere no vers. 46, isto é, aqueles que seguiam Jesus pelo caminho.

Querendo silenciar o grito do cego, no fundo tentam abafar a sua situação, a causas que as geraram, não acolhendo a realidade que o faz gritar, suplicar por ajuda. Tentam impedir a única chance que o mendigo tinha de ser ouvido e talvez de ser atendido. Mostra-se assim que muitos daqueles que seguiam Jesus pelo caminho ainda não tinham realmente compreendido quem ele era e qual era a sua proposta. Talvez a concepção de Messias, do esperado "Filho de Davi", não era aquela que Jesus assumia. Pensam que o seguem, são seus discípulos, mas ainda não se confrontaram com os verdadeiros valores do discipulado. Para poder ser ouvido, Bartimeu terá que resistir contra essa mentalidade, contra esse tipo de seguimento que ainda põe limites à ação, à misericórdia de Deus. Por isso não se rende e ainda grita mais alto. Não pode perder essa oportunidade, mesmo com os obstáculos que terá que superar.

Diante do grito insistente do mendigo, Jesus também "*para no caminho*", "*detém-se*", toma a mesma posição do cego que estava "*parado*" à beira do caminho. E ainda vai mais além, ordenando que aquela multidão que tentava calar o cego tome uma atitude totalmente diferente, isto é, ir ao encontro dele para chamá-lo: "*Jesus disse [à multidão]: chamai-o*" (v. 49). Certamente essa é a grande "catequese" de Jesus: fazer os seus seguidores compreenderem realmente o que é o Reino. Não quer desconsiderar a disposição e vigor daqueles que o seguem, mas

quer purificar suas verdadeiras motivações, redirecioná-la ao verdadeiro sentido do discipulado. Por isso é importante que a própria multidão, ao invés de calá-lo, vá chamar Bartimeu, aproximar-se dele, de sua realidade, de sua situação... ir ao seu encontro e não ser indiferente, distanciar-se pelo "incômodo" que está causando.

São as próprias pessoas que de uma atitude repressora passam agora a chamá-lo, a incentivá-lo. Eles agora encorajam o cego a não parar, a ir em frente: "*Coragem! Ele te chama. Levanta-te*" (v. 49). Dessa forma, Bartimeu consegue vencer também os obstáculos externos, sociais, causados pelo desprezo daqueles que ignoraram sua situação, a sua miséria, o seu grito. Começa a ser não mais um rejeitado, descartado, mas incluído entre aqueles que passam pelo caminho. A ênfase no chamado[14] mostra que, além de ser considerado e valorizado como pessoa, ele também deve dar uma resposta, deve tomar uma posição.

Diante do chamado, ele não demora em deixar o seu manto – símbolo da sua condição de pobreza e mendicância[15] – para rapidamente levantar-se e ir ao encontro de quem o chama. Abandona, assim, sua situação de vida para ir ao encontro de uma nova proposta. Interessante lembrar que o verbo "*levantar-se*" usado por Marcos nesta perícope – conforme recebe a ordem e conforme age "*dando um pulo*", ou levantando-se de um salto – não foi utilizado somente no contexto de um milagre (Cf. Mc 2,9.11; 3,3; 5,41), mas também para se referir à ressurreição de Jesus (cf. Mc 16,6.14). A "nova vida" que aí ressurge será o resultado desse encontro de Jesus que vem até o cego (Jesus vem para Jericó – cf. v. 46) e do cego que agora vai até Jesus (cf. v. 50).

Do encontro dos dois nasce a iniciativa de Jesus que quer descer ainda mais na realidade daquele cego, conhecer suas verdadeiras motivações e deixá-lo falar de seus anseios, de sua busca: "*Que queres que eu te faça?*" (v. 51). Dá-se mais uma vez a oportunidade para que o cego faça a sua súplica, fale de sua realidade, desabafe sobre sua situação, deixando ainda mais claro porque pedia compaixão: "*Rabbuni![Mestre!] Que eu possa ver novamente!*" (v 51); ou ainda, "*que eu seja (ou me torne) capaz de ver*", "*que eu recupere a visão*". O grande desejo dele é "voltar a ver", é "enxergar" novamente as coisas que provavelmente antes podia ver.

14 No mesmo versículo (v. 49) aparece três vezes a menção ao chamado: "Chamai-o... Chamaram o cego... Ele te chama".

15 O manto além de proteger contra o frio aquele que muitas vezes pode dormir ao relento (cf. Ex 22,25-26; Dt 24,12-13), era usado também para ser estendido à beira da estrada para as pessoas colocarem suas esmolas.

Quer voltar ao que era, quer retomar a sua vida como antes, certamente em todos os sentidos. Teria sido ele sempre cego? Mendigo? Caído pelo caminho? Ignorado por aqueles que passam?

O texto nos dá a entender que Bartimeu não foi sempre cego, mas que pode ter perdido a visão; ou talvez que via alguma coisa, mas não com a nitidez desejada; ou ainda, dentro do contexto do caminho, pode representar alguém que estava caminhando, mas se afastou por não compreender realmente o que era esse seguimento. Enfim, Bartimeu pode representar a cegueira dos discípulos de Jesus que caminham com ele para Jerusalém, mas que ainda não compreenderam realmente o que significa a concretização do Reino de Deus e o compromisso que se deve assumir para realizá-lo, dando a vida até as últimas consequências. A incompreensão dos discípulos sobre a paixão e morte de cruz nos aponta nesta direção (Cf. Mc 8,31-33; 9,9-10.31-32; Mt 16,21-23).

Bartimeu reconhece em Jesus aquele que pode lhe dar um sentido novo à vida, aquele que pode lhe devolver a visão, ou mesmo fazer enxergar o essencial: chama-o de "Mestre", o prometido e verdadeiro "Filho de Davi", que vinha restaurar a aliança de Deus com seu povo. A resposta/envio de Jesus confirma que foi a fé do cego, certamente expressa na sua busca insistente, no seu não desistir, no superar os obstáculos internos e externos que apareciam, que o salvou, que devolveu sua visão. E salvação, no termo utilizado por Marcos, tem uma dupla dimensão:

O verbo *salvar* (σώζω) possui dupla dimensão: física e espiritual, ou seja, biológica e teológica. Ele exprime a verdade evangélica: a salvação espiritual começa já naquela física, abrange o ser humano na sua totalidade. A cura da cegueira é apenas o impulso inicial num processo de restauração holística do homem aberto pela fé que Jesus chama de *salvação*, a cura em plenitude. É o dom que ele oferece. Quanto ao pf. *σέσωκέν [salvou]* enfatiza a cura como um fato consumado. Se a *compaixão* suplicada pelo cego é uma qualidade atribuída normalmente a Deus (cf. salmos 4,2; 6,3; 9,14; 25,16; 26,11; 27,7; 30,11; 31,10; 41,5.11; Is 33,2) e Jesus responde-lhe falando da fé que *salva*, isto sugere que ambos falam a mesma linguagem lendo o drama de Bartimeu à luz da fé. A cura é vista como salvação, erradicação de toda exclusão, manifestação da chegada do Reino[16].

Bartimeu é "salvo" porque acreditou. Deste modo ele recupera a dignidade de sua vida. Seu encontro e diálogo com Jesus lhe devolveu o

16 R. P. Torquato, *"Que eu possa ver"* (Mc 10,51), p. 102, nota 44.

dom mais precioso que Deus lhe deu: a vida em todas as suas dimensões. Não é apenas um "milagre" que acontece para lhe curar um mal físico, mas um diálogo que o faz reencontrar a dignidade de ser humano, de ter vez e voz no caminho do Reino, para recuperar a alegria de viver. São as indicações deixadas pelo Evangelho do que realmente se compreende por salvação na perspectiva de Jesus e do seu Reino.

O encontro com Jesus gera uma atitude totalmente diferente daquele que o cego vivia no início do texto: "*Imediatamente ele recuperou a vista e começou a segui-lo no caminho*" (v. 52). Mas não era Bartimeu o cego sentado à beira do caminho, sedentário, mendigando seu sustento, dependendo das pessoas para sobreviver, excluído até mesmo no momento de gritar por ajuda, sem ter nenhuma condição de se colocar a caminho? Parece que a cura foi muito mais do que recuperar uma visão fisicamente perfeita. Ela tem muito a ver com o seguimento, com o colocar-se a caminho. A cura verdadeira está mesmo em função desse caminhar. Antes o cego não enxergava o caminho, por isso não podia mesmo caminhar sobre ele, seguir o seu horizonte, andar rumo à sua meta. A sua salvação está estreitamente ligada com o seu discipulado, ou poder-se-ia dizer, ela é o próprio discipulado.

Uma vez que Bartimeu enxerga novamente o caminho, ou recupera o sentido que este lhe oferece, ele é incluído nesta caminhada, torna-se discípulo, seguidor de Jesus. Certamente não podia ter tal atitude antes porque justamente não enxergava esse caminho. No encontro com Jesus é que as coisas ficam claras: escutando a sua palavra, obedecendo a sua ordem "*vai*" (v. 52) é que o cego torna-se capaz de reorientar a sua vida fazendo-se discípulo.

Portanto, quatro elementos ou atitudes básicas que transparece no texto podem nos mostrar o processo realizado por Bartimeu e que revela também as bases de toda espiritualidade bíblica: *ouvir*, *crer*, *ver* [encontro] e *seguir*[17].

O "ouvir" é uma atitude essencial da fé do povo de Israel: todos devem ouvir a *tradição*, as leis da aliança, a experiência do passado que fundamenta o presente; é a partir deste "ouvir" que se transmite a fé ("crer"), a experiência de Deus vivida e testemunhada pelo seu povo. Nesta experiência se dá também um "ver", fruto de um encontro que transforma a pessoa, que revela uma verdade ainda não enxergada, que aprofunda a identidade e o projeto de Deus na vida

17 Cf. idem, p. 103. Segundo o autor, o próprio texto é construído sobre esses quatro elementos básicos.

humana. Esse "ouvir" bíblico leva o sujeito a "ver" valores antes não percebidos. Esses valores estão presentes na tradição que, por sua vez, leva necessariamente a uma experiência de Deus, pois esta é a sua função. E é justamente esta experiência, que nasce do "ouvir-ver" fundamentados no "acreditar", que lança a pessoa no seguimento, no discipulado, como fruto necessário e consequente do encontro que reorienta a vida. Seguramente é o processo que Jesus propõe a todos aqueles e aquelas que o seguem pelo caminho.

Desta forma, percebemos que os discípulos de Jesus também precisam fazer o processo feito por Bartimeu, pois eles também vivem uma cegueira que os impedem verdadeiramente de estar a caminho, embora caminhem nos passos de Jesus. São pessoas simples: pescadores, cobradores de impostos, pecadores, considerados impuros e indignos, que assumem o chamado recebido, recebem a vocação como um dom gratuito e não por mérito, mas ainda precisam ser formados no caminho do Reino. Precisam enxergar melhor para que possam continuar no seguimento, não se desviar do caminho, do verdadeiro caminho. O desejo de "*ver novamente*" de Bartimeu expressa, no fundo, a necessidade presente na multidão que seguia Jesus, ou seja, naqueles que já se consideravam seus discípulos, seguindo-o pelo caminho com uma visão perfeita, mas, a meta da chegada, muito provavelmente, não era a mesma de Jesus.

Conclusão: "queremos ver"... ou "voltar a ver"...

O desejo de Zaqueu de ver Jesus, que acaba se tornando um encontro íntimo e pessoal, transforma e reorienta toda sua vida. Tal encontro toma dimensões que certamente nem mesmo Zaqueu esperava. Embora recebendo a crítica daqueles que o condenam por ser um pecador, Zaqueu sabe o que quer e não se intimida. O olhar primeiro de Jesus o faz enxergar que o sentido maior de sua vida está na sua abertura ao outro, no confrontar sua vida, no vencer seus egoísmos e fechamentos que o faz mais cego do que um cego propriamente dito. Este encontro com a misericórdia de Deus, que resgata e reorienta a sua vida, se transforma para ele em experiência de salvação, uma experiência que o fará passar de uma situação de excluído, para alguém que assume o seguimento de Jesus aceitando um novo projeto de vida a ele proposto.

Esse episódio da busca e do encontro de Zaqueu nos ajuda a perceber o nosso encontro com o Cristo. Chamados e chamadas à intimidade com Ele, a contemplar o seu rosto que nos transforma e transfigura, so-

mos também convidados/as a entrar "dentro" deste processo contínuo de encontro, de confronto, de busca, de procurar enxergar aquilo que ainda não víamos. Um encontro com Ele seguramente marcou a nossa vida e nos deu uma orientação mais clara, um caminho a percorrer, um seguimento a assumir. Desse encontro brotaram os valores que internalizamos, os sonhos mais íntimos a que aspiramos, uma visão mais nítida do sentido da vida e da consagração que buscamos. Todo esse processo não acontece sem nosso despojamento, sem nossa determinação de assumir seus resultados, sem a coragem de viver suas consequências.

Porém, mesmo já sendo discípulos e discípulas de Jesus, mesmo após esse encontro que orientou a vida, que nos colocou a caminho, Bartimeu nos ensina que muitas vezes precisamos novamente retomar a visão, lutar contra a cegueira que nos derruba às margens do caminho, suplicar novamente o dom de enxergar o que não conseguimos mais ver como antes. O cego mendigo não parece ter sido sempre cego, pois ele pede para "*ver novamente*", para "*voltar a ver*". O seu desejo é retomar a visão que provavelmente já teve uma vez, enxergar com clareza aquilo que se tornou escuro, confuso, duvidoso, e que por isso mesmo o excluiu do caminho, não lhe permitiu mais caminhar. Parece que ele já tinha contemplado aquele caminho, já tinha tido uma vida diferente da que vivia atualmente. A condição de cegueira, de pobreza, de mendicância, não parece ser sua realidade originária, mas uma condição imposta por sua cegueira, pela sua dificuldade em enxergar.

O mesmo pode acontecer a cada um de nós. Embora toda a experiência que já possamos ter do caminho, talvez chegue uma hora em que também precisamos pedir para ver novamente, para retomar alguns valores adormecidos pelo tempo, para polir a pedra preciosa empoeirada pelo quotidiano, para superar os desafios que vão sendo encontrados e que nos impedem de caminhar. Ou ainda, a necessidade de percebermos, como a "multidão que o seguia", se estamos realmente no caminho certo, se é realmente o mesmo horizonte de Jesus que buscamos, ou estamos nos enganando pelas nossas próprias convicções, pelo nosso próprio conceito do Reino, por uma vida consagrada mais voltada para nós mesmos do que para a comunhão, para o compromisso com projeto de Jesus.

Bartimeu é a prova de que o discipulado nasce da superação constante de nossos limites, de nossas fraquezas, pois Cristo não escolheu as pessoas mais perfeitas e mais fortes, muito pelo contrário, escolheu gente simples, humilde, pecadores, para as desafiar a levantar-se cons-

tantemente, enxergar novamente, retomar o caminho, reorientar a vida, ressignificar seus projetos. Com certeza o Filho de Timeu tem muito a nos ensinar, tem muito a nos mostrar de nós mesmos. Vamos com ele ter a coragem de suplicar: "*Senhor... que eu posso ver novamente...*".

Que a espiritualidade bíblica, que anima toda a vida cristã, possa também de forma muito profunda animar a Vida Religiosa Consagrada, e assim podermos confrontar nosso testemunho de vida com a proposta do Cristo, ao qual seguimos. Daí podemos realmente cantar e repetir constantemente, no mais íntimo dos nossos encontros e reencontros: "*Que arda como brasa, tua Palavra nos renove, essa chama que a boca proclama...*".

Para reflexão pessoal ou comunitária:

1. Como é que o Espírito de Deus (seu hálito de vida) se manifestou na minha história pessoal, familiar, vocacional? Quais as lembranças, as marcas, os apelos e desafios que deixou?
2. Em que momento (ou momentos) de minha história, o encontro com Cristo orientou minha vida, suscitou um projeto a ser vivido, despertou o desejo da consagração total a Ele?
3. O que é que eu preciso "*voltar a ver... ver novamente*"? O que necessito "voltar" a enxergar com mais clareza na minha consagração pessoal e comunitária? À luz da Palavra de Deus, como podemos ressignificar nossos projetos de vida pessoais e comunitários?

A ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL NA VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA

Ir. Flávia Matias de Queiroz, RIC[1]

Introdução

Nosso tempo caracteriza-se por um período histórico, em que as pessoas estão mergulhadas em um ativismo, em uma perda de sentido da vida e uma cultura líquida que se adapta a qualquer ideologia. Constata-se, com isso, a urgência de se voltar às fontes de nossa Espiritualidade Cristã para dar significado à nossa opção por Cristo e seu estilo de vida.

Mesmo entre os religiosos consagrados, observa-se um distanciamento da busca da orientação espiritual (OE), instrumento utilizado pela Igreja há séculos. Nesse contexto, este artigo tem o propósito de incentivar a reflexão sobre o tema, a partir de questionamentos quanto às razões que levam os consagrados e consagradas a abandonarem a prática da OE e, por consequência, despertar as motivações para o retorno a tão necessária prática.

1 Flávia Matias de Queiroz. Religiosa da Instrução Cristã. Graduada em Pedagogia e Teologia. Pós Graduada em Espiritualidade Cristã e Orientação Espiritual (FAJE - Belo Horizonte). Concluiu o Curso de Capacitação de Orientadores e Acompanhantes de Exercícios Espirituais (CEI Itaici - SP). Membro da Equipe de Formação Permanente da Congregação. Atualmente, é formadora das junioristas. Coordenadora da Pastoral Escolar dos Colégios Damas no Nordeste.
Endereço da autora: Rua Alcebíades Valente, 121 - Farol - Maceió-AL. CEP: 57.051-050
Email: ir.flaviamatias@gmail.com.

Para identificar as causas desse quadro, parte-se da hipótese da diminuição de orientadores habilitados e disponíveis, bem como da dificuldade de uma consciência mais relaxada, pressupondo-se que, uma vez feita a opção pela Vida Religiosa Consagrada (VRC), por meio dos votos definitivos, não há mais necessidade de orientação espiritual.

Nossa pesquisa não tem a pretensão de apresentar uma solução ou uma fórmula pronta para o problema da OE na contemporaneidade, mas evidenciar o valor dessa prática espiritual, principalmente em tempos em que os paradigmas cristãos são postos à prova, necessitando de testemunho de vida e amizade com Jesus, para a validade da opção por viver a VRC. A concretização da nossa vocação se dá a partir da missão que recebemos de Cristo e pelo acolhimento dos apelos que recebemos da Igreja, de Institutos e Congregações.

Através de uma pesquisa bibliográfica e do método científico analítico, procuramos entender a prática religiosa da OE, ao longo da história da Igreja, para propor uma modesta síntese como incentivo para outros estudos que, de forma mais detalhada, possam investigar essa matéria espiritual de grande importância para o progresso do conhecimento e no seguimento de Jesus de Nazaré: o Divino Instrutor de nossa vida cristã.

Orientação Espiritual: o que é? Qual sua importância para a Vida Religiosa Consagrada?

A Orientação Espiritual é uma arte bela, delicada e grandiosa, revestida de sacralidade. Assim era caracterizada pelo papa Gregório Magno como "a arte de guiar as almas. É a arte das artes" (GREGÓRIO MAGNO. *Regula pastoralis*, I, 1; PL: 77, 14, *apud* JOÃO PAULO II, 1979).

A direção espiritual é descrita por Barry e Connolly como:

> a ajuda dada por um cristão a outro, ajuda essa que capacita este outro a prestar atenção à comunicação pessoal de Deus com ele, a responder a esse Deus pessoalmente comunicante, a aumentar a sua intimidade com ele e a viver as consequências desse relacionamento (BARRY; CONNOLLY, 1987, p. 22.)

Com a evolução dos estudos teológicos e com a adaptação à realidade contemporânea, vamos assimilar a nomenclatura Orientação Espiritual e não Direção Espiritual. O ponto alto da OE é a experiência espiritual da pessoa orientada, que se revela, especialmente, na oração. Isso

não significa deixar de lado outros aspectos da vida, como os afetivos e psicológicos. Se se desconsidera esses aspectos, está fadada a ser mais prejudicial que útil à pessoa.

Há muitas motivações ao se pedir uma orientação espiritual, porém, nem toda orientação pode ser considerada OE. Existem, contudo, elementos específicos neste processo que, eventualmente, podem ser confundidos com outras práticas. É importante diferenciá-lo da assistência pastoral, assim como do aconselhamento. Sobre esse papel, Powell e Brady (2010) comentam que algumas vezes "[...] Sentimos uma estranha obrigação de aconselhá-los e de corroborar nossos conselhos com alguns capítulos de nossas autobiografias" (POWELL; BRADY, 2010, p. 89-90). Restringir-se a esse ponto corresponde a impor limites ao processo de orientação que, na realidade, está intimamente ligado às experiências pessoais de relacionamento com Deus.

Esses tipos de ajuda continuam sendo muito válidos ainda hoje. Contudo, sejam quais forem as situações e motivações em que a pessoa pede uma orientação, pode-se propor a ela que as coloquem diante de Deus. Desse modo, o orientador ajuda a transformar o aconselhamento em uma experiência de aproximação e engajamento na relação pessoal com Deus, visando não somente a entendê-lo, mas levando a perceber, de forma mais clara, como Ele a conduz.

Quem busca OE precisa ter clareza de que seu objetivo e conteúdo são o encontro pessoal com Deus através da oração e como esse encontro afeta toda a pessoa. Um aspecto importante é a necessidade de explicitar o que é experiência espiritual, uma vez que a OE está baseada nela (cf. Vázquez,2006, p. 28). O autor a descreve como a experiência pessoal de Deus. Assim, quando alguém busca a OE será porque toma consciência da ação imediata de Deus em sua vida; a experiência desassossega o ser humano e este percebe a forma como está sendo "movido" e "afetado" por Deus.

Com isso, o orientando sente necessidade de buscar uma ajuda para caminhar nessa nova situação. Sem essa procura suscitada interiormente pela experiência de Deus, a busca de OE está fadada ao fracasso. Por um lado, ocorre que a procura pela OE só tem sentido quando aparece como um meio para atingir algo ou alguém que não começa nem acaba na orientação. Por outro lado, quem deseja recebê-la deve se dispor a fazer sua oração diária e se encontrar, periodicamente, com seu orientador.

Compreendendo isso, o orientador espiritual precisa ter a consciência de que quem dirige a pessoa é o Espírito de Deus. E ele se "comunica diretamente com sua criatura" (EE[2]15,6). Ao orientador cabe apenas a missão de ser "diácono" do Espírito, não se antecipar a Ele. Porque desconhece o caminho, faz perguntas, fica à escuta, prestando atenção ao que Ele está falando e agindo na alma do orientando. O ministério do orientador consiste em incentivar e provocar o crescimento do orientando na sua relação com Deus.

Qual a necessidade de OE hoje? A comunicação com Deus se dá de muitos modos: através de acontecimentos, de realidades históricas e pessoais. Por isso, o orientando precisa de alguém familiarizado com a linguagem do Espírito para ajudá-lo a discernir o caminho de Deus na sua vida, a ler espiritualmente os diversos acontecimentos de sua história e fazer com ele a leitura da sua teografia[3]. O orientador, sendo um humilde companheiro de caminhada, contribui com o crescimento do orientando na sua relação com Deus e na capacidade de discernimento.

Recorrer a um orientador é ato de humildade, pois, quando se partilha a experiência espiritual com alguém mais habilitado nesta área, obtém-se mais clareza sobre o que se passa dentro de si.

A Igreja, no documento *Vita Consecrata,* n. 93, ensina que "a vida espiritual deve ocupar o primeiro lugar no programa das famílias de vida consagrada [...]". Como se vê, trata-se de fundamentar toda a vida sobre a espiritualidade, isto é, viver segundo o Espírito Santo. Sendo os religiosos chamados a seguir Jesus, é condição imprescindível uma vida de maior intimidade com Ele, e isto se dá essencialmente pela oração. Sem uma adequada vida espiritual, não se pode responder aos desafios atuais e futuros.

Vale ressaltar que cultivar um relacionamento pessoal com Deus não significa dizer que tudo já esteja tão claro e óbvio quanto à vontade divina a respeito de cada consagrado. Por isso, a OE é uma contribuição indispensável para o crescimento espiritual dos religiosos e corresponde a uma prática antiga, presente na vida religiosa desde sua origem.

2 Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola, conjunto de instruções práticas sobre métodos de oração, utilizando os meios da meditação e contemplação, apresentadas àqueles que buscam encontrar a vontade de Deus a seu respeito.

3 Termo criado com objetivo de ajudar as pessoas a perceberem as marcas de Deus na própria vida. (VÁZQUEZ, 2001, p.10)

A Orientação Espiritual na história da Vida Religiosa Consagrada

Historicamente, a prática da OE encontra seus antecedentes na Antiguidade, com os conselhos e reflexões de pensadores e filósofos que trouxeram importantes contribuições ao desenvolvimento da cultura ocidental. Com frequência, eles eram consultados por pessoas que acreditavam em sua sabedoria e desejavam compreender melhor os fenômenos próprios da vida humana. Na certeza de estar diante de verdadeiros mestres, era natural que buscassem conselhos antes de tomar decisões importantes, na expectativa de fazer escolhas acertadas.

Já no âmbito do cristianismo, a direção espiritual desenvolveu-se, inicialmente, entre os padres do deserto e, em seguida, nos mosteiros, onde o abade era responsável por orientar seus monges na vida de oração, que integrava a essência da vida monástica, como descreve Sciadini (2006, p. 57). Nesse caminho, a perfeição se apresentava como meta a ser alcançada, envolvendo a disposição pessoal, a coragem de olhar dentro de si, identificar seus vícios e virtudes e de nomear suas paixões, trazendo-as para a pauta do diálogo.

No monacato primitivo, o acompanhamento espiritual era bastante vivenciado e seu exercício se dava a partir da intuição, fruto da experiência do conhecimento de si mesmo, da vivência e superação de inúmeras e longas lutas espirituais.

Era normal e até um dever do monge ter um pai espiritual. Essa seria a expressão mais adequada para a época e era fundamentada na ideia de que o pai gera vida a outro, inspirada na paternidade de Deus. A relação entre eles era de mestre e discípulo. Do mestre, esperava-se a disponibilidade para escutar. A relação privilegiada com o divino pedia coerência dos ensinamentos com a própria vida, ou seja, ensinar a partir do que já experienciou. Em contrapartida, do discípulo era exigida a abertura de coração, a confissão dos pensamentos e a obediência absoluta a esse pai (cf. GRÜN, 2013, p. 14).

O pai espiritual era capaz de perceber o coração do filho espiritual e perscrutá-lo até o mais profundo. Por isso, é com certa naturalidade que ele pressentia o exercício mais adequado para aplicar a cada pessoa. Os exercícios espirituais eram bem concretos, ligados à vida, aos sentimentos, às paixões, às necessidades; a partir daí, acontecia o encontro com Deus. Compreendia-se que, se a pessoa não era capaz de persistir no caminho exterior, também não o seria no caminho interior.

A orientação espiritual não era uma conversa teológica sobre conceitos e teorias sobre Deus, mas uma conversa sobre as motivações da alma, sobre as verdades do coração e, como consequência, um caminho para reconhecer e amar o verdadeiro Deus. Apesar de não ter como objetivo principal a orientação psicológica, o pai espiritual utilizava também este recurso, uma vez que o conhecimento psicológico da natureza humana ajuda a esclarecer e a identificar o que provém dela, de sua *psique*, e o que é ação de Deus. Nesse processo, o orientador analisava os pensamentos e oferecia meios de lidar com eles, tendo em vista inclusive os bloqueios que interferem na relação com Deus e devem ser sanados diante dele (cf. GRÜN, 2013, p. 66).

Na orientação, o pai espiritual se recusava a dar receitas prontas, e era hábil em fazer a pergunta certa, na hora certa, para a pessoa certa. Em muitos momentos, usava a pedagogia do silêncio ou o retardamento da resposta por entender que o silêncio fala por si. Essa valorização se deve à certeza de que o silêncio obriga o discípulo a adentrar sua realidade mais profunda (cf. GRÜN, 2013, p. 64-67).

Os padres do deserto são, portanto, verdadeiros mestres de OE. Deixaram um legado que nos foi transmitido com a vida, com suas próprias experiências, e depois partilhado como um tesouro precioso. Eis um grande ensinamento: a capacidade de conhecer os corações e identificar o real problema daqueles que os buscavam, além de oferecer o exercício exato que ajudaria a pessoa a encontrar o caminho na busca de Deus e de si mesmo (cf. GRÜN, 2013, p. 7). Com essa consideração, não se pretende dizer que se deve imitá-los hoje, mas que é possível adaptar para os dias atuais o que praticavam naquela época, e aprender com eles a arte de conhecer os corações e atualizar o exercício espiritual e a oferecer a orientação correta para as situações de cada pessoa.

Ao longo do tempo, foi desaparecendo a imagem de um diretor espiritual, tal como a figura presente nos antigos conventos e seminários, que exercia a função de confessor, conselheiro ou mesmo o que era procurado para solucionar situações de crise.

Na vida espiritual dava-se mais ênfase à oração de devoção, à piedade, à execução do rito, à estrutura formalista do que à ação livre do Espírito, com sua leveza e fluidez. Nesse caso, havia pouca necessidade de uma orientação que visasse discernir a vontade de Deus para a pessoa. A espiritualidade estava uniformizada, tudo estava tão determinado e tão evidente

que não fazia sentido um acompanhamento que ajudasse o orientando no processo de discernimento. Para esse tipo de espiritualidade e de vida religiosa, a figura do diretor espiritual se adequava ao contexto.

A OE teve seus momentos de grande destaque, mas também de decadência, tanto por parte das pessoas como dos orientadores espirituais. Sciadini afirma que

> a descrença nessa prática surgiu na metade do século passado, quando houve uma diminuição na procura pela figura do diretor espiritual. Antes desse período considerava-se sinal de profunda vivência espiritual e conferia popularidade ter um diretor espiritual. Quanto mais importante era o diretor espiritual, mais projeção tinha o dirigido. O mesmo se dava entre mestre e discípulos (SCIADINI, 2006, p. 74).

Existem, hoje, novas configurações para a OE, de modo que o termo "pai espiritual" ou diretor espiritual cede lugar à expressão acompanhante espiritual – aquele ou aquela que está ao lado da pessoa acompanhada – ou "orientador espiritual".

Vázquez (2001) explica, de maneira clara e objetiva, o sentido do termo "orientação", "um fenômeno pelo qual uma pessoa se localiza, se situa ou se posiciona espaço-temporalmente em referência a um ponto determinado". Ele menciona a prática milenar de tomar como referência o sol nascente, ou seja, o Oriente para se situar no espaço e no tempo. Logo, ao falar em OE, trata-se de procurar o caminho, encontrar a direção que dá sentido ao percurso, prosseguir no rumo certo.

A missão do orientador espiritual é a de "facilitar" e incentivar o crescimento da relação da pessoa orientada com Deus, ajudando-a a perceber a ação de Deus em sua vida e discernindo a sua vontade.

Tendo descrito brevemente as características do orientador espiritual que existia na Igreja, pode-se perguntar: será que hoje existem pessoas que se dispõem a assumir esse ministério de modo novo? Para tempos novos, surgem, espontaneamente, novos perfis de orientadores espirituais. Na Companhia de Jesus, por exemplo, com os "Exercícios Espirituais personalizados", brota uma renovação da OE, em que o orientando partilha sua caminhada de encontro com Deus. Tal prática vai sendo vivida em outras famílias religiosas e para além delas, como nos cursos oferecidos pelo Centro de Estudos Teológicos e de Espiritualidade (CETESP) e nas Comunidades de Vida Cristã (CVX). A pessoa faz a experiência de encontro com Deus e sente necessidade

de partilhá-la com alguém, "homem ou mulher, que tem o carisma de ajudar a discernir a experiência espiritual de outras pessoas" (VÁZQUEZ, 2006, p. 27). Alguém que se tornou "diácono do Espírito", "amigo do Esposo", e não necessariamente é um sacerdote.

A crise contemporânea da Orientação Espiritual na Vida Religiosa Consagrada

Cada época é forjada por mudanças significativas que afetam a pessoa em suas múltiplas dimensões, inclusive na vivência da espiritualidade. Com o avanço das ciências, abrem-se novas percepções do mundo, da pessoa, da vida, de Deus. Os critérios e as aspirações da sociedade de consumo, determinada por contravalores evangélicos como o materialismo, o agnosticismo, o individualismo e a negação de Deus, como afirma Martínez (cf. 1998, p. 23), acabaram afogando muitos dos ideais humanos, repercutindo sobre os valores transcendentais.

Contudo, a sede de espiritualidade não morreu no homem contemporâneo, no qual se nota uma busca crescente, com particular interesse pela espiritualidade oriental e por suas técnicas.

Há décadas surgiram novos modelos de orientadores vindos do Oriente para o Ocidente, como mestres budistas, hinduístas, zen. Muitas pessoas partiram em direção aos mosteiros do Tibete ou aos templos da Índia, à procura desses "gurus". Na contemporaneidade, também, houve uma grande ascensão da psicanálise e de várias correntes psicológicas que parecem oferecer respostas aos anseios dos indivíduos. Há uma sede e uma procura destes "pais ou mães"; as pessoas continuam buscando "gurus", "mestres", "orientadores", "acompanhantes espirituais" que os auxiliem em suas buscas.

Diante de tantos desafios na pós-modernidade, percebe-se que a crise afeta, inevitavelmente, a VRC e atinge sua estrutura, seus valores e objetivos, incidindo sobre princípios e critérios desse estado de vida. Surgem questionamentos relacionados às formas de oração, seja pessoal, seja comunitária, aparecem perturbações, tensão interior, desorientação e inquietação (cf. MARTÍNEZ, 1998, p. 21).

Pode-se dizer, portanto, que há também na VRC e na Igreja uma crise de vida espiritual. Há um enfraquecimento da mística em religiosos e religiosas que têm perdido o sabor do céu, das coisas do alto. Constata-se um ativismo demasiado, o qual faz perder de vista a dimensão preciosa da relação com Deus a que foram chamados.

A oração é atingida por um vazio que acarreta desilusão espiritual e esfriamento nas motivações que animavam a vida interior. Já não há vida de oração, nem experiência de Deus, sem as quais se torna impossível receber OE. Restou, para alguns, a opção de buscar água em cisternas rachadas (cf. Jr 2,13), que disfarçam e encobrem a sua sede de infinito em tantas coisas superficiais. Substituíram a oração e, consequentemente, a OE por consultórios psicológicos, ioga, meditação oriental e outras técnicas.

Além disso, há uma rejeição ao estilo de OE que estava presente na Igreja, nos seminários e nos conventos, em outros períodos históricos, uma vez que, na atualidade, a VRC apresenta diferentes características. A nova visão da vida humana potencializou na pessoa uma atitude de autossuficiência, do sentir-se maduro e adulto, considerando desnecessária a ajuda de alguém que o acompanhe.

Há religiosos que não sentem necessidade de OE porque percebem que já estabeleceram um tipo de relacionamento com Deus e não seria mais necessário esse tipo de ajuda, conformando-se apenas com a celebração do sacramento da penitência. Outros buscam orientação em momentos de tomada de decisão para a profissão religiosa ou uma mudança na missão; outros sentem resistência e rejeitam esse auxílio. Há quem tenha tido uma experiência negativa com relação ao orientador e sentem dificuldade de abrir-se a outra pessoa; outros se tornaram autossuficientes, acomodados, ou têm medo de tirar a máscara, de enfrentar-se, por serem desconfiados e ativistas. Há outros que sentem a necessidade de crescer na sua relação com Deus e buscam OE; no entanto, muitos outros sentem muita dificuldade de encontrar orientadores competentes e/ou disponíveis.

Consequentemente, há uma crise também de orientadores espirituais. Impossível realizar esse ministério sem familiaridade com Deus. As pessoas sentem esse vazio em muitos religiosos e sacerdotes. Encontram, às vezes, conselheiros que aprenderam, pela formação, a dar conselhos, mas que não captam a linguagem do Espírito na alma da pessoa, porque não sabem ouvir a voz da alma e não estão familiarizados com esta voz. Tornaram-se conselheiros, diretores, ou mesmo funcionários das coisas espirituais. Não basta ter o orientador espiritual, é preciso que sejam homem e mulher disponíveis e hábeis na vida do Espírito, que tenham compreendido que foram chamados a um ministério sagrado, que se tornaram "parteiros da alma" (GUENTHER, 2014, p. 3). Essa pessoa deve ser amiga de Deus, dócil à ação do seu Espírito, acreditar que o

Criador se comunica diretamente com a sua criatura, familiarizada com o modo como Ele age no ser humano, além de ter perspicácia para reconhecer os artifícios do tentador. Deve ser alguém discreto, orante, atencioso, acolhedor, capaz de escutar, silenciar, fazer perguntas, saber esperar, respeitar o ritmo da pessoa, não ser manipulador e deixar que o Espírito de Deus conduza aquele que está sendo orientado.

Redescobrindo o valor da orientação espiritual na Vida Religiosa Consagrada

Como nos revela a História da Igreja, os religiosos foram chamados, essencialmente, para conviver mais de perto com o Senhor "para que ficassem com Ele" (Mc 3,13-15). Foram chamados a se configurar a Cristo por meio dos Conselhos Evangélicos, que caracterizam a essência da VRC. Quando se trata de caminhada espiritual, está implícita uma busca constante de Deus, que se dá, essencialmente, pela oração diária, pela escuta da Palavra e pelos sacramentos. Esses são meios pelos quais Deus se manifesta, conduz, inspira e anima seus filhos e filhas. A oração é um dom precioso, desperta-nos e nos leva a dar atenção especial Àquele que habita em nosso ser.

Com o intuito de oferecer ajuda aos que desejam fazer esse percurso, Nouwen, Christensen e Laird apresentam três práticas úteis para o relacionamento espiritual: a disciplina do coração, a disciplina da Bíblia e a disciplina da comunidade de fé (cf. NOUWEN; CHRISTENSEN; LAIRD, 2007, p. 16).

Na primeira prática sugerida, os autores afirmam que "a disciplina do coração nos conscientiza de que rezar não é apenas ouvir *o* coração, mas ouvir *com o* coração. A oração nos ajuda a estar na presença de Deus com tudo o que temos e somos: nossos medos e ansiedades [...]" (NOUWEN; CHRISTENSEN; LAIRD, 2007, p. 17).

A segunda atitude é a disciplina da Bíblia, isto é, voltarmos para Deus através da *lectio divina* (cf. NOUWEN; CHRISTENSEN; LAIRD, 2007, p. 18). Há vários séculos, os padres do deserto já haviam feito esta descoberta; o mais importante para eles não era ler a Bíblia, mas vivê-la. Aprendiam de cor as partes importantes das Escrituras para serem capazes de ruminá-la, o dia todo. Para eles, não se trata de um método de oração; é um encontro místico. A *lectio divina* é, portanto, uma escola de vida e de oração de ontem e de hoje (cf. VEILLEUX, 1995).

A terceira disciplina está relacionada com a vida de Cristo, celebrada na liturgia com o povo de Deus. A liturgia nos coloca no coração da Igreja e nos une aos irmãos e às irmãs por todo o globo que, seguindo o ritmo das horas e das celebrações, fazem uma rede contínua de diálogo com Deus. Diálogo que se intercala no Cristo, que reza conosco, e nas intenções que a Igreja apresenta ao Cristo que "é o mesmo ontem, hoje e sempre" (cf. Hb 13,8).

Como se viu, os três pontos apresentados por Nouwen, Christensen e Laird (cf. 2007, p. 16) esclarecem que a vida espiritual requer um compromisso diário com Deus, um tempo reservado para este encontro sagrado no qual "o Criador se encontra com a criatura". A vida de oração exige disciplina e é preciso se esforçar para ser fiel ao tempo consagrado à oração pessoal. Os horários e locais de encontro com Deus devem ser priorizados, se desejarmos levar a sério a vida espiritual. Necessitamos voltar, regularmente, ao local daquele encontro que nos marcou, profundamente, fazendo memória da experiência vivida.

A OE só encontra significado na vida dos religiosos consagrados se houver, em primeiro lugar, amizade com Deus, que se dá pela oração, pois, desde os primórdios do cristianismo, este é um tema muito caro à espiritualidade. A experiência dos padres do deserto tornou-se uma forte referência, a partir da vida silenciosa, alimentada por um espírito ascético. Eles buscavam, no silêncio, o diálogo profundo com Deus e, do deserto, transmitiram-nos esse tesouro espiritual preciosíssimo.

A Igreja, definida como "instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo gênero humano" (LG 1), reconhece a OE como um ministério que participa da sua missão diretiva e a recomenda, expressamente. O Concílio Vaticano II destaca sua importância na formação dos seminaristas e dos religiosos, e documentos oficiais da Igreja insistem na necessidade dessa prática. Pode-se conferir, no Código do Direito Canônico, algumas menções à OE. Para os seminaristas, o Código sugere que "cada um tenha o seu diretor espiritual, escolhido livremente" (CDC 246 § 4). Quanto aos religiosos, indica que estes devem ser respeitados pelos superiores em sua liberdade, quanto à busca da "direção de consciência" (CDC 630 § 1). O mesmo se aplica aos membros consagrados de institutos seculares, aos quais se recomenda que "procurem, livremente, a necessária direção de consciência e peçam conselhos dessa espécie, se o quiserem, também dos próprios moderadores" (CDC 719 § 4).

Para a VRC, a OE é um tesouro, uma vez que, como está dito na exortação apostólica *Vita Consecrata* (VC 93), os institutos e comunidades de vida consagrada devem se apresentar "como escolas de verdadeira espiritualidade evangélica". O progresso, nessa dimensão, requer uma atenção cuidadosa para apreender aonde e a que Deus nos leva. Poderia ser essa a pergunta essencial para nossa busca e nossa necessidade de OE: onde está Deus atuando em minha vida hoje? Onde e como está acontecendo a minha vida espiritual? O constante zelo por esse aspecto não significa dizer que a caminhada se fará, inteiramente, na tranquilidade e na paz. Pode ter um sabor amargo partir para um lugar no qual nunca se desejou estar; fazer algo que por opção nunca se faria; dizer "sim" a uma vocação que nunca se procurou, ou, simplesmente, obedecer em coisas simples do dia a dia.

As inúmeras atividades nas quais os religiosos estão envolvidos, hoje, parecem ter roubado do coração consagrado o espaço do silêncio onde Deus se faz presente. Os ruídos externos provocam uma dispersão que tem interferido no relacionamento com o Senhor. Aos poucos vão se tornando homens e mulheres dispersos e pouco afinados com a linguagem do Espírito que sussurra na alma: "Tenho sede! "; uma linguagem que só será perceptível ao coração silencioso e orante. A esse respeito, Nouwen, Christensen e Laird, ainda, fazem uma constatação doída:

> [...] achamos muito difícil criar espaços vazios em nossas vidas e desistir de nossas ocupações e preocupações. Receamos o espaço vazio. Estamos tão preocupados em sermos úteis, eficientes e termos o controle que um momento inútil, ineficaz e incontrolável nos assusta e nos leva de volta à segurança de ter algo de valia para fazer [...]. Mais forte que o nosso medo do espaço vazio é o medo de realmente ouvir a voz de Deus! (NOUWEN; CHRISTENSEN; LAIRD, 2007, p. 42)

A resistência disfarçada em forma de dispersão é uma grande dificuldade para a escuta de Deus e a vivência espiritual, como também para o confronto com a verdade mais profunda. O ser humano é envolvido e seduzido de tantos modos que nem se dá conta a que Deus o chama. Muitas vezes, acostuma-se a ler, apressadamente, as Escrituras, celebra tão distraidamente os sacramentos e não percebe a voz do Senhor que convida a beber da fonte de água viva.

Percebe-se, então, que os religiosos, inseridos no contexto do mundo, são também afetados por ele nos diversos aspectos da vida. Podem ser atingidos, entre os diversos fatores, por mudanças de lugar, missão,

perdas e insucesso no apostolado, bem como situações pessoais de crise de fé, dificuldades na vida comunitária, aridez espiritual e envelhecimento. Nesse momento, necessita-se da presença de irmãs e de irmãos que os reconduzam à experiência inicial de opção por Deus.

Nesse processo, nem sempre percebemos a ação de Deus em nós e, às vezes, não sabemos a que Ele nos conduz. Por essa razão, cumpre lembrar que todos necessitamos uns dos outros para crescer na vida, todos somos necessitados da presença e da ajuda de alguém mais experiente. O mesmo acontece na vida espiritual: como discernir se o que medito e contemplo, se aquela palavra a mim dirigida me conduz, unicamente, à vontade de Deus? Como saber se o que faço agrada ao Senhor? Se não estou me enganando com minhas afeições desordenadas?

Segundo Vázquez (cf. 2006, p. 28), a experiência pessoal e imediata de Deus, que toca o solo do coração humano, afetando todo o seu ser, é condição indispensável para se fazer acompanhamento espiritual, pois nela está a matéria a ser considerada e discernida. O objetivo da OE é ajudar a crescer na vida espiritual. Nesse processo, naturalmente, surgem dificuldades, que podem ser "uma espécie de difusa descrença ou falta de coragem e ousadia para acreditar a respeito daquilo que chama de 'experiência imediata de Deus'" (VÁZQUEZ, 2006, p. 29). A superação de tantos desafios requer compromisso, dedicação, disciplina, exercício, fidelidade, e isso não se dá sem uma firme decisão.

Todo consagrado deve buscar seu crescimento espiritual. Nenhum religioso é tão seguro de si mesmo para conduzir sozinho a própria vida, dispensando a ajuda de quem é mais experiente. Em nenhuma fase e aspecto da existência pode se considerar tão seguro e autônomo, apesar de toda formação recebida, a ponto de que não seja necessária a presença de homens e mulheres familiarizados com Deus, que contribuam no acompanhamento espiritual e o auxiliem na busca da vontade de Deus e na fidelidade à vocação. Desde o início da vida religiosa até o seu declínio, será necessária a presença desses irmãos e irmãs orientadores que deem sustento e acompanhamento espiritual nessa trajetória.

Na delicada arte de guiar as almas, compreende-se que, para ser um orientador espiritual, há um chamado de Deus. É ele que concede esse dom. Cabe a quem o recebe acolher essa graça e aperfeiçoar-se neste ministério, colocando-se à disposição do Senhor com humildade. Trata-se de uma missão especial porque toca a sacralidade do ser; é o próprio Deus quem age sobre este solo sagrado, sendo o orientador

apenas testemunha reverente desta ação. Do orientando, espera-se abertura e humildade para se deixar conduzir por Deus e, também, para discernir e escolher sua vontade.

Precisa-se de alguém que o ajude a discernir a voz que vem de Deus e as vozes que não vêm dele, as vozes do "bom ou do mau espírito". Precisa-se de alguém que o estimule quando a tentação de desistir bater à porta; desses homens e mulheres, orientadores espirituais, "os parteiros da alma", "os amigos do Esposo", que, respeitosamente, se colocam ao lado, na ajuda humilde e silenciosa, para acompanhar até a entrada do "quarto nupcial" e deixar o Criador se entreter com a sua criatura.

Por isso, a OE continua sendo uma necessidade, além de ser uma contribuição imprescindível para o crescimento espiritual dos religiosos. Ninguém pode prescindir dessa ajuda. Afinal, como diz o adágio: "Ninguém é um bom juiz em causa própria". Com a ajuda de alguém sintonizado com a linguagem do Espírito, vai-se percebendo a ação de Deus se manifestando no cotidiano da vida.

O caminho espiritual pode ser árduo, mas, também, pode ser surpreendente porque o Senhor, de maneira simples, como caminheiro de jornada, acompanha-nos na estrada de "Emaús", como o fez com os discípulos, caminhando no ritmo deles. É o Senhor mesmo que se aproxima e se interessa, quer saber o que está acontecendo, que faz perguntas e quer ouvir a resposta, que espera, pacientemente, o tempo para o reconhecimento de que é Ele mesmo que caminha, que se faz presente e que vai aquecendo o coração, quando lhes fala das Escrituras e quando celebra a Eucaristia (cf. Lc 24,13-35).

Do início de um itinerário de crescimento espiritual

Todos nós sentimos no coração a sede da transcendência, o desejo profundo de Deus. De muitas formas ouvimos a voz do Amado que nos convida a beber da fonte da água viva e fazermos, muitas vezes, a experiência do encontro pessoal com ele. Conhecemos o seu valor e nele está contida a "dracma" (cf. Lc 15,8-10) que um dia encontramos com alegria e pela qual deixamos tudo para adquiri-la. Existe, na alma, uma saudade do paraíso que se foi perdendo e que precisa ser resgatado. Todos queremos uma vida religiosa vivida plenamente, fundamentada em Jesus e alimentada pela experiência de Deus. A esse respeito, a Igreja, no documento *Vita Consecrata*, lembra que "é preci-

samente a qualidade espiritual da vida consagrada que pode interpelar as pessoas de nosso tempo, também elas sequiosas de valores infinitos, transformando-se num testemunho fascinante! " (VC 93).

Ao refletir sobre o tema, Rech aponta a oração diária como meio para reaprender a buscar a espiritualidade e, dessa maneira, alimentar a consagração, ter o sustento na missão e recriar as próprias relações. Ela chama a atenção para a importância desse aspecto ao afirmar que

> a vida religiosa sem experiência de Deus é vazia. E sem espiritualidade, a vida consagrada é sem sentido e sofre de anemia profunda, fica fraca [...]. A espiritualidade é o abraço, o fio de ouro que "costura" todas as dimensões de nossa vida; é o sentido mais profundo da vida, da fé, do amor, da entrega. (RECH, 2015, p. 84)

A fidelidade ao encontro pessoal com Deus é indispensável para o cultivo de um relacionamento com ele. Nesse sentido, Rech destaca que não são os manuais de livros de espiritualidade que levam a reaprender o caminho, mas é dentro de nós mesmos que podemos descobrir como fazê-lo (cf. RECH, 2015, p. 83). Cuidar da vida interior é a forma mais eficaz de manter acesa a chama do primeiro amor e alimentar o nosso encanto por Jesus e seu projeto.

A OE se dá num ambiente de fé, na escuta do Espírito de Deus e na relação entre duas pessoas. Santa Teresa d'Ávila, renomada mestra de espiritualidade, ensina-nos que

> quando uma alma decide dedicar-se à oração e começa a se exercitar nela, com a ajuda de Deus, temos de procurar, como bons jardineiros, que essas plantas cresçam, tendo o cuidado de regá-las para que não se percam e venham a dar flores cujo perfume agradável delicie esse nosso Senhor, para que venha a se deleitar muitas vezes em nosso jardim e a gozar entre essas virtudes (*apud* SCIADINI, 2006, p. 16).

Então, para que a OE? O desejo de crescer é um anseio presente no coração de toda pessoa; em toda ela existe uma busca de progredir e de ser melhor. Cada um de nós sabe, por experiência, que temos a necessidade de procurar alguém para nos ajudar a buscar um melhor discernimento e, assim, tomarmos decisões mais acertadas.

Por tantas situações em que a vida nos coloca, por suas complexidades, faz-se necessário buscar luzes que iluminem este itinerário. A Palavra de Deus foi sempre um farol que serve como orientação diante dessa complexidade (cf. Sl 119,105). Nela está a fundamentação

para continuarmos buscando a OE. Na Sagrada Escritura, há diversas indicações de como essa prática aplicava-se a várias categorias de pessoas e situações. No AT, encontra-se esta recomendação expressa: "Aconselha-te com pessoa sensata e não desprezes os conselhos úteis" (Tb 4,18). O livro do Eclesiástico sugere o uso do conselho e da ajuda de um homem piedoso para observar mais fielmente os mandamentos. (cf. Eclo 37,12-15). No NT, Cristo recomenda a Saulo que procure Ananias para saber o que deve fazer (cf. At 9,6-19).

Paulo recomenda à comunidade de Corinto o "discernimento de espíritos" e orienta, diante de situações de divergência e conflitos, que os fiéis examinem a própria consciência (cf. 1Cor 11,28-32). Esses são alguns exemplos que autenticam a importância da OE.

A orientação espiritual quer ser um auxílio para este crescimento e para discernir a vontade de Deus. Se essa prática foi sendo deixada de lado, devemos retomá-la, urgentemente; de modo especial, na VRC, na qual se pretende ter uma vida espiritual saudável. Se, como declaram Barry e Connolly, "a direção espiritual sempre teve por meta final intensificar a união com Deus e, portanto, sempre esteve ligada ao relacionamento individual com o Senhor" (BARRY; CONNOLLY, 1987, p. 22), então, naturalmente, é imprescindível cuidar da vida de oração, procurando ser fiel ao encontro pessoal diário com Deus, além da busca pela ajuda necessária para dar bons frutos.

Conclusão

Diante dos desafios do nosso tempo e, para encorajar a VRC no seu exercício profético de seguimento a Cristo, percebemos o quanto é importante para os consagrados e para o cristão a prática da OE.

Constatamos que é necessária uma formação para aqueles que se deixam interpelar pelo Espírito Santo e se dignam acompanhar outros na OE. Para os querem receber a OE, é necessária uma docilidade ao se deixarem conduzir pelo orientador espiritual, que, abrindo-se ao Espírito Santo, Pedagogo Divino, busca o melhor caminho para discernir na vida do orientando a Santa Vontade de Deus. Deixar o orientando livre para viver sua vocação de maneira serena em busca da felicidade deve ser o motor de toda boa OE.

Através do nosso estudo, percebemos que faltam pessoas habilitadas, com tempo necessário para se dedicar à OE e com discernimento que

este serviço espiritual exige. Porém, há um despertar para essa prática em nossos tempos, e é salutar perceber que as novas gerações sentem esse apelo de voltar e/ou procurar a OE para melhor viver seu chamado de seguir Jesus Cristo. Constatamos, também, uma sensibilidade, por parte dos ambientes de estudo teológico, a aprofundar esses temas, com novos estudos científicos.

Sabemos que, pela limitação da nossa pesquisa, não esgotamos o argumento, mas o deixamos como incentivo para novos estudos com a perspectiva positiva de que a OE é uma matéria de estudo teológico de grande valor para o momento hodierno, pois ajudará as gerações já experimentadas no seguimento de Jesus a reavivarem a chama de suas vocações e as novas gerações a se deixarem guiar pelas moções do Espírito Santo que nos encoraja a perseverar na VRC.

Questões

1. O que suscitou em mim a leitura deste texto? Quais são as luzes e as resistências que encontro?
2. Como se dá a minha experiência de encontro com Deus? Na minha realidade pessoal e institucional, existe a prática da orientação espiritual? Quais as razões pelas quais eu faço ou não adesão a ela?
3. Dentre os desafios apontados no texto, quais identifico que estão presentes na minha realidade? Que outros desafios encontro?

Referência Bibliográfica

BARRY, William; CONNOLLY, William. **A prática da direção espiritual.** 2. ed. São Paulo: Loyola, 1987.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1985.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. Tradução oficial da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. São Paulo: Loyola, 1983.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição dogmática** *Lumen Gentium***.** Petrópolis: Vozes, 1969.

CONSTITUIÇÕES DA COMPANHIA DE JESUS e normas complementares. São Paulo: Loyola, 2004.

GRÜN, Anselm. **A orientação espiritual dos Padres do Deserto.** Petrópolis: Vozes, 2013.

GUENTHER, Margaret. **Acolhendo o desconhecido.** Belo Horizonte: ECOE - FAJE, 2014. (Apostila da disciplina "Práxis Avançada da Orientação Espiritual", não publicada)

JOÃO PAULO II. **Carta aos sacerdotes**, 1979. Disponível em: <http://www.presbiteros.com.br/site/ carta-aos-sacerdotes-de-joao-paulo-ii-1979/>. Acesso em: 07 ago. 2017.

_____. **Exortação apostólica pós-sinodal** *"Vita consecrata"***:** sobre a vida consagrada e a sua missão na Igreja e no mundo. São Paulo: Paulinas, 1996.

LOYOLA, Inácio. **Exercícios Espirituais.** São Paulo: Loyola, 2000.

MARTÍNEZ, Mariano. **Projetos pessoais e comunitários na vida religiosa.** São Paulo: Paulus, 1998.

NOUWEN, Henri; CHRISTENSEN, Michael J.; LAIRD, Rebecca J. **Direção espiritual:** sabedoria para o caminho da fé. Petrópolis: Vozes, 2007.

POWELL, John; BRADY, Loretta. **Arrancar máscaras! Abandonar papéis!** A comunicação visual em 25 passos. São Paulo: Loyola, 2010.

RECH, Helena T. Vida consagrada e espiritualidade. **Itaici: Revista de Espiritualidade Inaciana**, n. 101, p. 81-91, set. 2015.

SCIADINI, Patrício. **A pedagogia da direção espiritual.** São Paulo: Loyola, 2006.

VÁZQUEZ, Ulpiano. **A orientação espiritual:** mistagogia e teografia. São Paulo: Loyola, 2001.

_____. A nova imagem do orientador espiritual e sua função. **Itaici**: **Revista de Espiritualidade Inaciana**, n. 65, p. 23-40, set. 2006.

VEILLEUX, Armand. **Lectio Divina como escola de oração entre os Padres do Deserto.** Conferência ministrada no Centro Saint-Louis-des-Français, Roma, novembro 1995. Disponível em: <http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/monaquismo/lectio_divina_como_escola_de_oracao_entre_os _padres_do_deserto.html> Acesso em 25 abr. 2016.

MISSÃO NA AMAZÔNIA:DA EQUIPE ITINERANTE À REDE ITINERANTE DA REPAM

Equipe Itinerante, "há que nascer de novo!" (Jo 3,7),
porque algo novo está nascendo, Rede Itinerante da REPAM…

Equipe Itinerante[1]

Introdução

Nunca antes a Amazônia e seus povos estiveram tão ameaçados. No encontro com os povos indígenas da Amazônia, Puerto Maldonado, Peru

1 A Equipe Itinerante é um espaço interinstitucional de serviço aos povos e à Igreja da Pan-Amazônia. Presta um serviço missionário itinerante que tenta complementar os outros serviços da Igreja mais institucionais e inseridos da sua missão na Amazônia, especialmente ali onde os outros não chegam, onde as feridas estão mais abertas e a vida mais ameaçada. Na atualidade a Equipe está formada por 9 pessoas enviadas por 8 instituições. equipeitinerante@gmail.com
Raimunda Paixão Braga, leiga brasileira amazônica enviada pelo CIMI, raimundapaixao87@gmail.com; entra em 2004.
Maria Gorete Barbosa de Oliveira, leiga brasileira amazônica enviada pelas CNS-CSA, goreteo@hotmail.com; entrou em 2013.
Joaninha Honorio Madeira, religiosa brasileira da Inmaculada Conceição (Irmãs Azuis, IC), joahmadeira@hotmail.com; entrou em 2013.
Maria del Mar Bosch, leiga enviada pelos Jesuítas de Puerto Rico, boschmarita@hotmail.com; entrou em 2016.
Ney Valente, leigo brasileiro amazônico enviado pela Associação de Capoeira Arte Revelação, neyvalente1@hotmail.com; entrou em 2018.
Izaias Flores Lopes, leigo enviado pela Paroquia de Assis Brasil-AC; entrou em 2018.
Arizete Miranda Dinelly, religiosa brasileira amazônica, Cônega de Santo Agostinho (CNS-CSA), arizete2013@gmail.com; entrou em 1998.
Fernando López Pérez, religioso espanhol, Companhia de Jesus, Província do Paraguai; jflopezperez@gmail.com; entrou em 1998.
Maria Eugenia LLoris Aguado, religiosa espanhola, Verbum Dei, gennilloris@gmail.com; entrou em 2018.

(19/01/2018), o papa Francisco dá sua visão da conjuntura atual da Amazônia e dos povos originários que nela habitam. Ele, com simplicidade e ousadia profética, denuncia:

> Provavelmente os povos originários amazônicos nunca estiveram tão ameaçados nos seus territórios como estão agora. A Amazônia é terra disputada desde várias frentes: por uma parte, o neo-extrativismo e a forte pressão por grandes interesses econômicos que dirigem sua avidez sobre petróleo, gás, madeira, ouro, monoculturas agroindustriais.

E apresenta a grave situação dos mais vulneráveis na Amazônia, os Povos Indígenas Isolados:

> Desta preocupação surge a opção primordial pela vida dos mais indefensos. Estou pensando nos povos a quem se referem como «Povos Indígenas em Isolamento Voluntario» (PIAV). Sabemos que são os mais vulneráveis entre os vulneráveis. Situações de épocas passadas lhes obrigou a isolar-se até de suas próprias etnias, empreenderam uma história de cativeiro nos lugares mais inacessíveis da floresta para poder viver em liberdade. Sigam defendendo a estes irmãos mais vulneráveis. Sua presença nos lembra que não podemos dispor dos bens comuns no ritmo da avidez do consumo. É necessário que existam limites que nos ajudem a preservar-nos de toda tentativa de destruição massiva do habitat que nos constitui.

"Alinhamento de estrelas"

Afirma nosso irmão bispo, poeta e profeta, Pedro Casaldáliga: "É madrugada se insistimos um pouco";"quanto mais difíceis são os tempos, maior deve ser a Esperança". Nesta difícil, complexa e violenta conjuntura atual da Amazônia e do Planeta, também há muitos sinais de esperança. Há um "alinhamento de estrelas" indicando que "algo novo está nascendo". Algumas dessas "estrelas alinhadas" que iluminam e apontam o caminho de novos paradigmas de vida são: os povos tradicionais da Amazônia (indígenas, ribeirinhos, afrodescendentes, rurais e urbanos) com suas cosmovisões geopolíticas de Bem-Viver e Bem-Conviver: "Eu vivo bem se tu vives bem; eu e tu vivemos bem se ele vive bem; nós vivemos bem se a árvore, o rio, os animais e todos os seres vivem bem". Também as mulheres vão conquistando espaços de decisão no cuidado da Casa Comum do Planeta e de todos os seres que nele habitam; e mesmo com o assassinato de suas lideranças seguem firmes na defesa das vidas.

Em nível eclesial são várias as estrelas alinhadas: o papa Francisco, que emerge em 2013 como líder religioso e político mundial, com um forte talante simples e profético; a Rede Eclesial PanAmazônica (REPAM, 2014), fortemente apoiada pelo Papa, que busca ajudar na construção de uma visão e missão em rede, como membros de um mesmo corpo (1Cor 12); a Encíclica "Laudato Si – sobre o cuidar da Casa Comum" (2015), como novo marco teológico-pastoral que define a missão geopolítica comum na qual todos os seres humanos somamos para cuidar de nossa Casa Comum do Planeta (missão "geo", terra) e de todos os seres que nela habitam (missão eco-política); e o recentemente lançado Sínodo da Amazônia (2019), que nos desafia a discernir qual é nossa missão comum, profética e diferenciada como Igreja nesta estratégica região do Planeta, no acompanhamento e diálogo com a diversidade de seus povos e na defesa da vida.

Nascer de novo... porque algo novo está nascendo...

Quando Perani partiu para a outra margem do Rio Misterioso da Vida, Dom Moacyr Grechi, Arcebispo emérito de Porto Velho (RO) na época, afirmou: quanta falta nos faz o Cláudio! Ele era um amigo que nos ajudava a discernir nossa missão na Amazônia, a levantar os olhos e enxergar por onde vinha o "raiar do sol e a água fresca da chuva". Ele nos convidava sempre a alargar a mirada mais longe, "a remar para as outras margens e para águas mais profundas e lançar as redes para pescar" (Lc 5,4).

Neste contexto crítico e esperançoso no que vive a Amazônia e seus povos, celebramos neste ano, 2018, dois acontecimentos importantes: o X Aniversário da Páscoa, da Itinerância definitiva e plena rumo à Casa do Pai, do querido pe. Cláudio Perani, sj (+08-08-2008); também comemoramos, no contexto do XVII Encontro Interinstitucional da Equipe Itinerante (Manaus, 27-31/08/2018), o XX Aniversário de travessia da Equipe Itinerante (1998-2018), que o próprio Perani fundou como um serviço missionário complementário aos serviços mais institucionais e inseridos do corpo da Igreja na Amazônia.

A Equipe Itinerante, depois de 20 anos de fecunda caminhada, com acertos e erros, sente o convite de Jesus a Nicodemos (Jo 3,7-8): "É preciso nascerdes de novo". O vento sopra onde quer, ouves o barulho, mas não sabes de onde vem nem para onde vai. Acontece a mesma coisa com quem nasceu do Espírito". A Equipe é convidada a nascer de novo porque algo novo está nascendo: A REPAM (2014) e sua in-

cipiente Rede Itinerante que está na atualidade gestando-se. A Equipe Itinerante se sente parteira e parte da REPAM e de sua Rede Itinerante, junto com muitos outros e outras que somaram e somam nesse nascimento e caminhada. Nessa Rede Itinerante da REPAM, pouco a pouco, articulam-se muitas equipes itinerantes que estão espalhadas pela Amazônia em distintas regiões, com diversidade de formatos de itinerância, composição de pessoas, áreas de abrangência e matizes de serviços. A Rede Itinerante da REPAM é um serviço complementário aos serviços mais institucionais e mais inseridos da Igreja na Amazônia, especialmente ali, onde as feridas estão mais abertas e a vida de todos os seres que nela habitam mais ameaçada.

Alguns documentos eclesiais apontam este kairós e novo nascimento. O Documento de Aparecida (2007) nos desafia: "devemos formar-nos como discípulos missionários sem fronteiras, dispostos a ir 'à outra margem'" (DA 376). Na celebração dos 40 anos do "Documento de Santarém" (1972-2012), os bispos da Amazônia Legal propõem como linha de ação a necessidade de "criar equipes itinerantes de formação" (Memória e compromisso, n. 3.6, Santarém, 2012). O documento *Evangelii Gaudium* (Alegria do Evangelho) nos anima a recuperar a alegria missionária e ser "Igreja em saída". A "Laudato Si, sobre o cuidado da Casa Comum" que convida a uma profunda conversão, educação e espiritualidade ecológica integral. E, neste ano do laicato, o Conselho Nacional do Laicato do Brasil (CNLB) propõe o tema "Sal da Terra e Luz do Mundo" (Mt 5, 13-14), e o lema "Cristãos leigos e leigas sujeitos na 'Igreja em saída' a serviço do Reino".

Perani (1996): Três projetos inovadores

Um ano depois de ser nomeado responsável do Distrito dos Jesuítas da Amazônia (DIA), Perani escreve e envia ao pe. Geral Kolvenbach três projetos inovadores: "Projeto Tabatinga", "Projeto de Itinerância" e "Projeto Educação e Cidadania. Todos eles foram datados em "Manaus, 04.06.1996, na Sede do DIA". Estes primeiros projetos são o resultado da longa experiência de Claudio durante os mais de 30 anos de serviço no CEAS do Salvador – Bahia, mas, sobretudo, da escuta e inúmeras consultas que fez ao povo, às organizações, às pastorais sociais e às igrejas locais da região amazônica, naquele primeiro ano de serviço no governo da Companhia de Jesus na região.

Projeto Tabatinga. Tabatinga está localizada nas fronteiras com a Colômbia e com o Peru. É uma cidade em desenvolvimento, perpassada por conflitos causados pela droga, pelas migrações, pela exploração econômica. Existe a proposta de fundar uma Comunidade Missionária de 3 a 4 jesuítas, com tarefas apostólicas a serem melhor definidas a partir da realidade local: visitas às comunidades, trabalhos com os índios, assessorias várias, formação de lideranças, orientação espiritual, sem assumir paróquia. O bispo Dom Alcimar sugere este tipo de trabalho. O ideal seria uma comunidade internacional, integrada por jesuítas brasileiros, colombianos e peruanos, para um trabalho em toda a faixa amazônica do Alto Solimões, entrando nos territórios colombianos e peruanos.

Projeto de Itinerância. Inspirado na mobilidade dos primeiros jesuítas, consiste na formação de uma equipe residente em Manaus com o objetivo de visitar periodicamente as comunidades do interior amazonense, para conhecer, passar informações, apoiar, animar, avaliar o trabalho local, confirmando na fé os irmãos e as irmãs das comunidades. Seria um trabalho mais social ou mais religioso, a depender das necessidades e da preparação dos jesuítas, organizado de acordo com os bispos locais. Trata-se, também, de fazer a ponte com entidades e intelectuais da cidade, para descoberta de novos caminhos em favor do campo e da cidade, do ponto de vista pastoral e sócio-político. O objetivo é ainda vago, mas só poderá se concretizar a partir das solicitações recebidas e da criatividade dos jesuítas da equipe.

Projeto de Educação e Cidadania. O projeto para a área urbana procura ser uma pequena resposta ao grande e preocupante problema da educação das crianças na Amazônia. Não pretende criar grandes estruturas, mas apoiar-se na rede de ensino público, contando com pessoas de classe média em sua maioria voluntárias a serviço dos setores populares. Inspira-se na experiência concreta realizada pelo CAC num bairro de Belém. Trata-se de realizar aulas de reforço, duas horas cada, para um acompanhamento tutorial, sendo que uma professora ou monitora poderá seguir somente 5 crianças. O projeto já em andamento num bairro de Belém deveria se estender a outros bairros e a outras cidades, envolvendo a colaboração de outras Congregações Religiosas e de leigos.

Nestes projetos, Perani apresenta vários aspectos fundamentais da sua visão, proposta de missão e da organização do corpo missionário:

"Territorialidade conectada". No Projeto Tabatinga, um ponto fundamental para Perani é a "territorialidade": sua visão territorial

transfronteiriça conectada, "sem-fronteiras". Destaca também a complexidade dos conflitos nas fronteiras amazônicas onde a ausência do Estado é maior e as máfias são as que reinam nessas regiões. Outro ponto é a perspectiva interprovincial e internacional, somando pessoas (jesuítas) dos três países fronteiriços. Cláudio propõe que a missão, a ser "melhor definida a partir da realidade local", será na linha das visitas às comunidades e aldeias, assessorias e formação de líderes, espiritualidade, etc. É importante destacar que Cláudio é direto em deixar claro que o trabalho é "sem assumir paróquia" e o ratifica dizendo que "o bispo Dom Alcimar sugere este tipo de trabalho".

Itinerância: "Fazer a ponte". No Projeto de Itinerância, Perani se inspira "na mobilidade dos primeiros jesuítas", que também atravessavam as "fronteiras" geográficas, culturais e simbólicas da Amazônia nos séculos XVII e XVIII. O caso do pe. Samuel Fritz é emblemático. A ele devemos um belíssimo diário de suas expedições e uma das primeiras cartografias da região: "O Grande Rio Maranhão o Amazonas" (1707). Na compreensão do Cláudio, um ponto fundamental do serviço missionário itinerante é "fazer de ponte" entre o campo (comunidades e aldeias) e a cidade, entre o povo da base e os intelectuais, "para descoberta de novos caminhos em favor do campo e da cidade". Perani compreende o serviço da itinerância como um serviço complementário que dá conectividade aos outros serviços mais inseridos na base e no interior com os outros serviços mais institucionais e intelectuais presentes mais na cidade. A missão pode ser mais pastoral e/ou sócio-política, depende da demanda e necessidade local. A criatividade dos itinerantes é muito importante para o desenvolvimento deste projeto.

Priorizar os mais vulneráveis e complementar o sistema onde ele falha ou não chega! Por último, o Projeto Educação e Cidadania aborda a desafiadora situação da educação das crianças, um dos setores mais vulneráveis da realidade amazônica, especialmente no mundo das imensas periferias urbanas. O Projeto não pretende substituir o Estado, mas complementá-lo onde ele falha ou não chega, ele pretende "apoiar-se na rede de ensino público, contando com pessoas de classe média em sua maioria voluntárias a serviço dos setores populares."

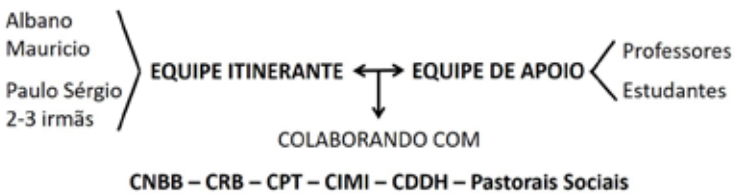
Do "Projeto de Itinerancia" (1996) à "Equipe Itinerante" (1997)

As duas primeiras versões da proposta da Equipe Itinerante são redigidas por Perani (1996 e 1997). A primeira é pensada só com jesuítas.

A segunda versão é já fruto das conversas de Perani com a CRB e outras pastorais que ajudam a abrir a proposta para a intercongregacionalidade e interinstitucionalidade com leigos e leigas. Ao longo destes 20 anos de caminhada itinerante (1998-2018), a partir das duas primeiras versões do Projeto redigidas por Cláudio, foram elaboradas mais cinco versões do Projeto a partir da experiência dos próprios membros da Equipe Itinerante.

Na mesma perspectiva que o pensava seu fundador Perani, o projeto da Equipe Itinerante sempre está a caminho, vai se recriando, reformulando e concretizando a partir das distintas realidades locais onde se insere e da mudança da conjuntura da própria Amazônia e do mundo. Na conclusão da secunda versão do Projeto Equipe Itinerante (1997), ele aponta essa perspectiva e propõe um gráfico como resumo e síntese da proposta:

> O que está no papel é muito relativo. É importante ter algumas ideias claras, deixando em aberto sua concretização, a depender da experiência do dia-a-dia. A seguir vai um pequeno gráfico sintetizando o projeto.



A intuição: andem e escutem

Perani recupera a espiritualidade e metodologia itinerante do próprio Jesus (Lc 8,1-3):"Jesus andava por cidades e aldeias, pregando e anunciando a Boa Notícia do Reino de Deus. Os Doze e algumas mulheres iam com Ele". E também a tradição das ordenes mendicantes (Franciscanos, Dominicanos, etc.) que, saindo dos conventos e monastérios, iam ao encontro do povo no campo e nas cidades. Recolhe a própria tradição jesuítica da "cavalaria ligeira" e do "Inácio Peregrino", dos primeiros jesuítas missionários na Amazônia que andavam de aldeia em aldeia.

Nos primeiros anos que Cláudio acompanhou a Equipe Itinerante, resumiu sua intuição fundamental:

> Andem pela Amazônia e escutem o que o povo fala: suas demandas e esperanças, seus problemas e soluções, suas utopias e sonhos. Visitem as

> comunidades e aldeias, as organizações e igrejas. Participem da vida cotidiana do povo. Observem e registrem tudo cuidadosamente. Anotem as próprias palavras do povo. Não se preocupem com os resultados, o Espírito irá mostrando o caminho! Coragem! Comecem por onde possam...

Os verbos utilizados são muito importantes para o Perani: andar, escutar, visitar, participar da vida cotidiana, observar, registrar, anotar, não se preocupar com os resultados, discernir e confiar no Espírito, ter coragem e começar por onde se possa...

Equipe Itinerante: "Juntos tecendo redes e missão na Amazônia"

Já nos primeiros "logos" aparece como missão da Equipe Itinerante a ideia de "tecer redes". Até hoje essa intuição inicial se mantém: "Juntos tecendo redes e missão na Amazônia".

A Equipe Itinerante ao longo destes anos foi compreendendo o "tecer redes" como parte de sua missão. Na sexta versão do Projeto Equipe Itinerante (2007) explicitamente afirma:

> O Projeto da Equipe Itinerante nasceu da escuta atenta dos clamores, anseios e esperanças dos povos amazônicos. Foi através dos rostos destes povos, que o Espírito de Deus fez sentir a sua vontade. E é junto com estes povos que a Equipe Itinerante vai encontrando a melhor maneira de colocar-se a serviço da vida, da humanização das relações e da promoção da justiça, tecendo redes entre pessoas, comunidades, povos e instituições.

A Equipe descobre a necessidade de "tecer redes" a partir da escuta atenta à realidade:

> É importante estabelecer um processo de intercâmbio de experiências, confrontando as práticas locais com outras experiências que têm dado certo em outras regiões amazônicas, e tecer redes solidárias entre comunidades, iniciativas de organização, entre aldeias, assentamentos rurais, entre paróquias, dioceses e até países (fronteiras). A itinerância pode ajudar muito nesta articulação pelo fato de entrar em contato com muitas experiências locais.

E na formulação dos objetivos específicos insiste: "fortalecer e tecer redes solidárias entre comunidades, povos, organizações, igrejas, instituições e países".

A ideia da "rede itinerante" não é nova na reflexão da Equipe Itinerante. Em 2003, no II Encontro Interinstitucional da Equipe Itinerante (Xare-CIMI, Manaus, 2003) já apareceu de modo muito simples essa ideia, essa possibilidade. Depois de alguns anos de itinerância pela região da tríplice fronteira de Brasil-Colômbia-Peru (alto rio Solimões), discerniu-se e decidiu-se somar interinstitucionalmente para abrir um novo núcleo da Equipe naquela fronteira. Em abril de 2004, somaram-se quatro pessoas de quatro instituições diferentes para iniciar o núcleo: Irmã Odila Garivaghi, FSCJ, Fernando López SJ (ambos do núcleo de Manaus), o Irmão Neori Fonseca, Marista, e Raimunda Paixão, leiga do CIMI.

Com a abertura do núcleo de Tabatinga (2004) e posteriormente de outro núcleo em Boa Vista, Roraima (2008), a Equipe passou a ter três núcleos com Manaus. E a pergunta que surgiu cada vez com mais força foi: como organizar uma rede de equipes itinerantes ou uma estrutura mais orgânica? Essa reflexão levou vários anos. Como multiplicar as equipes itinerantes na Amazônia e como organizar a articulação entre eles? Uma possibilidade que sempre aparecia no horizonte de reflexão foi a rede itinerante.

Com a novidade do nascimento da REPAM em 2014, abriu-se a possibilidade concreta de tecer essa rede itinerante amazônica. A Rede Itinerante da REPAM é esse novo que está nascendo e é nela onde a Equipe Itinerante quer nascer de novo e nela inserir-se somando com outras equipes itinerantes com diferentes formatos e composição, diversos serviços complementários e metodologias, áreas de presença e abrangência, etc.

A REPAM é como o rio Amazonas

Papa Francisco desafia e anima a Igreja na Amazônia a "nascer de novo": "A obra da Igreja tem que ser incentivada e relançada na Amazônia" (Papa Francisco, Rio de Janeiro, Brasil, 2013. A Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM) é o esforço da Igreja Amazônida para encorajar e relançar a sua missão nesta estratégica e geopolítica região do Planeta.

Jesus sempre falava com imagens e parábolas para explicar a sua missão: "Com quê podemos comparar o reino de Deus?" (Mc 4,30). Nós também usamos algumas imagens dos povos amazônicos para compreender a REPAM. O que é a REPAM? Com que podemos compará-la?

A REPAM é como o Grande Rio Amazonas. Foi formando-se com a contribuição de muitos rios e lagos, pequenos igarapés, do desgelo dos Andes, das fontes e olhos d'água, das pequenas gotas de chuva e do fino

orvalho da grama, etc. A REPAM quer facilitar essa dinâmica de juntar nossas "gotas de água". Ela quer reunir toda a multidão dos serviços de muitos missionários, comunidades, instituições, organizações, Igrejas locais e outros atores solidarios inseridos ao longo dos rios e das selvas amazônicas. Unindo todas estas fontes de "água viva" (Jo 4,10), que formam "rios de água viva" (Jo 7,28), a riqueza de "Vida Abundante" (Jo 10,10), que brota a partir do "santuário" da Amazonia e vai curando e renovando a vida por onde esse "rio vivo" passa (cf. Ez 47). A REPAM procura unir nossas gotas de água para fazer uma "fonte de vida" que enfrentam os projetos de morte impostos à Amazônia e seus povos pelo modelo de desenvolvimento capitalista predatório atual. Porque todas essas formas de água se doaram e somaram generosamente foi possível o milagre desse gigantesco Rio da Vida que alimenta um dos maiores e mais ricos biomas do Planeta. A Equipe Itinerante é um desses córregos, formado por pequenas gotas de água, que ajudou a gerar a REPAM.

Itinerando e atravessando fronteiras, geográficas e simbólicas, nos dois sentidos

Em 2011 a Equipe Itinerante foi convidada pela Familia Franciscana para participar no "III Encontro Continental Justiça, Paz e Integridade da Criação (JPIC) das Américas" na cidade de Quito, Equador (01-07/11). Pediu-se à Equipe apresentar sua experiência concreta e uma visão territorial de conjunto da região, com pistas para discernir a missão comum e o corpo organizacional que melhor pudesse responder a essa missão com essa visão pan-amazônica.

Nesse contexto de discernimento da missão pan-amazônica de JPIC, a Equipe fez seu primeiro contato com Mauricio López, secretário da Cáritas Equador. A Cáritas fazia uns meses que havia iniciado uma articulação regional com suas seis jurisdições eclesiásticas inseridas na Amazônia equatoriana. Esta iniciativa tinha como inspiração a proposta eclesial do Concílio Vaticano II, o Magistério da Igreja Latinoamericana e diversas intuições, que haviam iniciado décadas atrás, por parte de bispos e missionários religiosos e leigos, uma proposta e resposta regional aos desafios da Amazônia. Foi o Espirito quem facilitou e iluminou aquele encontro pessoal de Mauricio e a Equipe Itinerante. O sonho e a pergunta partilhada foram: como organizar um corpo missionário articulado na Pan-Amazônia que responda a essa missão comum com essa visão territorial conectada?

Ficou marcada com Mauricio uma jornada com a Cáritas Equador em Quito, em janeiro de 2012, para partilhar a experiência da Equipe, sua visão territorial e missão itinerante na Pan-Amazônia.

Em dezembro de 2011, a Equipe subiu o rio Amazonas (Solimões) desde Manaus até Tabatinga onde somaram-se outras companheiras que completaram a expedição. Atravessaram a fronteira, na ilha de Santa Rosa, Peru. Foram acolhidos e dormiram na casa da missionária leiga Dorota e seu filho Ismael. No dia seguinte continuou sua itinerância rumo a Iquitos, onde juntaram-se as leigas missionárias do Vicariato S. José del Amazonas, Dominique e Ana. Juntos continuaram a viagem subindo o rio Napo até Santa Clotilde e alguns dias depois até Angoteros onde passaram o Natal com os Napuruna.

Depois do Natal, os quatro membros da expedição da Equipe continuaram viagem pelo Napo até Cabo Pantoja, na fronteira de Peru com Equador. No mesmo dia atravessaram para Equador ficando em Rocafuerte com os Capuchinhos. Na mesma comunidade onde viveu o irmão bispo e profeta Alejandro Lavaka, que deu sua vida, junto com a Ir. Ines Arango, por defender a vida do povo indígena isolado Tagaeri, em 1987: "Se não vamos nós, matam eles!", afirmou Labaka antes de sua última itinerância. O pe. Jose Miguel, capuchinho, partilhou os conflitos fortes e permanentes entre os povos indígenas e as Empresas Petroleiras na região. Contou como encontrou os corpos de Alejandro e Ines atravessados por lanças que ele mesmo as arrancou.

De Rocafuerte, a Equipe continuou pelo rio Napo para a cidade El Coca, onde foi recebida muito carinhosamente por Mons. Jesús, capuchinho que sucedeu a Mons. Labaka.

Para a Equipe foi muito forte ver que ao longo de todo o rio Napo não havia peixe nas comunidades, e os que havia não podiam ser consumidos por estarem contaminados pelo petróleo. Ao atravessar a fronteira e entrar em Equador, entendemos a razão: ao longo de todo o rio Napo, são contínuos os portos petroleiros; as pessoas partilhavam os contínuos derrames de petróleo e os "mecheros" ("queimadores") de gás residual dos poços. Todo o rio e o ecossistema foram contaminados.

Por fim, depois de mais de um mês de viagem, três mil quilômetros de rios e selvas, de muitos rostos e imagens fortes no coração e nas entranhas, a Equipe saiu de El Coca e subiu a cordilheira andina até chegar a Quito. Mauricio e sua esposa Analu esperavam e acolheram a

Equipe, generosa e carinhosamente, na sua casa. Ali a Equipe montou sua tenda e "acampamento base". Com eles atravessaram o ano velho pulando por cima da fogueira para renascer ao ano novo.

Com a Cáritas Equador, a Equipe desenvolveu uma jornada amazônica para partilhar sua experiência, visão e missão amazônica. O companheiro poeta Patricio Guerrero, professor de antropologia, com suas reflexões, cantos e músicas ajudou a "coraçonar" com a Amazônia. A famosa imagem da mulher Ava-Guaja amamentando o porquinho do mato convidou a todos os participantes a viverem mais conectados com a Amazônia e todos os seres que nela habitam, unidos na missão comum de defender a vida, especialmente ali onde ela está mais ameaçada e as feridas estão mais abertas.

Esta jornada com Cáritas foi fundamental para que a Equipe Itinerante se articulasse a um processo que estava nascendo no território amazônico do Equador e também para a compreensão de conjunto da territorialidade e conexão amazônica, da importância de construir juntos uma visão, missão e corpo missionário articulado e em rede para a defesa da vida na região, porque tudo está conectado e "uma selva sem a outra não tem solução!" Esses momentos marcaram o início de toda uma etapa nova na missão da Equipe Itinerante.

Em agosto de 2012, a convite da Equipe Itinerante, Mauricio López participou, em Boa Vista, Roraima, do XI Encontro Inter-Institucional e do retiro da Equipe, orientado por Egydio Schwade, companheiro e cofundador do CIMI. Este encontro foi fundamental para continuar sonhando uma visão, missão e corpo missionário pan-amazônico, transfronteiriço, articulado em rede.

Nos dias 22 a 24 de Abril de 2013, a Equipe Itinerante, a convite da Cáritas, participou do Encontro da Rede Amazônica – Zona Oriente, em Puyo, Equador. Pela Equipe participaram Arizete Miranda, CNS-CSA, Paco Almenar, SJ, Graça Gomes, CF. O tema foi: "A Igreja em defesa da vida: realidade e vulneração de identidades e direitos na Amazônia Equatoriana. A Equipe Itinerante apresentou o tema: "A visão de conjunto e caracterização da Pan-Amazônia e perspectivas de Ação Pastoral da Equipe Itinerante". Contribuiu também com a oficina "Orar e Meditar ao redor da experiência e da Espiritualidade Pan-Amazônica". Participou também numa mesa redonda na Universidade Andina Simón Bolivar onde contribuiu com sua visão e espiritualidade amazônica, com a luta pela defesa da vida e o compromisso com a justiça socioambiental.

Outro importante encontro no processo de gestação da REPAM foi realizado nos dias 18 e 19 de julho de 2013 em Lima, "Encontro Pan-Amazônico: Cuidados com a Criação, Atividades extrativistas e desafios pastorais". Foi convocado pelo SELAC em conjunto com o CELAM. O objetivo do evento foi: "Animar o processo de transformação da realidade da Amazônia com o protagonismo dos povos que a habitam em favor do cuidado da criação na construção de uma sociedade mais justa, fraterna e solidaria." A Equipe Itinerante foi convidada por Dom Pedro Barreto, Arcebispo Metropolitano de Huancayo e Presidente do Departamento de Justiça e Solidariedade do CELAM, na época, e por Mauricio López, da Cáritas Equador. A Ir. Arizete Miranda, CNS-CSA, apresentou uma visão territorial de conjunto da Pan-Amazônia a partir da experiência e espiritualidade da Equipe Itinerante.

Nos dias 28 a 31 de Agosto de 2013, Mauricio López participou do XII Encontro Inter-Institucional da Equipe Itinerante, assessorado pelo pe. Alfredo Ferro, sj. Também se celebraram os 15 anos da Equipe de vida itinerante pelos rios e florestas amazônicos. O encontro foi realizado em Tabatinga-AM, tríplice fronteira amazônica de Brasil com Peru e Colômbia. Na ocasião participaram também a Ir. Irene Azevedo da Comissão da Amazônia da CNBB e o pe. Sidney (assessor da CNBB).

Novamente o Espírito fez acontecer o milagre do "encontro das águas". A Equipe Itinerante facilita o diálogo entre Mauricio, da Cáritas Equador, e a Ir. Irene, da Comissão da Amazônia, para verem a possibilidade da participação de Cáritas Equador e DESEJOU-CELAM no encontro das Igrejas da Amazônia Brasileira em Outubro de 2013, Manaus-AM. No encontro participam Mauricio López, pela Cáritas-Equador, o pe. Peter Hughes, pelo DESEJOU-CELAM, e o p. Alfredo Ferro, pelo Serviço Amazônico dos Jesuitas (CPAL). Este encontro foi fundamental para continuar avançando no sonho de tecer uma missão comum em rede como Igreja na Pan-Amazônia.

REPAM: Fonte de vida no coração da Igreja (Set/2014)

A REPAM é fundada no encontro realizado em Brasília (DF) nos dias 9 a 12 de setembro de 2014. Foi escolhido como lema da REPAM, "Pan-Amazônia: Fonte de vida no coração da Igreja". Ficaram como membros fundadores: CELAM, CLAR, SELAC e Comissão para a Amazônia da CNBB.

Durante o encontro fundacional foi lida a mensagem do papa Francisco (Brasilia, 10/09/2014). Ele convida a "sair de si mesmo para se unir aos outros". Anima a "alargar os espaços de compreensão e da solidariedade entre os homens e os povos, refletindo aquela 'Luz das Nações' – Cristo, que resplandece no rosto da Igreja Universal e das Igrejas locais". No final da saudação, Francisco comenta que somente o "testemunho cristão pode, graças à rede, alcançar as periferias existenciais humanas, permitindo que o fermento cristão fecunde e faça progredir as culturas vivas da Amazônia e seus valores".

No documento de Declaração Fundacional da REPAM, elaborado na ocasião, afirma-se: "A Igreja não está na Amazônia como quem tem feito as malas para ir-se depois de explorá-la. Desde o princípio está presente nela com missionários, congregações religiosas, sacerdotes, leigos e bispos, e sua presença é determinante para o futuro da zona" (Papa Francisco aos bispos do Brasil em Rio de Janeiro, 27-07-2013).

Com a REPAM afirmamos nosso compromisso de responder de maneira eficaz e orgânica aos clamores do tempo presente. Assumimos como missão:

> Criar consciência nas Américas sobre a importância da Amazônia para toda a humanidade. Estabelecer, entre as igrejas locais de diversos países euramericanos, que estão na bacia amazónica, uma pastoral de conjunto com prioridades diferenciadas para criar um modelo de desenvolvimento que privilegie os pobres e sirva ao bem comum (DA 475).

No encontro o Cardeal Cláudio Hummes interpelou os participantes:

Agora precisamos atuar. A REPAM quer ser uma força de atuação de todas as Igrejas na Amazônia. Essa Rede é para somar, criar comunhão e termos vozes na sociedade e diante das organizações nacionais e internacionais, que têm poder de decisão sobre a Amazônia. E precisamos ter essa consciência da capilaridade de nossa Igreja, somos presença. Para isso precisamos somar para que aquilo que falamos e propomos tenha peso. E aquilo que criticamos e denunciamos seja evidenciado. A REPAM tem de guardar e cultivar essa força profética. Desejamos ser a força de Jesus Cristo nessa região, que, por vezes, é tão agredida e devastada por interesses econômicos e exploratórios.

E o Arcebispo de Huancayo, Peru, Presidente do Departamento de Justiça e Solidariedade do Conselho Episcopal Latino-Americano (DEJUSOL) colocou o desafio de: "Lançar as bases de uma Rede Eclesial

Pan-Amazônica (REPAM) por meio do diálogo, coordenação e formação de consenso sobre a visão e a missão da Igreja na Amazônia".

A REPAM está pouco a pouco construindo uma VISÃO compartilhada, territorial e geopolítica, da Amazônia, na qual propõe uma MISSÃO comum de cuidado da "Casa Comum" (missão "geo") e do bem comum, "bem viver" de todos os seres que nela habitam (missão "eco-política"), e para isso está tecendo um CORPO EM REDE que articule todas as forças vivas missionárias eclesiais e também não-eclesiais e geopolíticas (dentro do possível) na região Amazônica assim como fora dela, em nível internacional e mundial.

A REPAM é como uma malhadeira no rio Amazonas

"O Reino dos Céus é como uma rede lançada ao mar..." (Mt 13,47). Jesus apresenta o Reino com a imagem da malhadeira lançada no mar. Para explicar a Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM), utilizamos a mesma imagem da malhadeira que os pescadores ribeirinhos esticam no rio Amazonas.

Para que uma malhadeira pegue peixe tem de ter três elementos fundamentais: 1) Boias que sustentam, fazem flutuar e indicam onde e como está a malhadeira; 2) Chumbos que fazem com que a malhadeira vá ao fundo, lá onde passam os peixes; 3) Pano da malhadeira que tece e conecta as boias e os chumbos. Por sua vez, as boias e os chumbos mantém as malhas esticadas evitando que fiquem enroladas, podendo assim malhar e pegar os peixes.

O CORPO missionário da REPAM continua sendo tecido hoje, pouco a pouco, ao longo e largo da Amazônia, nas suas três redes de serviço fundamentais, Rede Inserida – Rede Interinstitucional – Rede Itinerante.

A) Rede Inserida da REPAM ("entralho de chumbos"). A REPAM tem como fortaleza e ponto de partida a encarnação, as presenças inseridas de uma infinidade de paróquias e pastorais sociais, de comunidades de base e equipes missionárias, de comunidades religiosas masculinas e femininas, de leigos e leigas, etc., espalhadas pelos rios e florestas, aldeias e cidades, estradas e caminhos desta imensa Amazônia. Presenças proféticas, muitas vezes heroicas e martiriais, profundamente encarnadas e radicalmente engajadas na região, no compromisso com a justiça e a defesa da vida da Amazônia e dos povos que nela habitam. A Igreja Católica é a instituição com mais tempo histórico e maior número de presenças in-

seridas em toda a bacia e bioma amazônico. Nenhuma outra instituição, governamental ou da sociedade civil, têm, nem de longe, a presença junto ao povo que tem a Igreja, sobretudo nas regiões mais difíceis e distantes. A riqueza e alicerce da REPAM é o grande número de missionários e missionárias, agentes pastorais inseridos e encarnados ao largo e longo da Pan-Amazônia. Porém, eles estão muito isolados e desarticulados entre si devido às distâncias enormes, geográficas e simbólicas, que a própria realidade amazônica apresenta. E este é um dos grandes desafios da REPAM: como chegar junto a todos esses agentes pastorais e comunidades espalhadas pela Amazônia? Como ajudar a articulá-los em uma grande rede inserida ("entralho de chumbos") na defesa e promoção da vida? Como acompanhá-los e facilitar seus processos de formação? Em uma palavra, como fortalecer e tecer a Rede Inserida da REPAM?

B) Rede Interinstitucional da REPAM ("entralho de boias"). As instituições são fundamentais para dar estabilidade e continuidade à missão. Elas são as boias na malhadeira que ajudam a que ela não afunde e se mantenha boiando e esticada. Nestes quatro anos da REPAM (2014-2018), muito se avançou na articulação da rede interinstitucional ("entralho de boias"). É admirável a ação do Espírito e o esforço concreto de pessoas e instituições, da própria secretaria da REPAM, que em tão curto tempo se tenham conseguido articular e tecer tantas instituições importantes na construção da Rede, começando pelas quatro grandes instituições fundadoras: CELAM, CLAR, SELAC e Comissão para a Amazônia da CNBB. E um número crescente de outras instituições eclesiais, ou afins, com a missão da Igreja na Pan-Amazônia, que continuam somando-se e tecendo a REPAM: universidades católicas e religiosas, congregações religiosas, agências de cooperação católicas, órgãos civis e governamentais, nacionais e internacionais, etc. Com o apoio firme e decidido do papa Francisco muitas instituições eclesiais e não eclesiais se vão somando à REPAM e fortalecendo sua rede a favor da vida.

C) Rede Itinerante da REPAM ("pano da malhadeira"). Entre o "entralho de boias" (Rede Interinstitucional) e o "entralho de chumbos" (Rede Inserida), está o pano da malhadeira formado por muitos fios e pequenos nós tecidos entre si de uma forma muito fina e delicada. O pano da malhadeira é fundamental para poder pegar peixes, para que eles fiquem malhados e não fujam da malhadeira. Porém, se o pano da malhadeira tem só um entralho, ou de chumbos ou de boias, não funciona. Ou vai toda no fundo (só com chumbo) ou é arrastada pela correnteza (só com boias). O pano da malhadeira precisa dos dois en-

tralhos, de boias e de chumbos, para poder prestar bem seu serviço de pescaria. De igual modo, a Rede Itinerante (pano da malhadeira) precisa da Rede Inserida (entralho de chumbos) e da Rede Interinstitucional (entralho de boias) para que a REPAM possa avançar para águas mais profundas e jogar a rede para fazer pescaria abundante na Amazônia.

Por outro lado, se a malhadeira tem muito buraco, ou a malha está rasgada, a pescaria fica muito mais difícil e muito peixe acaba escapando. Um dos serviços da Rede Itinerante da REPAM é inserir-se onde há buracos ou onde a malhadeira está rasgada, onde a vida está mais ferida ou ameaçada, para tentar tecer um novo pano entre as boias e os chumbos, conectar as comunidades e aldeias, as equipes e associações locais, as lideranças de base, a Rede Inserida com a Rede Interinstitucional para fortalecer e defender a vida.

Tudo está interligado: três redes entretecidas

Assim, o corpo em rede que desenvolve a missão na REPAM está constituído por essas três redes fundamentais articuladas e entretecidas entre si com serviços complementários. A Rede Interinstitucional dá estabilidade e continuidade à missão. A Rede Inserida dá proximidade, é o mistério encantatório das equipes missionárias presentes nas comunidades e aldeias, nos rios e estradas, no campo e na cidade, no centro urbano e nas periferias, que acompanham com carinho, ousadia e profecia os processos locais no cuidado e defesa da vida. Por último, a Rede Itinerante dá conectividade entre comunidades e aldeias, entre o campo e a cidade, entre instituições e inserções; da visibilidade às realidades invisíveis para as instituições (porque não chegam) e às inserções (porque estão muito localizadas); da conexão, unidade e inclusão às realidades mais isoladas da região, aproximando-as das instituições e inserções.

Quando estas três redes complementárias da REPAM estão bem equilibradas e articuladas, o corpo apostólico missionário consegue ter uma forte incidência na defesa e promoção da vida da Amazônia, de seus povos e de todos os seres que nela habitam. A intuição do Cláudio de passar de um sistema bipolar, "Instituição – Inserção", a um sistema tripolar que incorpore um terceiro componente dinâmico, "Instituição – Itinerância – Inserção", é válido também para a REPAM.

No corpo apostólico da REPAM é fundamental tecer e articular sua Rede Interinstitucional, sua Rede de Inserção e sua Rede Itinerante

para provocar sinergia num projeto missionário comum, que defenda a vida e enfrente os projetos de morte que se impõem na Amazônia. Neste corpo apostólico articulado, a Rede Itinerante da REPAM também é fundamental: multiplicar os polinizadores por regiões e calhas de rios, por tríplices fronteiras, por regiões culturais e pelos distintos ecossistemas, etc. Uma rede itinerante que conecte e acompanhe, que articule e teça de comunidade em comunidade, de aldeia em aldeia, conectando instituições e inserções, tecendo as fronteiras geográficas e simbólicas, relacionando rios e florestas, fazendo de ponte entre o campo e a cidade, entre a base e as instituições, entre agentes de pastoral e intelectuais académicos, etc.

Outras imagens amazônicas para compreender a Rede Itinerante da REPAM

A Rede Itinerante da REPAM é como a rede fluvial amazônica. "Igarapé" é o nome em tupi dos pequenos afluentes dos rios amazônicos. Na etimologia da palavra "igarapé" estão os conceitos de "água", "canoa" e "caminho". Assim, "igarapé" significa literalmente, "caminho da canoa". Na Amazônia os rios são os caminhos que conectam toda a realidade. É com essa imagem da imensa rede fluvial amazônica conectada e geradora de vida que se pode comparar a Rede Itinerante da REPAM. Ela gera vida facilitando a conexão, fazendo de "ponte", diria Perani ("Projeto de Itinerância", 1996). Ela conecta rios e paranás, lagos e igarapés, selvas e montanhas, comunidades e aldeias, o campo e a cidade, as instituições e as inserções, o povo e os acadêmicos, cosmovisões e experiências de vida, culturas e rituais, fronteiras geográficas e simbólicas. Essa rede fluvial conecta as várzeas alagadiças periodicamente (que representam as inserções) e a terra firme (que representam as instituições).

A Rede Itinerante da REPAM é como os polinizadores diversos da floresta. Uma que identifica o serviço da Equipe Itinerante são as abelhas. O serviço itinerante capta os néctares das distintas flores misturando-os e produzindo o mel; fecunda a floresta levando o pólen de uma planta para outra; dá ferroadas (denúncia) para defender a vida quando ela é ameaçada; e também sofre as consequências dos "inseticidas" sofrendo as ameaças dos "agrotóxicos" (projetos de morte) que os grandes interesses econômicos espalham pela Amazônia. De igual

modo a Equipe Itinerante poliniza anunciando a "vida abundante" e denuncia a morte violenta e injusta que Deus não quer. A Equipe capta os néctares das experiências e as sistematiza, conecta experiências para que se fecundem mutuamente, também participa das perseguições e ameaças que o próprio povo sofre.

Porém, não são só as abelhas as que polinizam a floresta. A grande diversidade do mistério da vida no bioma amazônico depende do serviço de uma enorme quantidade e diversidade de polinizadores: abelhas de distintas espécies, umas com ferrão e outras sem ferrão, borboletas, besouros e outros insetos, pássaros, morcegos, pequenos roedores e animais, e até o contínuo correr do rio com seus peixes, que levam o pólen e as sementes de um lado para outro da floresta polinizando e fecundando toda a selva, renovando e multiplicando continuamente a vida. E entre todos esses polinizadores está o grande polinizador, o "Vento do Espírito", que não sabemos de onde vem, nem para onde vai.

Essa imagem da diversidade de polinizadores na floreste serve para entender o serviço da Rede Itinerante da REPAM. Ela ajuda a conectar, fecundar e provocar sinergia na missão da Igreja na Amazônia. Ela conecta e articula as comunidades e aldeias entre si, as que estão nas cabeceiras do rio com as que estão no curso médio e baixo, as de um rio com as do rio vizinho, as comunidades e aldeias com as instituições da cidade, as instituições entre si, ambos os lados das fronteiras geográficas e simbólicas, etc.

Para continuar itinerando... para outras margens e para águas mais profundas...

Para nascer de novo há que morrer primeiro. Já com os anos avançados, pouco antes de iniciar os cinco meses da via-sacra da doença, nos momentos de partilha mais íntima, pe. Cláudio rachava o coração e confessava: "Me sinto sozinho; uma solidão muito grande e profunda inunda meu coração". É o mistério dos profetas que se debatem entre fortaleza e fragilidade, entre alçar a voz de denúncia e anúncio no meio da multidão e a solidão da incompreensão, muitas vezes interna. É a intensa experiência de sentir-se profundamente confiado e entregue nas mãos de Deus, sustentado só nele, que é quem dá a fortaleza e nos ajuda a morrer para nascer de novo.

A Equipe Itinerante nesta nova etapa está convidada a morrer para nascer de novo. Depois de 20 anos de caminhada por estradas, rios e selvas amazônicas, necessita continuar confiando só nEle, entregar-se e enterrar-se na Mãe Terra para morrer e nascer de novo. Confiar só em Deus e em seu Espírito, que foi quem animou o primeiro nascimento da Equipe e a convida agora, nesta nova conjuntura da REPAM e sua Rede Itinerante, a morrer e nascer de novo. Com a floresta amazônica aprendemos que há que colocar a semente na terra para dar novos e muitos frutos. "Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo que cai na terra não morre, ele continua só um grão de trigo; mas se morre, então produz muito fruto" (Jo 12,24). A Equipe Itinerante continua rezando, ressoando e vivendo as palavras do Cláudio: "Não se preocupem com os resultados, o Espírito irá mostrando o caminho" (Perani, 1998).

"Disponibilidade de andar por onde não quero". Kiki, irmã confidente do Cláudio, encontrou entre seus papéis as notas pessoais do último retiro espiritual que realizou:

> Termino os Exercícios Espirituais na intimidade consoladora de Jesus: «Cláudio, tu me amas?» Claro, permanece um pouco de tristeza, pois meu amor é fraco e limitado. Mas Jesus faz a parte dele". "Um outro apelo de Jesus agora que sou velho é a disponibilidade de «andar onde não quero». Sem me preocupar. Somente seguindo Jesus. Siga-me!

Agora Cláudio "ITINERA" plenamente conosco por toda a Amazônia, ele continua convidando a sair da zona de conforto e "itinerar por onde não queremos!"

"Coragem, comecem por onde possam!" Que Cláudio, com seu espírito profético, continue inquietando-nos e animando-nos para sairmos da zona de conforto e avançarmos para "outras margens" e para "águas mais profundas" (Lc 5,1s), para continuar tecendo a REPAM e a Rede Itinerante da REPAM, ali onde as feridas estão mais abertas e a vida mais ameaçada, da Amazônia e da "Casa Comum" do planeta. "Coragem, comecem por onde possam!" (Perani, 1998).